

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

WILSON LUIZ LINO DE SOUSA

**NO CIRCUITO DANÇANTE DE SÃO
CAETANO DO SUL: juventude,
liberdade e prazer no lazer
noturno urbano**

Campinas
2000

WILSON LUIZ LINO DE SOUSA

**NO CIRCUITO DANÇANTE DE SÃO
CAETANO DO SUL: juventude,
liberdade e prazer no lazer
noturno urbano**

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação Física. Área de concentração Estudo do Lazer.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Heloisa Turini Bruhns

Campinas
2000

WILSON LUIZ LINO DE SOUSA

**NO CIRCUITO DANÇANTE DE SÃO CAETANO DO
SUL: juventude liberdade e prazer
no lazer noturno urbano**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendido por Wilson Luiz Lino de Sousa e aprovada pela Comissão julgadora em: 22/02/2000.

Prof^ª. Dr^ª. Heloísa Turini Bruhns
Orientadora

Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus

Prof. Dr. Edílson Fernandez de Souza

Campinas
2000

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF
UNICAMP**

So85n	<p>Sousa, Wilson Luiz Lino de</p> <p>No circuito dançante de São Caetano do Sul: juventude, liberdade e prazer no lazer noturno urbano / Wilson Luiz Lino de Sousa. - Campinas, SP : [s.n.], 2000.</p> <p>Orientador: Heloisa Turini Bruhns Mestrado (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.</p> <p>1. Lazer. 2 . Corpo humano. 3. Música e juventude . 4. Liberdade. 5. Prazer. I. Bruhns, Heloisa Turini. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.</p>
-------	---

Agradecimentos

Este é um momento de reflexão marcado pela lembrança. Em uma fração de segundo passaram diante de meus olhos pessoas e situações que, de uma maneira ou outra, influíram na realização deste trabalho. Gostaria de dividir com estas minhas alegrias e, neste espaço, reconhecer sua valiosa contribuição.

Aos “sujeitos” desta pesquisa, pela valiosa contribuição, pelo interesse e carinho demonstrado durante a sua realização.

Aos proprietários dos estabelecimentos estudados: Vladimir Taricano, Marcelo de Sá Paiva e Souza, Marco Galo, Laerte Samperi, Luiz Samperi e José Carlos Marun, que gentilmente permitiram-me o acesso às instalações, contato com seus clientes e funcionários, contribuindo, ainda, com valiosas informações.

À Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, por disponibilizar-me seu acervo.

À Universidade Cruzeiro do Sul pela oportunidade e contribuição durante o período de realização desta.

À Heloisa, por sua orientação, compreensão e respeito demonstrados durante todo o processo.

Aos examinadores da dissertação, os professores Adilson Nascimento de Jesus e Edilson Fernandes de Souza pelas valiosas sugestões e pela incondicional presença.

Aos companheiros Giuliano, Sandoval, Uvinha, Chao, Alcyane e Ana de Pelegrin pelo constante apoio, pois sem a colaboração constante destes eternos “camaradas” certamente em não teria conseguido trilhar este caminho. À estes minha imensa gratidão.

Aos amigos e amigas, Luciana, Rogério, Giovanni, Edgar, Sílvio, Andreia, Maria Cristina, Kátia, Cris Ker, Maria Georgina, Larissa, Sandra, Sílvia e Victor Melo.

Aos funcionários e docentes da Unicamp, em especial César, Carmem, Tânia,

Kleber, Fátima, Sílvio, Geraldo, Paulo, Sinval, Dulce e Gonzaga; Villarta, Barbara, Vilma, Marcellino, Lino, Jocimar, Bramante, Gebara e Trigo.

À família, pelo apoio, incentivo e compreensão nos momentos de grande aflição.

Ao amigão, Edson Marcelo, pelo incentivo, pelas dicas, por disponibilizar sua biblioteca e por estar presente e disposto a contribuir, sempre.

À amiga Marília Vellardi, pelo toque decisivo no momento da opção.

Ao Professor Edson Claro pelo incentivo, pela cobrança, pela orientação no início deste caminho.

Aos amigos, com os quais compartilho o ambiente de trabalho, Genny Cavallaro, Marcelo Pereira, Ney, Cacau, Adriana Wensko, José Martins Filho, Renato, Marcos, Timóteo, Aílton Figueira, Denise, Márcia, Fátima, Ana Maria e Daniel Carreira.

Um agradecimento muito especial à minha esposa, Edna Marisa, pelo carinho e companheirismo em todos os momentos.

Encerrando, agradeço a bolsa concedida pela CAPES e os auxílios da FEF/Unicamp e FAEP/Unicamp, os quais foram essenciais à realização do trabalho e participação em eventos científicos entre 1997 e 2000.

SOUSA, Wilson Luiz Lino de Sousa. NO CIRCUITO DANÇANTE DE SÃO CAETANO DO SUL: juventude, liberdade e prazer no lazer noturno urbano. 2000. 159f. Dissertação de Mestrado -Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

RESUMO

Este estudo aborda, por meio de uma análise sociocultural, o lazer dançante noturno em São Caetano do Sul. O enfoque recaiu sobre os espaços das discotecas, *Twist's*, *Duboiê* e Atlanta, seus freqüentadores, funcionários e proprietários buscando compreender como estes percebem, experimentam e relacionam-se em suas instalações e nos arredores, identificando, ainda, as principais motivações e interesses. A análise dos dados coletados permitiu identificar a manifestação dos mitos da juventude, da liberdade e do prazer e suas influências quanto à inclusão/exclusão de participantes neste tipo de atividade, bem como, sua importância na construção/manutenção daqueles espaços. As observações e entrevistas tiveram como referência vozes e ações dos sujeitos da pesquisa, agentes dinâmicos na composição do estudo, indicando que nesta manifestação apresentam-se vínculos estabelecidos entre as pessoas, os espaços, e a cidade resignificando-os contínua e mutuamente, permeados de elementos da cultura metropolitana e influenciados pelo momento histórico atual.

Palavras-Chaves: 1. Lazer, 2 . Corpo humano, 3. Música e juventude, 4. Liberdade, 5. Prazer.

SOUSA, Wilson Luiz Lino de. The Dancing Arrangement in São Caetano do Sul: youth, freedom and the leisure pleasure of urban night. 2000. 159f. Dissertação de Mestrado -Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

ABSTRACT

The present study contemplates, by means of a social and cultural analysis, the night time dancing leisure in the City of São Caetano do Sul, in the State of São Paulo. It focuses on the spaces of the night clubs, such as *Twist's*, *Duboiê* and *Atlanta*, their customers, employees and owners, with a view to understanding their the way they realize, experience and relate in their totality, and also concentrates on their main motivations and interests. Through the analysis of the collected data, the manifestation of the myths of youth, freedom and pleasure and their influence as to inclusion/exclusion, in this kind of activity, have become evident, as has their importance in the development and maintenance of such spaces. The remarks and interviews referred to voices and behaviors of the subjects of the research, who have been dynamic agents throughout the composition of this study, indicating herein the presence of bonds set between people, spaces and the city, continuously and mutually granting each other with new meanings, bonds which are permeated with elements of the metropolitan culture and influenced by the current historical moment.

Keywords: 1. Leisure, 2 . Human body, 3. Music and youth, 4. Freedom, 5. Pleasure.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Vista aérea noturna do cruzamento entre a Av. Goiás e a Rua Oswaldo Cruz.....	34
Figura 2 -	Praça <i>Di'Thiene</i> , na cidade de São Caetano do Sul.....	35
Figura 3 -	Cruzamento entre a Av. Goiás e a Rua Senador Roberto Simonsen.....	36
Figura 4 -	Trânsito e movimento na esquina da Av. Goiás com a Rua Goytacazes, num sábado à noite.....	58
Figura 5 -	Equipamento de som adaptado à traseira do veículo.....	59
Figura 6 -	Jovens urbanos que prezam o estilo <i>Country</i> , na cidade de São Caetano do Sul.....	60
Figura 7 -	Espaço da choperia <i>Duboiê</i>	96
Figura 8 -	Caixa e Chapelaria, no <i>Duboiê</i>	99
Figura 9 -	Parte das dependências do bar e os <i>barmans</i> , no <i>Duboiê</i>	101
Figura 10	Dinâmica nas proximidades do bar <i>Duboiê</i>	102
Figura 11	Banda <i>Áries</i> , no <i>Duboiê</i>	108
Figura 12	Visão da pista em um momento dançante, no <i>Duboiê</i>	110
Figura 13	A expressão ao som do <i>Rock and Roll</i> , no <i>Duboiê</i>	111
Figura 14	Espaço interno do <i>Duboiê</i>	112
Figura 15	Espaço interno do <i>Duboiê</i>	115
Figura 16	Dinâmica da pista na hora do <i>show do Duboiê</i>	116
Figura 17	Dinâmica da pista na hora do <i>show do Duboiê</i>	116
Figura 18	Formação da fila de entrada na Atlanta	120
Figura 19	Revista na entrada, na Atlanta	120
Figura 20	Aquisição do ingresso na Atlanta	121
Figura 21	Chapelaria e Caixa da Atlanta	121
Figura 22	Os Jovens e o bate-papo, na Atlanta	123
Figura 23	Momentos de descontração no <i>puff</i> , na Atlanta	126
Figura 24	Codorna e Rodrigo na Atlanta	130
Figura 25	Visão panorâmica da pista da Atlanta	133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1 PERCORRENDO OS TRAJETOS NOTURNOS.....	24
1.1 Sobre a cidade.....	24
1.2 Identificando os trajetos noturnos.....	31
2 POR DENTRO DO EMBALO.....	71
2.1 Sobre a Fila.....	71
2.2 Enfocando a <i>Twist's</i>, o <i>Duboiê</i> e a <i>Atlanta</i>.....	77
2.3 As articulações.....	136
ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES.....	156
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	161

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF
UNICAMP**

So85n	<p>Sousa, Wilson Luiz Lino de</p> <p>No circuito dançante de São Caetano do Sul: juventude, liberdade e prazer no lazer noturno urbano / Wilson Luiz Lino de Sousa. - Campinas, SP : [s.n.], 2000.</p> <p>Orientador: Heloisa Turini Bruhns</p> <p>Mestrado (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.</p> <p>1. Lazer. 2 . Corpo humano. 3. Música e juventude . 4. Liberdade. 5. Prazer. I. Bruhns, Heloisa Turini. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.</p>
-------	--

Introdução

Todo mundo espera alguma coisa
De um Sábado à noite
Bem no fundo todo mundo quer zoar
Todo mundo sonha em ter
Uma vida boa
Sábado à noite tudo pode mudar
A semana passou num piscar de olhos
Eu não vi
E o tempo que voa como um vento
Não senti
Minha Vida está congelada
Desde a última vez que vez que lhe vi

Sábado à Noite, Lulu Santos

A canção de Lulu Santos, gravada pelo grupo Cidade Negra, descreve numa linguagem poética alguns dilemas e possibilidades presentes no cotidiano urbano. Similar ao argumento da música é o enredo do filme, dirigido por John Badham e que bateu recordes de bilheteria no final da década de setenta, *Os Embalos de Sábado à Noite*. A personagem principal, Toni Manero (John Travolta) um jovem trabalhador, investe grande parte de seu salário em roupas, calçados, e outros acessórios para brilhar no sábado à noite, quando tudo pode mudar.

Mais recentemente, em 1998, dois outros filmes abordaram questões referentes à temática. O primeiro, lançado no início do referido ano, *The Last Days of Disco* retrata o cotidiano de duas garotas, recém egressas de uma universidade, que moram e trabalham juntas, disputam a atenção dos rapazes, e todas as noites saem para dançar, em busca de diversão. Apesar de não ser

explícita a alusão ao *Studio 54*¹ é óbvia. A decoração, as luzes, o espaço e principalmente a fila e a ação dos *Doormans*, como forma de controle e seletividade, logo na entrada remetem imediatamente ao famoso clube novaiorquino.

No segundo a alusão à casa noturna é direta apresentando-se desde o título, *Studio 54*. Lançado nos EUA em agosto de 1998, e disponível no Brasil, em vídeo, a partir de abril de 1999, o filme buscou retratar com rigor o espaço e a dinâmica da *casa*, a partir de seus personagens principais, como o *bartender*, a garota da chapelaria, o porteiro, os freqüentadores e, claro, o polêmico proprietário Steve Rubell. (Cf. Blanco, 1998, p. 5).

Tanto o trecho da música quanto os enredos dos filmes evocam o universo do lazer dançante e sua dimensão enquanto fenômeno urbano e de massa das cidades modernas.

Nos últimos anos vimos proliferar na cidade de São Paulo, na verdade o fenômeno ocorre nas grandes capitais, casas noturnas oferecendo atividades dançantes similares às encontradas nos clubes retratados pelos filmes anteriormente citados².

O Guia da Folha³, conhecido por divulgar programas de lazer na cidade, apresenta semanalmente pelo menos dez casas noturnas “onde pode-se

¹ *Studio 54* foi um clube novaiorquino, inaugurado em 1977, que tornou-se famoso por ser prestigiado por muita gente famosa, inclusive, grandes estrelas de Hollywood. Na lista de personalidades freqüentantes encontravam-se: Frank Sinatra, Warrem Beatty, Andy Warhol, Bianca Jagger, Mikhail Baryshnikov, entre outros. Segundo o diretor do filme *Studio 54*, Mark Christopher, (*apud* Blanco, 1998, p. 5), o lugar ficou conhecido, também, pela total liberdade propiciada aos seus freqüentadores; o diretor faz alusão à possibilidade, que existia nos espaços do clube, para uso de drogas, relações sexuais, danças eróticas, com nudez parcial ou total, dentre outras manifestações ocorridas no local.

² O assunto foi abordado na revista *Veja* São Paulo de 23 de agosto de 1999, inclusive em seus aspectos mais polêmicos. Nesta reportagem evidenciou-se haver **regras rígidas no controle de quem pode ou não divertir-se** nas casas noturnas **mais badaladas**. Evidenciando o espaço, a iluminação, a decoração, a fila e os **critérios de seleção** a matéria explicita a similaridade entre o fenômeno paulista, a histórica casa novaiorquina e as “*cenas encontradas nos clubs londrinos após o verão do amor em Ibiza*” (Cf. Palomino, 1999, p. 85) Grifo meu.

encontrar agito”. Na Internet, o roteiro das festas pode ser encontrado na página !OBAOBA - Balada para o seu fim-de-semana, ou no ícone sobre Diversão, na página da Universo *On Line*, entre outras.

No ano de 1999, vários foram os estabelecimento que mereceram atenção dos meios de comunicação de massa, seja pelo agito, pela fila, ou ainda por seus ilustres proprietários; sendo estes alguns dos componentes da chamada *Cultura Clubber* (Cf. Palomino 1999). Dentre as *casas* badaladas destaco três grandes cujos proprietários são figuras públicas. A primeira é o *Gitana*, a qual tem como sócio-proprietário o ator cinematográfico Christopher Lambert, cujo endereço é R. das Olímpias, 296, e tem capacidade para receber setecentas pessoas. A Segunda, no mesmo endereço da anterior sob o número 272, chama-se *Donna II Club* e tem a modelo Adriane Galisteu como sócia-proprietária, sua capacidade é de oitocentos lugares. A última, desta pequena lista, é de propriedade do ator Eri Jonhson. Localizada em Moema, também na Grande São Paulo, comporta aproximadamente seiscentas pessoas e chama-se *Fui*.

Ainda em 1999, a jornalista Erika Palomino, responsável pelo caderno Noite Ilustrada na Folha de São Paulo, disposta a registrar a história da juventude nos anos noventa publicou o livro *Babado Forte: moda, música e noite na virada do século 21*. Segundo a própria autora, “...trata-se de um documento da cultura jovem urbana brasileira a partir da ótica dos clubes noturnos, dentro da abordagem da vanguarda e da modernidade”.

A autora procurando identificar os movimentos dessa geração detecta outra forma de manifestação pautada na relação juventude, música e dança. Referindo-se às *raves* mostra a influência dos *clubs* sobre estas, e vice versa.

³ Guia da Folha é um suplemento da Folha de São Paulo que aos domingos traz um roteiro da cidade. Tem em média oitenta páginas e reúne informações sobre, Teatro, *Shows*, Cinema, restaurantes, exposições, casas noturnas, ou seja, distintas formas de entretenimento.

Buscando situar historicamente o fenômeno no país afirma sobre as primeiras experiências ocorrerem no Rio de Janeiro a partir de 1993, influenciadas, sobre tudo, pelos agitos que desde 1988 promoviam significativas alterações no comportamento do jovem londrino. Já para o estado de São Paulo o início da realização das festas ocorreria a partir de 1995, porém com um significativa diferença tanto no número de participantes, em São Paulo era quatro vezes maior, quanto na orientação, que neste estado era predominantemente heterossexual.

Abramo (1994) identificou na vivência juvenil a importância exercida pelos meios de comunicação de massa. Para a autora há uma relação de apropriação e reapropriação recíproca entre jovens e indústria cultural, onde os primeiros realizariam criações culturais e inovações a partir dos bens fornecidos pela indústria cultural cabendo a esta, captar, reproduzir e divulgar essas criações.

Estimulado pela temática e reconhecendo a importância das manifestações dançantes como opção de lazer no contexto da cidade, bem como, sua relevância⁴ enquanto objeto de pesquisa, abordei neste estudo, através de uma análise sociocultural, o lazer dançante noturno em São Caetano do Sul. O enfoque recaiu sobre os espaços das discotecas⁵, *Twist's*, *Duboiê*⁶ e

⁴ A atividade de lazer em questão, noturna dançante, engendra regras próprias de utilização do tempo livre sendo possível, portanto, compreender sua dinâmica abrangendo formas variadas de entretenimento e encontro nas quais é possível estabelecer, revigorar exercitar regras de reconhecimento e lealdade que garantem a rede básica de sociabilidade, o que, segundo Magnani (1996, p. 32), não seria de pouca importância para uma população cujo cotidiano não se caracteriza exatamente pelo gozo pleno dos direitos de cidadania.

⁵ Segundo Palomino (1999) discoteca, danceteria e *Club* são formas distintas de se referir a atividade de lazer, geralmente noturna, que acontece em determinados estabelecimentos tendo na música e na dança seus principais atrativos. A autora esclarece ainda que a primeira forma é a mais antiga e remonta ao movimento dançante da década de setenta. Já a segunda forma refere-se aos espaços na década de oitenta, e a última é a forma mais utilizada na atualidade. Vale registrar que a alteração mencionada pela autora não refere-se somente a nomenclatura, mas também a toda um conjunto de idéias, atitudes e comportamentos, músicas, etc.

⁶ É necessário ressaltar que este detém características mais próximas a um *bar dançante*, do que a uma discoteca.

Atlanta, seus freqüentadores, funcionários e proprietários buscando compreender como estes percebem, experienciam e relacionam-se em sua totalidade atento, ainda, às principais motivações e interesses. Os espaços dos estabelecimentos demonstraram-se privilegiados para reconhecimento e registro da diversidade cultural, de práticas culturais através das quais pôde se concretizar “*a compreensão, através do olhar antropológico*”⁷. (Cf. Magnani, 1996). Através deste recorte busquei captar os significados, os valores, os símbolos que permeiam os comportamentos humanos presentes nestas experiências de sociabilidade.

Quando da fase exploratória⁸, notei constante referência dos entrevistados à juventude, à liberdade e ao prazer como maneira de descrever, e até mesmo justificar tal opção. Desta forma as categorias foram incluídas no estudo afim de nortear a problemática envolvendo a manifestação estudada. Porém, gostaria de ressaltar que a proposta deste foi a de um tratamento, por assim dizer, concreto, que não fez apelo a uma discussão sobre os conceitos, mas buscou uma aproximação a um objeto visual carregado de experiência vivida, ao mesmo tempo individual e coletiva, e, assim, portador de emoção e de memória. Desta forma, a discussão teórica sobre os conceitos juventude, liberdade e prazer não foi realizada⁹, pois seria falar não do *quadro* a que estamos a observar, mas de outra coisa.

A escolha de São Caetano do Sul para este estudo ocorreu por diversos motivos. Dentre eles, a proximidade de minha residência ao espaço estudado, minha inserção no cotidiano da cidade, uma vez tendo estudado e trabalhado

⁷ Embora sem a pretensão de realizar uma pesquisa antropológica, nos termos exigidos por essa área do conhecimento.

⁸ Para Deslandes (*apud* Minayo, 1994, p. 32) são várias as fases, dentre as quais a “exploração do campo”, nosso caso.

⁹ No entanto, a bibliografia na qual a discussão foi devidamente tratada foi consultada e será devidamente indicada nos momentos adequados.

durante anos na cidade reunindo um conhecimento considerável sobre sua dinâmica cultural e, finalmente, por ser freqüentador dos estabelecimentos em questão, inicialmente promovendo facilidades para viabilização do trabalho.

Refletir sobre os espaços de lazer em minha região constituiu-se num exercício de olhar para o hoje e perceber no presente o ontem. Dizendo de outra forma, ao analisar as formas de lazer dos jovens urbanos hoje, e em específico as manifestações dançantes, relembrei minhas experiências, meus gostos, meus anseios, minhas oportunidades.

Neste exercício foi possível identificar antigos *pedaços*¹⁰ e novas *manchas*¹¹ a partir da reestruturação destes espaços, encontrando assim novos equipamentos de lazer como por exemplo novos bares, restaurantes, cinemas, etc., os quais por competição ou complementação integram neste momento a nova paisagem.

Notei ainda algo já mencionado por Magnani (*op.cit.*) sobre a relação do antigo e do moderno, o velho e o novo, o tradicional e a vanguarda, a periferia e o centro, o rico e o pobre, o caro e o barato, partindo das possibilidades concretas de entretenimento. São modalidades de lazer, talvez sem a sofisticação das últimas novidades da indústria do lazer, nem apresentam conotações políticas ou de classe explícitas, mas estão

¹⁰ Para Magnani, (1996, pp. 39-40) quando o espaço - ou um segmento dele - é demarcado por locais de encontro ou lazer situados nos limites da vizinhança e estão portanto sujeitos a determinada forma de controle, torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de freqüentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebendo o nome de *pedaço*.

¹¹ Utilizarei o termo *mancha* para me referir a “...áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam - cada qual com sua especificidade, competindo ou completando - uma atividade ou prática predominante. Numa mancha de lazer os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição ou complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituem pontos de referência para a prática de determinadas atividades.” Magnani (1996, pp. 40-42). Esclarece ainda o autor que esta categoria não se restringe ao lazer, e utiliza como exemplos pontos da cidade de São Paulo conhecidos por abrigarem atividades comerciais de produtos com mesma características, como por exemplo as lojas de tecidos e malhas existentes no bairro do Brás.

profundamente vinculadas ao modo de vida (hábitos, crenças, valores, etc.) da população.

Como ressalta o autor *“recortar um objeto ou tema de pesquisa na cidade não implica cortar os vínculos que mantém com as demais dimensões da dinâmica urbana, e em especial, e da modernidade, em geral...”*. (p. 47)

As divisões geográficas processadas até meados da década de sessenta, levaram à constituição do que viria a ser conhecido como “região do ABC”, naquele momento composta pelos Municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

Neste sentido, enfocar o Município de São Caetano do Sul, sem integrá-lo ao ABCDMRS, parece um pouco ilusório, afirma Romeiro (1997, p. 62), isso porque *“...a malha urbana das cidades é integralmente conurbada, ou seja, a divisão da região em sete cidades dá-se somente sob a óptica legal, pois em termos reais a integração da região é cada vez maior, com deslocamentos freqüentes da população para o exercício ou a busca de trabalho, educação, consumo, etc.”*.

Na verdade o enfoque levou em conta toda a Grande São Paulo, em função da dinâmica estabelecida no fluxo entre as cidades que a compõem.

Como observa Santos (1997, p. 57), a relação *“...social, por mais parcial ou mais pequena que pareça, contém parte das relações que são globais (‘mais pequena’ é escrito aqui no sentido hispânico de menor de todas)”*.

Observo nas importantes palavras do geógrafo considerações relevantes para a realização de um trabalho acadêmico científico que dimensionando determinado espaço corra o risco de considerar apenas o lugar, *“...como se ele tudo explicasse por si mesmo, e não a história das relações, dos objetos sobre os quais se dão as ações humanas, já que os objetos e relações mantêm ligações dialéticas, onde o objeto acolhe as relações sociais e estas impactam*

os objeto”. (op. cit., p. 57).

Domenico de Masi, sociólogo italiano que esteve no Brasil, mais precisamente em São Paulo, em outubro de 1998 participando do 5º Congresso Mundial de Lazer, organizado pelo SESC (Serviço Social do Comércio) em parceria com a WLRA (World Leisure and Recreation Association), demonstrou em sua conferência, “O amanhecer do 3º Milênio: Perspectivas para o Trabalho e o Tempo Livre”, ser necessário para uma análise rigorosa sobre as questões que envolvem o lazer considerar os aspectos mais amplos das transformações societárias por que passa o mundo contemporâneo.

Há consenso que poucas vezes na história da humanidade observou-se tantas transformações como as ocorridas nos últimos anos. Mudanças estas de ordem social, cultural, política e econômica que provocaram alterações significativas no mundo.

A partir de meados da década de setenta as transformações ocorridas alcançaram um nível de profundidade e velocidade nunca visto anteriormente e, diretamente ligadas a profunda crise mundial a partir das mudanças ocorridas no padrão de acumulação, alterando significativamente todo o tecido social.

Húngaro (1998) escrevendo sobre estas transformações faz considerações importantes.

Com relação às modificações econômicas, mostra-nos o autor, que o padrão Taylorista/Keynesiano de acumulação, vigente até aproximadamente meados da década de setenta quando seu esgotamento tornou-se visível, começa ser substituído gradativamente pelo padrão fundado na chamada flexibilização, ou acumulação flexível, trazendo consigo novas formas produtivas (como o toyotismo), novas relações globais (globalização), a

financeirização (crescimento fantástico da especulação financeira), a revolução informacional (passagem da indústria eletromecânica para eletrônica), e uma desterritorialização do capital, ou seja, ele passa a não ter fronteiras, principalmente a partir da formação dos megablocos transnacionais. O autor ressalta, com relação à produção, em decorrência das novas tecnologias “...um crescente aumento da economia de trabalho vivo, (acentuando o desemprego)¹²”.

Continuando sua exposição o autor, com o qual estamos dialogando, segue demonstrando, com relação aos aspectos sociais, fenômenos que servem de exemplos para essas mudanças, como o grande aumento da urbanização, o crescimento de atividade de serviços, a difusão da educação formal, a mudança do perfil demográfico das populações e a individualização do lazer.

Com relação aos aspectos culturais, as transformações foram influenciadas fundamentalmente pela indústria cultural. Surge uma indústria de entretenimento, baseada no espetáculo, que influencia os padrões de expressão cultural utilizando-se como meios a comunicação de massa, rádio, TV, revistas, etc., sendo estes os responsáveis por difundir comportamentos, hábitos, e a moda.

Para Húngaro, essas transformações relacionam-se diretamente com as transformações políticas que ocorrem no mundo contemporâneo, como “...fortalecimento de uma oligarquia financeira transnacional, uma descaracterização da clássica oposição capital vs. trabalho (já que o capital deixa de ter pátria), o enfraquecimento do movimento operário (já que cresce cada vez mais o desemprego em função das novas tecnologias), tudo isso acompanhado pelo surgimento dos chamados movimentos sociais (movimento

¹² Para um aprofundamento nas questões envolvendo as metamorfoses nas formas de produção, bem como suas conseqüências sobre o trabalho e o tecido social, ver Antunes (1999 a e b).

dos sem-terra, movimento dos sem-teto, movimento dos aposentados, movimento negro, movimento gay, etc.). Somado a isto temos ainda a crise de sistemas sociais; sistemas estes que foram fundamentais para o fortalecimento dos direitos sociais: o socialismo e a social democracia”.

Tais transformações, aliadas à influência da indústria cultural, entre outros fatores, promoveu significativa diferença no modo de ver, pensar, e agir do homem contemporâneo, constatado através de suas prática cotidianas, seus valores, etc.

Sant’Anna (1996) desenvolveu um estudo sobre a subjetividade, utilizando o corpo como fio condutor e numa perspectiva histórica. A autora argumenta sobre a busca da verdade ser “... *um fato histórico, comprometido com espírito de uma época*”. Relatando sobre a década de 1970, demonstra como a história passou a ser um campo propício para o desenvolvimento de abordagens, problemas e objetos considerados até então de pouca importância ou inadequados à pesquisa científica, e afirma: “*Em vez de se limitar à narrativa dos ‘grandes homens’, tratou-se de investigar a vida cotidiana de homens e mulheres comuns, examinar seus modos de (...) se divertir, suas práticas e representações corporais*”. Desta forma conclui a autora que a própria “...*subjetividade ganhou uma espessura histórica...*”.

É possível notar no âmbito da localidade, onde se torna possível o contato direto com o sujeito, as influências das transformações anteriormente citadas, principalmente nas zonas urbanas nas quais as atuais condições sócio-econômicas favorecem a formação de um ambiente onde o cidadão convive com os benefícios próprios da modernização, inclusive em seus aspectos contraditórios, como por exemplo o desemprego, a violência, a poluição, a deterioração dos espaços públicos do lazer.

Sobre a construção metodológica

Neste estudo prezou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, apoiando-se no referencial da análise cultural proposta por Geertz (1989, p. 38), tendo como objetivo “...*tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados; apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-as exatamente em especificações complexas*”.

A pesquisa construiu-se na confluência entre o teórico e o empírico, sendo as duas, vertentes de qualquer pesquisa que não seja mera especulação ou credulidade simplória sobre o observável¹³. Existem fronteiras entre estas, difíceis de serem transpostas e colocadas em campos opostos, pois interpenetram-se na investigação de algo sobre a realidade.

Assim, combinei pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, inserindo-me enquanto pesquisador no grupo estudado, buscando aproximação estreita, e através desta, elucidar os indivíduos sobre as questões norteadoras do estudo.

Com relação à primeira, encontrei certa dificuldade. Talvez por focar um assunto não tratado com a devida intensidade e profundidade.

No material levantado encontrei na dissertação de mestrado de Marinês Antunes Calil, “*A Aventura do Estilo – um pequeno estudo dos ‘fashion clubs’ do gênero ‘Dance Music’ na cidade de São Paulo*”, de 1994, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, e na dissertação de Helena Wendel Abramo, “*Grupos juvenis nos anos 80 em São Paulo: um estilo de atuação social*”, defendida em 1992, junto ao Departamento de Sociologia da FFLCH da USP, e que em 1994, sofrendo

¹³ Pedro DEMO, *Metodologia Científica em Ciências Sociais*, p. 102.

algumas modificações, foi publicada sob o título *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*, referencial básico para a reflexão e elaboração inicial, bem como apontamentos e referencial bibliográfico para aprofundamento necessário.

Para a realização da pesquisa de campo utilizei-me da combinação dos princípios de documentação direta e de entrevistas. Para a primeira utilizei a técnica de observação participante, sendo importante mencionar que o registro dos dados foram efetuados no local onde ocorreram os eventos, através da utilização do caderno de campo¹⁴. As entrevistas foram semi-estruturada do tipo tópica, onde, segundo Abramo (1979), o pesquisador apresenta de forma gradativa itens verbais relacionados à temática geral proposta para que o entrevistado se pronuncie sobre estes; utilizei o gravador para efetuar os registros.

Segundo Magnani (1984, p. 166), a observação direta e participante, além de não constranger os sujeitos como nos questionários “...*com suas perguntas à queima roupa e fora de situação...*”, possibilita o fornecimento da informação de maneira tranqüila, onde “..*a resistência em falar sobre questões supostamente irrelevantes, como os momentos de encontro e diversão, é substituída por múltiplos e expressivos códigos: as pessoas falam com o corpo, com a roupa, com as regras e as formas de organização, e também com a palavra*”.

Cabe ressaltar sobre a utilização desta técnica por não constituir-se em prática cotidiana, engendrou dificuldades as quais o pesquisador teve que estar atento afim de superá-las. Um destes casos refere-se a relação entre o observador e a realidade observada; Abramo (1979, p. 78) faz-nos lembrar

¹⁴ Cabe ressaltar a importância deste instrumento para o registro dos códigos expressos através do corpo, das roupas, das regras e das formas de organização, enfim, das informações relevantes na construção do estudo considerando a importância do detalhe no fornecimento de elementos ricos para análise.

que o “...observador da realidade social é um ser social, e sua observação estará sempre condicionada pela sua localização espacial e temporal”.

A amostra é estratégica, escolhida de acordo com a representatividade social, não utilizando, pois análise estatística. Ao privilegiar a aproximação do pesquisador ao grupo pesquisado (freqüentadores das casas noturnas, pessoas relacionadas à *casa*, e outras que de uma maneira ou outra contribuíram com a construção do estudo) pressupõe-se a aproximação sujeito e objeto. Esta se dá na prática social do sujeito, onde este apreendendo a realidade através de sua atividade, apresentou-se como um sujeito ativo, embora submetido a condicionamentos sociais.

As observações necessárias para a realização da pesquisa, foram realizadas nos espaços de lazer propostos, considerando-os em sua totalidade¹⁵.

Inicialmente estas ocorreram de forma exploratória onde procurei, além de obter um panorama geral da realidade investigada uma aproximação ao objeto de estudo que, necessariamente, se deu em duas fases.

Na primeira, busquei a aproximação com os proprietários e gerentes dos estabelecimentos estudados de maneira a garantir a viabilização desta, pois dependia de suas autorizações.

Na segunda, a intenção era inserir-me no contexto estudado participando e buscando a aproximação com os sujeitos da pesquisa e a partir

¹⁵ Aqui “totalidade” deve ser compreendida como a realidade em sua integridade, a interação das partes na formação do todo, ou seja, refletindo as mediações e transformações abrangentes, mas historicamente mutáveis, da realidade objetiva. Milton Santos (1997, p. 94) compreende como necessária a distinção entre totalidade e totalização, onde a primeira é o resultado e a segunda o processo. Pois, segundo ele “...é necessário reconhecer o movimento conjunto do todo e das partes, através do processo...”. Sendo assim, a condição para que o todo possa ser conhecido/apreendido, pressupõe o conhecimento das partes, e, por sua vez, o conhecimento das partes só se dá através do conhecimento do todo.

desta interação elaborar os roteiros, básicos, para os diferentes grupos observados e entrevistados.

Neste momento tornaram-se evidentes as considerações de Brandão (*apud* Rosa, 1998, p. 8) sobre o pesquisador e o pesquisado serem sujeitos de um trabalho comum, porém, em situações e tarefas diferentes, onde suas ações não apresentam-se de forma estática, mas sim dinâmica, complementar, uma interfere na outra.

Houve momentos, inclusive, onde a troca de papel ficou patente. De interrogador passei a interrogado, respondendo questões sobre meus objetivos, as fases do trabalho, sobre os dados já recolhido. O estudo despertava interesse e dúvida. As palavras de G, sobre o assunto, são altamente esclarecedoras. Vejamos:

“É sério que seu trabalho é esse cara? Tá brincando... Porra meu irmão que legal! Esse é o trabalho que todo mundo que fazê, (sic) é ou não é. E o que você pretende descobrir?”

Eu não era o único com questões, com dúvidas, querendo conhecer. Este momento foi importante, ainda, na elaboração do roteiro de questões e de fotos para registrar tanto as falas das personagens como algumas imagens sobre a dinâmica da festa.

A primeira *casa* estudada/contatada foi a *Twist's*. O estilo desta é o *Dance Club*¹⁶. Para a realização da exploratória utilizei os meses de outubro e novembro de 1998.

Com capacidade para mil e duzentas pessoas, aproximadamente,

¹⁶ Segundo Calil (1994) *Dance Club* é um tipo específico de *casa noturna* onde a música eletrônica é o traço predominante. A *dance music* é o gênero eletrônico da música pop contemporânea; extremamente dançante é produto da *disco music* americana, entre outros movimentos estéticos do final da década de setenta e início de oitenta.

funcionava de quinta-feira a domingo, no horário das vinte e duas horas às quatro horas. Inicialmente optei por realizar as observações às quintas e aos sábados por entender que estes dias, os de maior frequência, poderiam oferecer melhores condições para a realização da pesquisa. Com o decorrer do estudo foi possível identificar uma mudança, por parte do público, com relação aos interesses pelas atividades oferecidas. Aos domingos o público era, gradualmente, maior que o da quinta-feira ocasionando, num momento posterior, inclusive, o não funcionamento neste dia e conseqüentemente alteração na realização desta¹⁷.

Os contatos com pessoas relacionadas a *casa*, afim de coletar os dados necessários, aconteciam antes durante e depois do horário de funcionamento desta, porém privilegiou-se, o máximo possível, o horário comercial, com o intuito de não influir negativamente no trabalho dos profissionais.

Nesta fase inicial, foi possível exercitar as recomendações de Magnani (1996) e procurei deixar-me impregnar pelos estímulos sensoriais durante minha permanência no ambiente. O autor ressalta ser necessário estar atento à materialidade e, sendo assim, busquei perceber a relação entre espaços ocupados e vazios, bem como, a movimentação entre estes; as disposições dos móveis e das edificações, bem como suas influências no contexto; equipamentos, sons, ruídos, cores, cheiros, informações que pudessem de alguma forma *dizer-me* algo sobre o estudo.

Como adverte Magnani (op. cit., p. 37), “...*não se tratava de buscar o inusitado, o inesperado, mas, ao contrário, o reiterativo, o padrão a norma*”.

Assim, procurei conhecer a ordem, o ritmo, as regras.

¹⁷ Luna (1998, p. 61) ressalta em seu trabalho, a idéia sobre o processo de pesquisa ser dinâmico atentando para uma certa dificuldade de normatização, e a necessidade “...*de o pesquisador estar atento à realidade que pesquisa e ser sensível às alterações que ela pode exigir*”.

O próximo passo foi, através de observações mais sistemáticas e utilizando as demais técnicas de coletas de dados, ocupar-me com a descrição do cenário, dos atores e suas relações. Aqui encontrei grande dificuldade, pois ocorreu um inesperado problema, o estabelecimento foi fechado.

Houve, portanto, necessidade de novos contatos, afim de viabilizar a realização do estudo, porém gostaria de ressaltar que material levantado será apresentado mesmo não tendo propiciado o contingente necessário.

A Segunda *casa* estudada/contatada foi o *Duboiê*, cujas características são de um bar dançante, tendo no *Rock and Roll* um dos seus principais atrativos. A fase exploratória ocorreu nos meses de janeiro e fevereiro de mil novecentos e noventa e nove, e o processo não diferiu muito do anteriormente descrito, porém, vale ressaltar que a experiência adquirida no *exercício* anterior trouxe-me mais segurança para a realização.

O funcionamento desta *casa*, similarmente à outra, ocorre de quinta a domingo. Abrindo suas portas ao público às vinte e duas horas e fechando às quatro horas, esta oferece seus serviços à aproximadamente setecentas pessoas por dia.

Optei por realizar as observações às quinta e aos sábados. Primeiro por estes serem os dias de maior frequência; segundo pela Quinta-feira apresentar-se como uma noite especial tendo como responsáveis pela animação os *Djs* da rádio 89 FM, “a rádio Rock”, muito conhecida e ouvida na região e a presença de uma banda, responsável pelo *show*. Já a opção pelo Sábado justifica-se por este ser um dia especial na semana urbana¹⁸.

¹⁸ As relações entre lazer e trabalho, nos centros urbanos, influem nos modos de uso do tempo livre, não de uma única maneira, é claro. Porém, é possível identificar o que predomina. Observei nas palavras de CS e FC1 aspectos importantes para identificarmos a referida dominância,. Vejamos as palavras de CS: “...não é muito fácil sair de Sexta ou outro dia da semana ... de sexta é que muita gente trabalha no sábado também e de semana é complicado porque também têm muita gente que trabalha , estuda, faz alguma outra coisa. Então... meu sábado vai virar Domingo, o outro dia é domingo ninguém faz nada, muito difícil alguém fazer alguma coisa, ou então no feriado então eu acho que é isso... E sempre têm muita balada legal de sábado,

Para os contatos com pessoas relacionadas à *casa*, utilizei o mesmo critério usado anteriormente, ou seja, estes aconteciam antes durante e depois do horário de funcionamento desta, privilegiando o horário comercial, pois os funcionários do *Duboiê* têm as mesma funções e preocupações que os funcionários dos demais estabelecimento, dada a similaridade dos serviços oferecidos.

A terceira e última *casa* estudada foi a *Atlanta*. Esta fase foi viabilizada por serem os sócios do *Duboiê* também sócios nesta, pelo menos dois deles.

A fase exploratória teve início em março/99, em virtude de sua inauguração ter ocorrido no último final de semana de fevereiro/99, e sob o nome de *Zoster*. Vários foram os motivos que levaram à alteração tanto do nome quanto da proposta da *casa*, e estes serão apresentados posteriormente.

Na fase exploratória, apesar de certo domínio do *olhar*, bem como, do melhor domínio das técnicas utilizadas, as dificuldades encontradas ficaram por conta da etapa em que se encontra a *casa*, pois, em função de sua recente inauguração, não sendo conhecida e divulgada na região não costumava receber um público muito grande. Funcionava somente aos sábados, realizando uma *matinê* aos domingos (atividade diferente da observada neste estudo), e com um público diminuto, considerando as dimensões do estabelecimento, altamente rotativo e não muito habitual.

Apesar das dificuldades iniciais a *casa*, em um curto espaço de tempo, apresentou alterações significativas viabilizando a realização do trabalho em suas dependências.

sexta e sábado mas assim as que mais enchem são as de sábado com certeza". Observemos também o discurso de FC1 sobre o assunto, "...então eu acho que ... Sábado ... é onde você talvez elabore alguma coisa, ... ah hoje eu vou aproveitar prá fazer alguma coisa mais arrojada; vai ... sair prá noite sabendo que vc pode chegar no outro dia, ou saber que vc pode elaborar uma no final de semana viagem, prá mim lazer é cada momento que eu quebro aquilo que eu considero como obrigação, ... e isto pode ser a qualquer hora.

A fase de observação mais sistemática, em todas as *casas*, possibilitou a apreensão das regras vigentes, das contradições existentes, dos valores e significados presentes. Nuanças de um cotidiano apreendido no “*estar junto*”, participando. Notei sobre estar sendo percebido, revelado através dos olhares depositados no momento dos meus contatos com as pessoas; da mesma maneira eu procurava perceber as peculiaridades das relações, assim pesquisador e pesquisados tornavam-se, novamente, sujeitos de um trabalho comum.

Este *exercício* permitiu antever circunstâncias características do objeto de estudo. Maneiras distintas de utilização dos ambientes, através das quais tornou-se possível identificar os diferentes interesses e motivações, os distintos sujeitos em suas inter-relações. Este acúmulo de informações possibilitou a concretização de uma cartografia das casas noturnas estudadas, constituída pelas relações entre *objetos* e *ações* os quais delimitam o *espaço* tornando explícitos os *lugares*. A partir de então os roteiros, de entrevistas e de registros de imagens (fotos), tornaram-se concretos sofrendo poucas alterações na continuidade do estudo.

O roteiro de imagens nasceu da intenção de documentar algumas informações utilizadas na composição do estudo, como por exemplo as instalações dos estabelecimentos, as características do público, algumas situações ocorridas durante a festa, entre outras. Foi elaborado a partir do acúmulo advindo das observações e entrevistas, e sua realização apresentou-se como mais uma forma de apreender o fenômeno estudado, ressaltando detalhes, alguns dos quais captados na dinâmica da festa, que somente através da utilização desta técnica poderiam ser acessados.

Várias das situações registradas faziam parte das circunstâncias que antevi, outras ocorreram por acaso, fruto da circunstância. Em posse do

referido material, resolvi utilizá-lo no conjunto do trabalho afim de enriquecê-lo através das imagens, por vezes, esclarecedoras. Importante ressaltar sobre a realização do registro destas ocorrer no período em que a *Twist's* não encontrava-se em funcionamento, portanto, as imagens apresentadas referem-se à cidade, o *Duboiê* e a *Atlanta*, respectivamente.

Com relação às entrevistas gostaria de afirmar sua importância na construção do estudo, através da reflexão proporcionada, tendo certamente contribuído para o amadurecimento das questões propostas inicialmente e para a realização deste estudo.

Um exemplo claro desta contribuição pode ser evidenciado através das alterações sofridas pelo roteiro. As questões modificavam-se em função das contribuições dos entrevistados. Este foi memorizado para as questões servirem como geradoras do diálogo e permitir outros desdobramentos durante a entrevista, no processo e com o acúmulo de informações tornou-se bastante conciso contendo em sua primeira parte o mínimo de informações, permitindo identificar o perfil do informante. Já a sua segunda parte foi construída tomando-se como eixo as questões importantes na construção do estudo, ou seja, Lazer, Espaço, Dança/Corpo, inclusão e exclusão, resumindo-se nas questões:

Como a discoteca tem sido utilizada enquanto espaço de Lazer? Porquê as pessoas buscam por este espaço sendo que há outros na cidade/região? Quais os aspectos mais valorizados e quais as expectativas, destas, com relação ao que encontram/procuram nesta possibilidade concreta de lazer? Como a liberdade, a juventude, e o prazer manifestam-se e são identificados? Como as pessoas vivenciam a dança/movimento, e qual valor a ela atribuído? Percebem a inclusão/exclusão presente nesta manifestação cultural?

Neste sentido percebo a importância da contribuição de Durhan (*apud* Magnani, 1995, p. 58) ao assinalar sobre a utilização simultânea de ações e discursos como evidências igualmente válidas para construção de sistemas, permitindo apreender o significado, implicando conceber a relação entre regra explícita e conduta, ou entre discurso e ação de um modo particular.

Para Magnani (1995, p. 58) discursos e ações não são “...*realidades que se opõe, nem que uma opera distorcendo a outra: seriam antes formas diferentes mas complementares de expressão de um mesmo universo simbólico que só pode ser apreendido como sistema abstrato, mas que se manifesta através de especificidade de cada situação concreta*”.

Para a realização das entrevistas, inicialmente cogitei a possibilidade destas ocorrerem *in loco*, o que no caso da *Twist's* tornou-se um empecilho pois o nível de ruído do ambiente aparecia com evidencia nas fitas gravadas e acabou por inviabilizar as transcrições. Percebi não haver, no espaço em questão, um local adequado para a realização destas. Na intenção de coletar dados para a realização do trabalho aproveitei-me do contato já estabelecido com os promotores, no sentido de me facilitarem a aproximação aos freqüentadores da discoteca e a partir disto, procurei conversar/explicar a minha inserção no ambiente, meus interesses e a importância de meu trabalho.

Ao perceber certa aproximação, que os laços de confiança estavam sendo gerados, fazia o convite à participação na pesquisa, através de suas informações. O estabelecimento de tais critérios foram pertinentes, uma vez permitindo obter depoimentos já relacionados com o espaço, ao mesmo tempo permitindo certa flexibilidade na escolha das pessoas dispostas a colaborar com o estudo de forma mais espontânea.

Observei, por parte dos contatados, boa disponibilidade dentro do ambiente da casa noturna, sendo as pessoas cordiais e atenciosas, não

poupando tempo e atenção para responder as questões colocadas. No entanto, como as entrevistas deveriam ser gravadas, questionava-os sobre a possibilidade de um contato durante a semana, então trocávamos telefones e acertávamos, mais ou menos, o dia e a hora.

Naquele momento, dentro da discoteca, parecia haver disponibilidade total à participação, porém, no decorrer da semana quando a realização do contato deveria acontecer, ocorria o inesperado, o inoportuno, um problema. Várias desculpas foram utilizadas, resultando numa escassez de dados.

Com relação às entrevistas realizadas nas casas noturnas *Duboiê* e *Atlanta*, menos problemas ocorreram uma vez estas possuem espaço com acústica adequada para a realização das mesmas.

Para as entrevistas com os funcionários e proprietários houve concordância na realização destas de maneira a não atrapalharem o desenvolvimento das atividades laborais. Assim, chegar mais cedo demonstrou-se uma boa estratégia. Vale a consideração sobre em alguns casos tornar-se necessário uma conversa, ainda que rápida, no momento da *'festa'*, afim de captar algumas informações sobre as questões que só se apresentam naquele contexto, naquele momento¹⁹.

As entrevistas foram transcritas na íntegra e para tal realização foi necessário estabelecer um método para transcrição, uma vez tendo percebido fatores importantes que não deveriam ser perdidos na transposição da linguagem oral para a escrita, como a entonação, silêncios, dúvidas, incluindo questões sobre as quais meu interesse fosse maior.

¹⁹ Para ilustrar cito como exemplo um momento importante nas observações realizadas na "Twist's". Refere-se a intervenção, necessária, dos seguranças em um princípio de briga na pista de dança. Pouco antes, Gentil, o chefe dos seguranças, me falava sobre as orientações que ordenavam a ação dos seus subordinados (não usar de violência, afastar as pessoas mais exaltadas do local do tumulto, imobilizar os mais arredios, etc.) e do equilíbrio destes em ação, o que não foi observado na situação descrita despertando minha curiosidade em relação ao que estava acontecendo ali, naquele momento, conduzindo os "profissionais" a uma ação desrespeitando "orientações" tão minuciosas de seus superiores.

Procurei aplicar os ensinamentos de Ecléa Bosi (*apud* Rosa, 1999, p. 16), que adverte sobre as limitações das fontes, ainda que forneçam conhecimentos. No entender da autora, é necessário para uma ampla compreensão dos depoimentos, levar em conta certos recursos expressivos da linguagem oral, ou seja, os aspectos mais espontâneos do código empregado.

Cumprе ressaltar, ainda, duas últimas questões. A primeira é sobre a análise cultural ser “...*intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não o está encarando de forma correta*”. (Geertz, 1989, p. 39). E a segunda refere-se à importância da fase exploratória da pesquisa, dada a sua importância na construção do alicerce do estudo.

A cidade é o palco da experiência cotidiana, onde as pessoas realizam seus projetos. As mudanças e variações de suas vidas ocorrem influenciadas por suas histórias de vida, de suor e felicidade, de trabalho e lazer, entre outras importantes dimensões que a compõem. É o espaço do homem urbano às vésperas do século XXI, base imbricada e indissociável de suas contradições e esperanças, não devendo ser pensada apenas como pano de fundo de nossa existência, um cenário indiferente. Em sua dinâmica existência oferece-nos a oportunidade de registrar, comentar e interpretar suas várias formas de movimentos, seus incidentes e acidentes, as variadas formas de apropriação por parte dos múltiplos grupos sociais que a compõem.

Para Harvey (1992, p. 69) a aparência de uma cidade, bem como o modo de organização de seus espaços, “...*formam uma base material a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais*”. Constituindo, portanto, um universo que permite uma

variedade imensa de recortes para análise, sendo o ponto máximo de concentração do vigor e da cultura e tem a forma e o símbolo de um conjunto integrado de relações sociais.(Cf. Mumford *apud* Frúgoli, 1995, p. 11).

Assim, o primeiro capítulo foi construído procurando situar nos limites da cidade os estabelecimentos estudados, buscando registrar as relações mantidas entre estes e, a partir da identificação dos trajetos noturnos delimitar o circuito dançante.

No segundo capítulo são apresentadas as *cartografias* elaboradas durante realização da pesquisa nas quais privilegiou-se as descrições das casas noturnas, pontuando seus espaços, sua decoração, seus equipamentos, registrando ainda as formas de ocupação, alguns interesses presentes e os significados atribuídos. Na seqüência busquei articula-los em função dos interesses e usos identificados.

No exame da manifestação em apreço emergiram questões instigantes envolvendo as percepções sobre a juventude, a liberdade e o prazer, as quais foram elaboradas a partir do universo cultural vivenciado. Detectei ainda uma tendência por parte de determinados segmentos sócio-econômicos, os quais o poder aquisitivo permite, à busca por locais privatizados afim de estabelecerem suas relações sociais básicas.

Em suma, a idéia central do estudo é de que as percepções mencionadas são frutos de uma realidade social influenciada por uma conjuntura onde, entre outro fatores, há uma valorização, e conseqüentemente polarização, dos espaços privados em detrimento aos públicos, interferindo significativamente em suas estratégias de utilização. Nos casos específicos dos estabelecimentos abordados, enfatizadas pelas sensações advindas da relação do corpo com a música, o espaço e o outro num momento festivo.

CAPÍTULO I

Percorrendo trajetos Noturnos

O objetivo deste capítulo é situar o objeto de estudo em seu contexto, ou seja, localizar nos limites da cidade os estabelecimentos estudados identificando, ainda, as relações mantidas entre eles. Para tanto, apresentarei inicialmente um conjunto de informações sobre a cidade de São Caetano do Sul, bem como, sobre sua relação com as demais cidades do Grande ABC. Na continuidade, delimitarei o circuito¹ dançante a partir da identificação dos trajetos² noturnos.

Sobre a Cidade

A cidade na qual localizam-se os estabelecimentos estudados é São Caetano do Sul, ou simplesmente São Caetano, forma mais comum na região, ou ainda *Sanca*, maneira carinhosa utilizada pelos jovens de todo ABC.

São Caetano estava inserido na área geográfica do Município de Santo André da Borda do Campo até o final da década de 40 quando, segundo Loduca (1999), conseguiu sua autonomia político-administrativa. As várias alterações geográficas registradas até meados da década de 60 acabaram por constituir ao que conhecemos hoje como região do ABC, composta pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

¹ Outra categoria estabelecida por Magnani (1996, p. 45) que utilizarei no sentido de identificar a união de “...estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários”.

² Utilizarei o termo no sentido proposto por Magnani (1996) para quem trajetos seriam caminhos não aleatórios, mas sim aqueles construídos em acordo com certas comodidades, interesses, preferências, facilidades, obrigações, ligando pontos e manchas complementares ou alternativos.

Neste sentido focar o Município de São Caetano, sem integrá-lo ao ABC, parece um pouco ilusório, afirma Romeiro (1997, p. 62), isso porque “...a malha urbana das cidade é integralmente conurbada, ou seja, a divisão da região dá-se somente sob a óptica legal, pois em termos reais a integração da região é cada vez maior, com deslocamentos freqüentes da população para o exercício ou a busca de trabalho, educação, consumo, etc.”.

Tratando-se de um centro urbano com fortes laços com outros centros mais próximos, como vimos anteriormente, a cidade foi abordada como sugere Velho & Viveiro de Castro (1978), ou seja, como expoente de uma *sociedade complexa*³ sob a presença de uma grande *heterogeneidade cultural*⁴.

Ao remetermo-nos ao período da formação oficial dos municípios, pelo processo anteriormente descrito, observaremos que este coincidiu com a instalação, na região, das indústrias automobilísticas e outras a elas relacionadas. No caso de São Caetano Sul, ainda que apresentasse outras atividades fabris, como olarias, fábrica de formicidas, de pólvora, de vinho e de sabão, a instalação da General Motors do Brasil S.A foi de grande impacto.

O Professor da Universidade de São Paulo, jornalista e presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Aleksandar Jovanović publicou na Edição Especial da Revista Raízes, de 1998, um artigo no qual

³ Para Velho & Viveiro de Castro as sociedades complexas são aquelas que apresentam uma *divisão social do trabalho altamente especializada*, e onde coexistem inúmeros grupos apresentando estilos de vida e visões de mundo diferentes.

⁴ Para aprofundar sobre a questão da heterogeneidade dos modos de vida nas grandes cidades ver Viana (1997, p. 65). Para discuti-la o autor referenciou-se nos “clássicos” textos, de Park (1979) e Wirth (1979). O primeiro desenvolveu o conceito de *região moral*, para dar conta da diferença de *códigos valorativos* entre as várias partes dos centros urbanos, e o segundo propõe uma definição de *cidade*, como “...núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos...”, indicando os caminhos que tomariam os estudos de sociedades complexas.

situa a cidade entre as que detém os melhores índices de desenvolvimento humano do país⁵.

O professor demonstrou neste artigo como as atividades econômicas de São Caetano são bastante diversificadas contando com a presença de empresas de porte internacional, dentre as quais destacou: “...o *Hipermercado Extra, da Adria/Quaker, BASF, do conglomerado atacadista Sam's Club, revendedoras de cinco diferentes montadoras de veículos do mundo (Chevrolet, Fiat, Volkswagen, Ford e Ásia Motors) e escritórios do Consórcio Nacional Honda.(...) Petrobrás e Texaco*”.

Dando continuidade a análise do perfil econômico da cidade, Jovanović esclarece sobre a cidade abrigar agências dos maiores grupos bancários do Brasil. Destaca, também, a multiplicidade de indústrias presentes na cidade e cita a presença da General Motors, Villares, Alcoa, Antártica, Basf, Carrefour, Cooperhodia, entre outras.

Também das 50 maiores empresas estatais por vendas, três têm importante papel na vida do Município: a Embratel, a Eletropaulo e a CTBC. O município abriga, ainda, outras empresas de menor porte tais como: metalúrgicas, empresas de leasing, informática, agências de viagem, agências de publicidade, gráficas, corretores de seguros, indústrias de botões, transportadoras, fábricas de lustres, indústrias químicas e de cerâmica, e no setor de serviços, padarias, pizzarias e muitas centenas de pequenos empreendimentos.

⁵ A afirmação do pesquisador é sustentada a partir dos dados coletados junto às seguintes fontes: Centrais Elétricas de São Paulo (CESP); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul (IMES); Fundação Pró- Memória de São Caetano do Sul; Ministério do Trabalho (Relatório Anual de Informações Sociais); Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul; Revista Exame (Os Maiores e Melhores); Secretaria de Estado do Educação; Secretaria de Estado da Saúde; Senai (Serviço Nacional da Indústria); Unesco (*United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization*).

Da imagem dos primeiros núcleos coloniais, através das quais vislumbrava-se uma região agrícola, para atual, quando vivemos a revolução da informação, São Caetano construiu alguns indicadores expressivos de ordem sócio- econômica.

Com relação à infra-estrutura São Caetano apresenta números invejáveis. Sua iluminação pública atinge o impressionante número de cem por cento da área da cidade. Contém ainda coleta de lixo domiciliar, industrial e hospitalar diária, total pavimentação e saneamento básico, registrando números que podem ser comparados aos de países dos mais desenvolvidos pólos do mundo. A rede municipal de ensino atende a um público de mais de 17 mil alunos distribuídos em cursos de educação infantil, informática, artes visuais, dança, música, teatro, modalidades profissionalizantes, línguas estrangeiras, balé, educação para deficientes, além, é claro, dos alunos de primeiro e segundo graus. A cidade dispõe, também, de um instituto de ensino superior, municipal, com mais de 4.300 estudantes freqüentando cursos de graduação e especialização. O atendimento na área da saúde está acima dos padrões médios brasileiros; o Município dispõe de um dos raros hospitais infantis nacionais. Tampouco a terceira idade deixou de ser contemplada nesse quadro: mais de 10 mil associados são atendidos em dois centros que oferecem lazer, atendimento médico-odontológico e jurídico.

Sobre um território de 15,2 quilômetros quadrados, com uma população estimada em torno de aproximadamente 149.000 pessoas, circula uma frota de 256 táxis, e sua taxa de veículos é de um por grupo de dois habitantes.

Baseada em dados extraídos de pesquisa por amostragem realizada em março/97, Romeiro (op.cit.,62), ressalta que a concentração da atividade principal remunerada, da população residente ocupada, está concentrada no

setor terciário, acentuando o deslocamento da concentração do setor industrial para o setor de serviço.

Na pesquisa aplicada utilizando o processo de amostragem probabilística de domicílios, realizada em março de 1997 no Município, a autora verificou que a população com idade a partir de 18 anos, “...26% apresenta instrução superior - completa ou incompleta ; na população entre 15 e 17 anos, 50% apresenta instrução completa/incompleta de segundo grau e os demais apresentam instrução entre a 5ª série e a 8ª série, não tendo sido registrado qualquer caso com instrução inferior à 5ª série do primeiro grau”.

Dentre os municípios que compõem a região do Grande ABC, São Caetano apresenta a maior renda per capita, dados obtidos por estimativa do produto gerado pelos respectivos Municípios da região no ano de 1994. Embora, com população de 149.000 habitantes, o Município é o de maior potencial de consumo per capita do País, passando de US\$ 1,159.00 em 1989 para US\$ 7,202.00 em 1997.(Cf. Romeiro op. cit., p. 63)

A renda líquida familiar média equivalia, em fevereiro de 1997, a R\$ 2.219,35, sendo que 50% das famílias tinham rendimento acima de R\$ 1.550,00, ou seja, US\$ 1,232.97 e US\$ 861.11, respectivamente.⁶

A título de ilustração, registre-se que 33,5% das famílias residentes na área urbana do País, apresentavam rendimento mensal de até 3 salários mínimos, segundo dados do Fibge-PNAD/95. Na região Sudeste esse percentual equivalia a 25,5%. Esses resultados diferem significativamente dos observados em pesquisa por amostragem de domicílios, realizado em março/97, nos Municípios de São Caetano do Sul, Santo André e São Bernardo do Campo.(Cf. Romeiro op. cit., p. 64)

Em particular, a observação da proporção de famílias com rendimento mensal na faixa superior a 20 salários-mínimos, ainda que respeitando os diferentes períodos de coleta dos dados nacional e locais (1995 e 1997, respectivamente), registra 32,4% das famílias do município de São Caetano do Sul nesse estrato contra 8,5% no âmbito nacional e 10,4% das famílias residentes no Sudeste.

O significativo rendimento mensal das famílias residentes em São Caetano do Sul, comparado com dados agregados, possibilitou-lhes o acesso a um conjunto de bens domésticos que somam-se a outros indicadores de qualidade de vida. Junta-se a esses, por exemplo, o indicador de propriedade do imóvel. Cerca de 66% das famílias residem em imóvel próprio, com média de 6,45 cômodos. Entre as 40.819 famílias residentes em São Caetano do Sul, cerca de 44% estão posicionadas nos estratos A/B de potencial de consumo, contra 7,5% na extremidade inferior da pirâmide de consumo, segundo dados da *Target Pesquisas e Serviços de Marketing*.

Segundo Romeiro a vocação industrial, que por muito tempo pautou a atividade econômica da região, está ajustando-se aos novos rumos da economia nacional e internacional. Assim, a busca de alternativas de implantação de novas atividades industriais de ponta, tem exigido o fortalecimento do setor terciário.

O município em questão, portanto, apresenta os benefícios advindos do padrão de industrialização, no qual a mobilidade é tida como uma das principais marcas e, característica fundamental das cidades modernas.(Cf. Frúgoli Júnior, 1995)⁷.

⁶ As cifras apresentadas em Reais correspondem as apresentadas por Romeiro (op.cit., p. 63) e atualizadas tendo por referência o valor médio atual que a moeda americana apresenta, ou seja, cada US\$ 1,00 equivale a R\$ 1,80.

⁷ Importante ressaltar que não pretendi esgotar aqui toda a complexidade do tema modernização urbana, e sim situar o leitor em algumas das questões advindas deste processo nesta cidade.

A cidade apresenta-se, então, como o palco da experiência cotidiana, onde as pessoas realizam seus projetos. As mudanças e variações de suas vidas ocorrem influenciadas por suas histórias de vida, de suor e felicidade, de trabalho e lazer, entre outras importantes dimensões que a compõem. É o espaço do homem urbano às vésperas do século XXI, base imbricada e indissociável de suas contradições e esperanças, não devendo ser pensada apenas como pano de fundo de nossa existência, um cenário indiferente.

Em sua dinâmica existência oferece-nos a oportunidade de registrar, comentar e interpretar suas várias formas de movimentos, seus incidentes e acidentes, as variadas formas de apropriação pôr parte dos múltiplos grupos sociais que a compõem.

Constituem um universo que permite uma variedade imensa de recortes para análise, (Cf. Mumford *apud* Frúgoli, 1995), sendo o ponto máximo de concentração do vigor e da cultura, tendo a forma e o símbolo de um conjunto integrado de relações sociais.

Para Harvey (1992, p. 69) a aparência de uma cidade, bem como o modo de organização de seus espaços, “...formam uma base material a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais.

Identificando os trajetos noturnos

Afim de localizar o circuito dançante percorri os trajetos envolvendo as casas noturnas existentes na cidade. Etapa prevista na construção do trabalho de campo, demonstrou-se de grande importância por permitir estabelecer um quadro geral sobre o objeto pesquisado e, nesta construção, identificar alguns pontos de referência, conhecidos por sua relação com outros equipamentos de lazer e entretenimento na cidade, bem como uma melhor visibilidade da própria. Importante destacar que mantenho relações cotidianas com município recolocando, portanto, outras questões importantes para a realização deste, como por exemplo, as necessárias experiências de *estranhamento* e *distanciamento*⁸.

Não se tratava, porém, de buscar o exótico, mas sim perceber o outro próximo, a coexistência, harmoniosa ou não, da pluralidade de ocupações, gostos, estilos de vida, diferenças étnicas, religiosas, etc., num centro urbano complexo.

Esta etapa teve dois momentos distintos, mas complementares. O primeiro ocorrendo após estabelecido contato com proprietário da *Twist's*, tendo-a como foco central, e o segundo a partir da ampliação do número de casas noturnas incluídas na pesquisa, como explicitado anteriormente.

No contexto foi possível verificar um duplo movimento na elaboração

⁸ Sendo o observado parte da sociedade do observador, onde o confronto não é apenas entre sujeito e objeto, mas entre representantes de um mesmo sistema social, vale recordar as orientações de Velho e Viveiro de Castro (1978, p. 09) para quem as relações entre estes segmentos determinam previamente o curso da reflexão, ou seja, estamos em nosso cotidiano, “...como membros de uma sociedade, lidando com pessoas com que ou quem podemos estar acostumados, habituados, isso não significa que saibamos, que entendamos a lógica desta inserção”. Assim estarei atento à *familiaridade*, pois como ressalta o autor, esta, em muitos casos, apresenta-se como fonte de distorções sendo possíveis construções de *mapas sociais* a partir de estereótipos e rótulos, um risco na elaboração deste estudo.

destes trajetos, pois a imposição destes ocorre a partir da influência das casas noturnas, e seu contrário, quando em função do trajeto estas adquirirem visibilidade.

Neste primeiro contato com a *Twist's* e seus arredores, procurei elaborar uma cartografia inicial, que apresentarei em seguida, possibilitando-me percebê-la no contexto da cidade, ou seja, um mapeamento dos roteiros, suas fronteiras e pontos de ligação com outras áreas, outros equipamentos de lazer, etc.

Assim foram fundamentais as recomendações de Magnani (1996, p. 37) com relação ao “... *deixar-se impregnar pelos estímulos sensoriais durante o percurso*”. Como a estratégia inicialmente utilizada foi a caminhada, mantive-me atento, principalmente, à materialidade da paisagem⁹, procurando relação “...*entre os espaços vazios e construídos, a disposição das edificações e dos equipamentos, escalas, volumes, ruídos, cores e cheiros...*”, como orienta o autor. Na opção por esta, considerei o efeito de *estranhamento* propiciado.

Para Certeau (1994, p.177) a caminhada tem uma tríplice função: permitir a apropriação, processual, do sistema topográfico; permitir a realização espacial do lugar; promover relações entre posições diferenciadas, ou seja, contratos pragmáticos sob a forma de movimentos.

Referindo-se ao treinamento e direcionamento do olhar à realidade, propiciado por este caminhar, Magnani (op. cit., p. 36-7) considera relevante diferenciar o *timing* característico de três possibilidades dessa prática: a do usuário habitual, a do turista, e a do pesquisador. No primeiro caso, o do usuário, há objetividade na seleção do percurso, sendo este a maneira mais

⁹ Estou entendendo paisagem segundo Santos (1997, p. 83) para quem esta seria “...*o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área (...) se dá como um conjunto de objetos reais e concretos...*”.

eficaz para atingir um ponto, assim “...ele recolhe apenas informações estritamente necessárias para atingir seu objetivo, como sinais de trânsito, fluxo de carros, obstáculos, transeuntes, etc.”, para o usuário habitual o espaço é familiar. No caso do turista, ou do passeante, ainda que exista a observação da paisagem, do entorno, além de não seguir um plano pré estabelecido, está sujeita a imprevistos “...e ao caráter errático da caminhada”. Já o pesquisador, deverá ter um plano preestabelecido, seu caminhar deve ser “...mais lento do que o do usuário e mais regular do que do passeante...”, permitindo uma observação contínua, sistemática, mas não exaustiva.

Através deste *exercício* identifiquei o já ressaltado por Sennett (1997) sobre o fluxo do trânsito nas cidades modernas. Procurando entender como as questões corporais expressam-se na vida cotidiana, no urbanismo, e na arquitetura, demonstrou como a partir do século XVIII os conhecimentos do funcionamento orgânico foram utilizados para a reflexão sobre a cidade.

Especificamente sobre a questão do fluxo o autor esclarece sobre o desejo, naquele momento, de se facilitar as funções respiratórias e de circulação transformou o panorama das cidades. “*Palavras como artéria e veia entraram para o vocabulário urbano e passaram a ser utilizadas por projetistas que tomavam o sistema sangüíneo como modelo para o tráfego*”.(Sennett, op. cit., p. 220-221).

Assim, é que passou-se a conceber, desde então, a idéia de um corpo limpo e saudável deslocando-se com total liberdade, e um desenho urbano prevendo uma cidade funcionando nos mesmos moldes. Daí a concepção de ruas de mão única e pistas largas com o intuito de propiciar um melhor fluxo para os veículos.

Observemos a imagem:



Figura 01 – Vista aérea noturna do cruzamento entre Av. Goiás e a Rua Oswaldo Cruz.

Através desta é possível identificar, concretamente, sobre a concepção de tráfego discutida por Sennett estar presente nas concepções das cidades modernas e, sobretudo, em São Caetano. A dimensão Av. Goiás, e o fluxo ocasionado, e o sentido único identificado na Rua Oswaldo Cruz, de menor dimensão e mais a esquerda na imagem, explicita a questão.

Notei, também, que algumas das transformações ocorridas nas cidades europeias do século XIX, registradas por Frúgoli Júnior (op. cit.). Para o autor, a partir daquele período foi possível observar transformações consideráveis tanto na concepção quanto na utilização de ruas, praças e espaços centrais. Tal processo teria sido influenciado pelo aumento populacional, fazendo emergir nos centros urbanos as grandes massa humanas e, conseqüentemente, novos ritmos de circulação.

Gostaria de ressaltar que não os considero como compartimento estanques, mas como dimensões sofrendo mútua determinação, inclusive de, e sobre, outras dimensões da vida humana.



Figura 02 – Praça *Di' Thiene*, na cidade de São Caetano do Sul.

Nesta imagem podemos visualizar claramente, ao fundo, a presença de uma portaria na entrada, inclusive com espaço de guarita, e parte das grades que é encontrada em todo o seu entorno. Estas resultam da intervenção moderna sobre espaços públicos, aqui evidenciado através de uma praça onde foi possível verificar sobre sua utilização ser rigorosamente disciplinada, através do horário de funcionamento determinado, do rígido controle do público frequentador, no ordenamento das atividades existentes. (Cf. Frúgoli

Júnior, op. cit.). Vale ressaltar que este é padrão encontrado nas praças da cidade em foco.



Figura 03 – Cruzamento entre a Av. Goiás e a Rua Senador Roberto Simonsen.

Nesta figura a discussão sobre a concepção de fluxo é retomada, bem como, evidenciada as transformações nos espaços públicos, focalizando outra praça da cidade. A partir das imagens apresentadas é possível destacar algumas importantes questões. A primeira, como já discutido, refere-se à intervenção humana nos espaços públicos. A segunda é sobre suas consequências, incluindo as formas de utilização nas diversas *tempos*, oriundos do modo moderno de viver. E a terceira é sobre a valorização do deslocamento, do

movimento, a partir da qual idéia de liberdade de movimento é hipervalorizada, e o carro passa a ser considerado como indispensável, no século da velocidade e da pressa.

Buscando apreender a dinâmica da cidade, recorri às considerações de Santos sobre a paisagem e o espaço. Para o autor (1997, p. 83), “...paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que os anima.” Ele caracteriza a paisagem como um conjunto de objetos reais-concretos, sendo transtemporal, pois une objetos passados e presentes, é uma construção transversal. Já o espaço é sempre um presente, caracterizado por uma construção horizontal, por uma situação única. “A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável; o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente.”

Tal notação auxiliará na construção da cartografia que estamos realizando, pois, para situar o leitor no trajeto que está sendo traçado, tenho destacado a paisagem, que, nesta cidade, é visualmente marcada pela ação humana, portanto, carregada de conteúdos históricos. Procurei, contudo, demonstrar um pouco da dinâmica da cidade, abordando o espaço, pois tento aproximar-me dos significados e das funções dos objetos.

Dentre os estabelecimento estudados o primeiro a ser localizado no trajeto foi a *Twist's* cujo o endereço é (era) Avenida Goiás nº 1060. Na verdade minha formulação do trajeto foi influenciado pela dinâmica da cidade tanto quanto pela existência da *casa*, uma vez que há uma mútua determinação entre elas.

Neste momento recorri novamente à Santos (op.cit., p. 50), buscando em suas considerações sobre a possibilidade de se construir considerações

sobre o espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Para o autor, “...os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também se modificam”.

O prédio de dois andares na cor salmão, um elemento fixo, denuncia logo não se tratar de apenas mais um simples ponto comercial. Com três guichês no *hall* de entrada, visualizados somente após abertas as portas de dois flancos, possui ao fundo a porta de acesso ao interior da *casa*. Além dos vendedores de bilhetes, que ocupam os guichês, vários seguranças posicionam-se neste espaço, bem como em toda frente do estabelecimento, no passeio ou mesmo na rua próximo ao *meio fio*, com as funções de ordenar a fila, proteger e orientar os clientes, coordenar o fluxo nos espaços compreendidos da *casa*, bem como nos seus arredores. Dois dos seguranças posicionavam-se na porta de entrada do salão, geralmente o chefe e mais um outro, acumulando as funções de proteção e da *revista*¹⁰.

Ocupando posição central no quarteirão formado pelas ruas, paralelas entre si, São Caetano e Augusto de Toledo, e a Av. Goiás e a rua Floriano Peixoto, é parte de uma mancha de lazer que envolve Restaurantes, Vídeo Locadora, o Teatro Santos Dumont, alguns pequenos bares, uma praça, e uma Igreja Evangélica¹¹. No quarteirão seguinte, tendo como orientação o antigo prédio da Prefeitura Municipal da cidade, encontra-se a praça *Di'Thiene*.(Figura número 02). Nesta, além do verde, o *playground*, os bancos que aconchegam os namorados, as grades que delimitam e ordenam seu

¹⁰ Procedimento comum entre as casas noturnas, tendo como objetivo impedir o acesso de pessoas armadas.

¹¹ Quando da realização das entrevistas duas de minhas informantes, quando indagadas sobre suas opções de lazer, afirmaram sua predileção por tal atividade, destacando ainda sentirem-se muito a vontade neste ambiente, e que além de cantarem, dançarem e se divertirem muito, encontravam ainda carinho, respeito, segurança, etc. Sendo assim inclui esta manifestação na respectiva mancha de lazer.

horário de funcionamento, localizam-se os caixas eletrônicos do Banco Itaú e do Banco Bradesco, terminais de serviços bancários freqüentemente utilizados pelas pessoas que circulam pelo local. Na verdade estes equipamentos estão localizados no passeio entre a Av. Goiás e a praça mencionada.

Em função da proximidade destes postos de serviços e a danceteria, e também pelo violento momento verificado no contexto urbano atual, onde furtos e assaltos compõem o quadro de ocorrências cotidianas, deparei com uma situação nada comum na relação entre seguranças e clientes.

Necessitando utilizar os caixas eletrônicos, e atentos ao quadro atual, alguns dos freqüentadores da casa noturna solicitam proteção daqueles para tal realização. São prontamente atendidos e a forma gentil, demonstrando uma atenção diferenciada na relação entre estes funcionários e os clientes. Esta relação com os funcionários, (amistosa eu diria e inclusive em oposição a idéia dominante, na qual os seguranças aparecem como aqueles que estão ali para expulsar os baderneiros; ou ainda, que estes são truculentos e ignorantes), é descrita pelos freqüentadores como mais um dos motivos da opção pelo espaço.

A mancha descrita pode ser considerada relativamente nova, se comparada a outra existente no centro da cidade e de maiores dimensões. O Teatro Santos Dumont é o equipamento de lazer mais antigo a ocupar este espaço seguido posteriormente pela danceteria. A ampliação desta mancha deve-se, entre outros fatores, à instalação da *Twist's* naquele local, demarcando a importância da *casa* no contexto, sendo importante ressaltar a independência entre os equipamentos.

Em frente a praça *Di'Thiene*, do outro lado da Av. Goiás, esquina com a Rua Oswaldo Cruz, encontramos um posto de gasolina. Ainda este não

podendo ser tratado, inicialmente, como um equipamento de lazer, ao ter seu espaço ressignificado nas noites de final de semana, e também nas tardes de Domingo, (concentrando grande número de jovens com seus carros estacionados e o som ligado, cujo objetivo é apreciar o movimento, paquerar), poderemos considera-los como tal, onde alguns reúnem-se para *não fazer nada*. Para Maffesoli (1998, p.115), o *estar-junto à toa* pode servir como pano de fundo, elemento revelador para “...os novos modos de vida que renascem sob nossos olhos. Nova rodada do jogo que diz respeito à economia sexual, à relação com o trabalho, à repartição da palavra, **ao tempo livre**, à solidariedade nos reagrupamentos de base”. (grifo meu)

O posto de gasolina mencionado, não é o único utilizado desta forma. Mais próximos ao antigo prédio da Prefeitura outros apresentam-se em igualdade de condição. Percebendo esta nova forma de utilização, seus proprietários adequaram-se à nova demanda, construindo pequenas lojas de conveniência e atendendo este novo público, vendendo além da gasolina (função principal de um posto), bebidas, lanches, etc. Observando o interesse dos jovens no espaço, pelo posicionamento estratégico em relação ao movimento, os proprietários elaboraram uma maneira de tirar vantagem da situação, ao invés de expulsá-los do local. Desta forma, gerou possibilidade de ganhos para ambos.

Mas é o anoitecer que a mancha se torna evidente, a partir da exibição das fachadas coloridas e iluminadas dos equipamentos de lazer, através de seus letreiros luminosos, seus funcionários, uniformizados e posicionados de maneira a receber os clientes, diferenciando-se destes através das roupas e pela ocupação do espaço. O aumento na circulação de pessoas e o número de carros estacionados nas imediações refletem a dinâmica encontrada no local.

É visível a diferença com outros horários do dia. Com o aproximar das 23 horas, horário em que o fluxo de carros e pessoas passa a promover congestionamentos na área, é possível identificar significativa diferença com relação a outro horário de congestionamento no mesmo local.

O congestionamento no final da tarde, após o horário comercial tem como tendência o estresse, a irritação, o nervosismo entre as pessoas vivenciando tal situação. A utilização das buzinas, gestos como bater no volante, ou elevar as mãos acima da cabeça, dando a entender que a pessoa emitiu um *Pelo amor de Deus*, ou ainda palavras de baixo calão, denunciam o *estado de espírito* dos envolvidos. É notória a impaciência dos motoristas ao volante. Todos querem chegar rápido em casa após o trabalho, ou, depois da escola. Ninguém quer *perder tempo* no trânsito.

A idéia de perder, ou ganhar, tempo é consequência direta da transformação deste em mercadoria, podendo ser comprado, vendido e negociado de múltiplas formas. Assim, nos lembra Sant'Anna (1994, p. 14-15), “...*nos grandes centros urbanos o tempo pode, e deve, ser medido, dividido, contabilizado, poupado e separado em comportamentos distintos: tempo livre, tempo de trabalho, tempo de estudo, etc.*”

Bruhns (1997, p. 1), também dedicou atenção à temática. Para a autora, no mundo industrial moderno, prevalece a concepção de tempo linear, advertindo existirem outras, sendo este “...*objetivo, universal, irreversível, não projetável, quantitativo ou dividido em unidades não elásticas e não comprimíveis*”. Ao enfatizar a transformação do tempo em mercadoria, considerando sobre o tempo de trabalho ser vendido ao empregador e, o tempo livre ser comprado pelo trabalhador, “*daí a idéia de tempo ser dinheiro*”, e conclui sobre ambos estarem permeados pela lógica da produtividade, do

rendimento e do lucro, e adverte: “*Perdeu-se o caráter gratuito, tudo deve ser justificado pela utilidade, como também aceitos pelos padrões morais instituídos*”.

Com relação ao congestionamento observado no período noturno, o lento fluxo de carros se dá não pelo excesso destes, como na situação anterior, mas pela diminuição da velocidade ao passarem em frente aos estabelecimentos que compõem a mancha, mais especificamente, em frente a *Twist's* e o posto de gasolina, agora ressignificado.

Ver quem está na área, bem como ser visto, é a principal intenção dos motoristas, dos passageiros, dos estacionados e dos transeuntes. Há também o flerte, a paquera, que acontece entre os motoristas e outros (as) motoristas, entre estes e os passageiros (as) dos carros em movimento, dentre outras situações possíveis no contexto.

A sisudez estampada no rosto dos motoristas presentes no horário do *rush* do final da tarde, é substituída pelo sorriso no período noturno; ao menos entre aqueles procurando diversão. Entre estes, a praxe é a descontração, o som alto (e o gosto musical os identifica/denuncia). Gestos espalhafatosos, risos, brincadeiras (chamar a atenção?), ou ainda, cabelos penteados, *roupa de sair*, perfumados (as), tudo como manda o figurino, (os *mauricinhos* e as *patricinhas*, na linguagem corrente neste tipo de manifestação, apresentam-se como mais uma possibilidade.

Não é raro ver um jovem descer de seu carro para ir conversar com garotas em outros carros, ou que estejam paradas nos arredores. Também não é difícil os jovens, posicionados nos espaços do posto, abordarem garotas nos carros que acompanhando o curso Chamou minha atenção a postura dos motoristas acompanhando o cortejo. O esperar não parecia incômodo. Não

estavam perdendo tempo, o trânsito lento faz parte do ritual, pelo menos naquelas circunstâncias.

Diferentemente do período da tarde, as buzinas não soam, foram substituídas pelo alto volume das músicas, e a postura estressante dos motoristas e passageiros transformam-se em coreografias. Jovens dançando, literalmente, dentro de seus carros.

Numa noite, durante as observações, presenciei uma situação interessante. Quatro garotas realizavam, ao som da música tocada pelo rádio, (CD ou similar), verdadeira coreografia dentro do veículo em que se encontravam. Num instante este carro foi cercado por um grupo de rapazes posicionados nas proximidades do posto de gasolina observando o trânsito. Do meu local, uns cinco metros aproximadamente, ouvia os risos e as gargalhadas; “*Desce...*” dizia um dos rapazes, “*vem cá, quero te conhecer...*”, “*Maravilhosas...!!!*”, dizia outro, entre outras insinuações.

Neste cenário, e horário, forma-se a fila de entrada na *Twist's*. Entre 23h e 23h30min., com o crescer da fila, o trânsito fica ainda mais lento, pois quem está de carro quer ver quem está na fila, e vice-versa.

Estar na fila parece não ser problema, pois as pessoas não reclamam; aliás, há brincadeiras com a própria situação, e não é raro também a paquera ali iniciar. Sorrisos, flertes, piadinhas, atitudes demonstrando o almejado. Paquera, diversão, outra configuração excedendo o cotidiano e o estresse presente no mesmo.

Valores manifestam-se nas atividades de lazer, quais sejam, o *divertimento*, o relacionamento (entrar em contato), o conhecimento, a descontração, formas que entrelaçadas permitem atender as diferentes motivações do homem urbano em relação às suas opções de lazer.

Busco aqui uma aproximação com o estudo de Camargo (1998, pp. 34-39), no qual o autor, amparado nas categorias propostas por Roger Caillois, procura apreender quatro grandes motivações, (a aventura, a competição, a vertigem e a fantasia), as quais estariam manifestas, porém nem sempre conjuntamente, nas buscas pelas formas concretas de diversão. Assim identifiquei, em algumas situações presentes na manifestação estudada, as formas concretas pelas quais estas motivações se permitiram apreender.

Para Camargo (1998, p. 36), a experiência lúdica da *aventura* tem por base a curiosidade; assim procurei relacioná-la à descoberta, ao contato com o novo. Identifiquei-a na busca, pelos atores sociais abordados, do novo espaço, na nova forma de divertir-se, no conhecer novas pessoas, na procura de novos relacionamentos, novos hábitos.

Para o autor a *competição*, segunda categoria abordada, pode manifestar-se de dois modos, competir com o outro ou consigo mesmo. No *campo* foi possível identificá-la em momentos de disputa, entre os freqüentadores (as); tomo por exemplo a situação em que dois destes apostavam quem conquistaria determinada garota, nova no grupo. Foi possível ainda identificar preocupações relacionadas ao mais bonito (a); bem vestido (a). Noutro momento, notei jovens gabando-se por beberem mais que os outros. Outro exemplo que posso utilizar foi também presenciado nas proximidades do bar, onde um jovem afirmava, com ar de superioridade, ter notado ser capaz de beber mais que antes.

As pessoas procuram distinguirem-se através do comer e/ou beber, do consumo. Se nos reportarmos a Veblen (1987, p. 35-6) observaremos que os fatos mencionados podem ser a expressão, na atualidade, da busca desta diferenciação, “...da adaptação a um novo fim, por processo seletivo, de uma

diferença que existia anteriormente e que se tinha firmemente estabelecido nos hábitos de pensamentos dos homens”. Assim, a diferenciação cerimonial observada “...principalmente quanto ao uso de bebidas intoxicantes e narcóticos...”, estaria relacionada diretamente à pretensão de se atingir determinado *status*, sendo superior aquele que tem capacidade (econômica) para tal.

Em sentido oposto, Maffesoli (1998, p. 252-4), parece crer ser esta a expressão da busca do *estar-junto*, baseado na identificação. A relação com as bebidas alcoólicas, ou drogas fundamenta-se na busca do êxtase, ou saída de si, alcançados através da embriaguez, pelo sexo coletivo ou outro prazer dos sentidos, ligando o homem ao homem, o homem à natureza. Esta notação ressalta a função do êxtase, onde os termos fusão, comunhão, emocionalidade que são muitas vezes empregados para designar esse processo, não deixam de acentuar essa função:

“Diria que o êxtase Dionisíaco é essencialmente social, porque é profundamente natural, porque vai ao ponto mais profundo da natureza, e, de certo modo, a exaure, a faz aceder a um outro nível de qualidade”. Ao compreendermos esse processo estaríamos “...em condições de compreender todas as diversas manifestações da naturalidade social perceptíveis atualmente. De um modo alusivo, indicarei apenas três deles: o desenvolvimento festivo, o devir tribal da sociedade e a tendência, mais compreensiva do que explicativa, da tentativa teórica”.

Para o autor, as situações descritas podem

“...sublinhar a decadência do ‘sentido’ de festa, sua mercantilização, e mesmo, para alguns, a perda de sua aura sagrada, para outros, ainda, sua incitação à devassidão; não resta dúvida de que ela se torna, cada vez mais, uma dessas idéias obsessivas que marcam em profundidade uma dada época e, mais precisamente, a vida cotidiana. Também a ligação existente entre o festivo e o Dionisíaco não é menos evidente. De uma maneira ora paroxística (animalidade, devassidão, êxtase coletivo) ora suavizada (festivais comerciais, produtos da terra, reuniões pacifistas) a festa é um mundo em sùmula, e, por isso mesmo, lembra o mundo natural no seu todo.

A danceteria parece promover uma busca de conquistas, (por espaços, de pessoas) baseado na exibição, na imagem, valorizando o hedonismo; ganhar atenções, ganhar olhares, através de exibições as mais variadas: roupas, consumo de bebidas, paqueras, danças, dentre outras, explicitando a questão, merecendo ser melhor analisada.

A terceira motivação é a *vertigem*, evidenciada na relação álcool/drogas/pista/dança/luzes, não necessariamente nesta ordem ou conjunto. Alguns dos itens citados, ou todos, quando associados parecem promover a sensação de diminuição do controle. Correr risco, deixar levar-se pelos impulsos, ampliar os limites. Sensações descritas e valorizadas pelos freqüentadores.

Sobre a questão é possível buscar uma aproximação com as considerações de Sant'Anna (1993, p. 260) sobre a busca da sensação pura e da vertigem. Para a autora, vários elementos teriam como intuito possibilitar a dilatação dos estados de consciência, ampliando a intensidade das sensações, incluindo aqui as drogas. Assim, “...a ingestão de Prozac ou do Ecstasy, passando por uma experiência religiosa ou esportiva, torna-se comum a busca de uma ‘overdose’ de vertigem corporal e psíquica, um suplemento de adrenalina e percepção”.

A quarta e última motivação é a *fantasia*. Aproximo-a ao desejo de ser diferente, de ser outro, de estar em outro lugar. Ser diferente à noite, em oposição ao dia, liberando outras emoções, buscando relações calcadas no encontro; ser outro no papel social, numa relação diferenciada em relação ao local de trabalho. O estar em outro lugar, nesta situação, parece estar associado a um espaço criado a partir da intenção da diversão, do lúdico.

Esses elementos ampliam o nosso universo de reflexão sobre o tema abordado.

Em função da dinâmica envolvendo o trânsito, as pessoas, os equipamentos, a busca de diversão, foi possível perceber a ampliação da *Twist's* enquanto espaço. As pessoas estão ali, muitas, em função da *casa*, umas como frequentadores, outras, para apreciar a paisagem, outros, apenas de passagem, mas todos participando do movimento.

Refletindo sobre esta ampliação do espaço, procurei conversar com algumas pessoas envolvidas no processo. Entre estas, ressalto o contato estabelecido com os garotos guardadores de carro, os vendedores de cachorro quente, os funcionários de um estacionamento improvisado, no espaço

correspondente ao estacionamento do Teatro Santos Dumont, de responsabilidade da Prefeitura do Município.

Através destes contatos confirmei suposições iniciais sobre a presença dos mesmos, naquele momento e local, estar relacionado a existência e funcionamento da *Twist's*.

Interessante, e enriquecedor, o diálogo com os guardadores de carros. Para tal função, Buiú (Flávio de Jesus, 14 anos), Edson (18 anos) e Carlinhos (13 anos) são os *donos do pedaço*, expressão utilizada pelo primeiro. Segundo estes, os espaços são divididos entre os mesmos, e além deles há ainda outros três guardadores.

Buiú, afirmou sobre os melhores locais para se tomar conta de carros, em São Caetano, localizarem-se nas proximidades da Igreja Matriz. O garoto argumentou:

“... mas lá já tem dono; e eles são grandes, são homens, não dá prá nós não. Eles faturam bem lá. Só prá você ter uma idéia, um amigo disse que viu um guardador ganhar uma nota de cinqüenta num dia de casamento. De cinco é o que mais ganha, mas ganha de um também. Mais eles lá é que são os donos; e mandam aqui também, mandam em quase São Caetano inteiro; se eles quisé eles vêm aqui e tira a gente e põem quem eles quisé. Mas nós tá de bem com eles; eles protege a gente”. (sic).

Os garotos revelam uma relação de honra, moral, entre os guardadores, na realização da mútua proteção. Enquanto não há invasão de ponto, não há conflito.

Foi também o Buiú que me esclareceu sobre a dinâmica da ocupação noturna naquele pedaço¹²:

“Primeiro que começa a movimentar aqui é o Habib’s, isso vai a noite inteira, e lá a gente não pode chegar porque tem segurança da casa; depois vem o Ragazzo, que fica na frente, esse começa mais tarde e acaba mais cedo, tipo 2h da manhã já não tem mais nada, de sexta, porque de sábado vai até umas 3 e meia. E é a mesma coisa, também tem segurança”.

Continuando, esclarece:

“Outro dia tinha um menino querendo tomá conta e o segurança deu umas bicuda nele; o Carlinho já tomô umas bica, não foi mesmo Carlinho...(dirigindo-se ao outro garoto que estava nas próximo). E aí é que vem o pessoal da “Twist’s”, tipo 11h da noite e fica até as 4h da madrugada. Tem gente que

¹² Esta expressão foi utilizada pelo informante. Foi possível identificar entre os guardadores e as demais pessoas que compartilham com eles daquele espaço, como a tia do cachorro quente, o Niltinho (gerente da Twist’s), ou mesmo alguns seguranças dos restaurantes (que vez ou outra os alimentam com sobras que por ventura ocorram, “... mas é tudo limpinho...” ressaltou Buiú em determinado momento), uma relação social, laços de uma sociabilidade básica, menos estreita que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. Sendo assim creio poder aproximar da categoria *pedaço* utilizado por Magnani (1996, p. 32).

chega as 4 da manhã aí prá come um cachorro quente e ainda dá um trocado prá gente....”.

O garoto estava referindo-se a uma barraca de lanches, uma *Towner* montada com esse objetivo, ocupando a esquina entre o *Habib's* e a *Twist's*.

Sobre o negócio envolvendo a venda de cachorro quente pretendo retomar mais adiante, tratando-se de mais uma constatação relacionada à ampliação do espaço mencionada.

Ainda com relação aos guardadores de carro, foi possível notar sua interação com as pessoas e os espaços, não só como trabalhadores do mercado informal, mas também como crianças que são, despertando nas pessoas laços de solidariedade; ou ainda como menores infratores, na visão da polícia.

Enquanto trabalhadores, segundo o Buiú, eles ganham em média R\$ 50,00 por final de semana, um pouco mais um pouco menos, afirmou meu informante mirim, “...dá prá ajudar legal em casa...”. Garoto esperto, de fala malandra, logo conquistou minha simpatia, confiança e atenção.

Quando expliquei minha pesquisa, após toda essa conversa inicial, este passou a me narrar sobre os abusos da polícia, numa pretensão de conquistar minha solidariedade. Segundo Buiú, há uma policial feminina, apelidada na região de *Kate Marrone*, alusão à série da TV norte americana, “...que apavora na área...”. Truculenta, já agrediu os garotos várias vezes. Segundo estes, esta policial não pertence ao serviço público da cidade, mas sim à cidade vizinha, Santo André; ao referirem-se a ela associavam-na à figura de “...machona...”; “...ela é motorista do tenente, mas é ela que manda nele...ela é fudida...”, afirmou Buiú.

Trabalhando no local já há dois anos, Buiú demonstra conhecer bem as malícias do negócio. Atento a tudo e a todos envolvidos no contexto, aos carros que chegam, “..esse aí é da Igreja, elas nunca dão nada...”, ressalta. Observa atentamente as pessoas que passam, seus clientes antigos.

Observador, logo percebe um carro da polícia aproximando-se e, imediatamente, sinaliza para notificar os companheiros. Um assobio, e ao ter a atenção dos companheiros aponta para o carro passando, “...tem que ficar ligado se não dança...”, me esclarece.

Outro dado interessante levantado no contato com o Buiú referiu-se à existência na região de um grupo de pessoas distribuidoras de lanches, nas noites de fins de semana principalmente. Segundo o próprio, estas não atendiam somente *elas*, buscavam, ainda, conversar e orientar, além de fornecer-lhes os alimentos. A ação parece estar ligada a um grupo comunitário, da Diocese da cidade, tentando amenizar a situação daqueles que se encontram em situação de rua. “*Eles sabe que a gente fica aqui...*”, esclarece meu informante, “...são uns tios, eles são gente boa. Chama a gente dá um lanche, café com leite; fala prá tomar cuidado, ir prá casa depois. Outro dia o tio me deu uma blusa...”. Perguntei ao garoto quem seriam seus amigos, e este prontamente respondeu “...os outros guardadores, o Niltinho, da Twist’s, o João Paulo, do Habib’s, e os tios da Kombi...”, ou seja as pessoas que, de uma maneira ou de outra, o auxiliam em seu duro cotidiano.

Busquei ainda, contato com outros guardadores de carros, mais sofisticados, funcionários do estacionamento improvisado nos arredores do Teatro Santos Dumont, que, através da iniciativa do proprietário da danceteria, conseguiram junto a prefeitura da cidade o direito de *explorar* o espaço citado. O valor cobrado é de R\$ 5,00 pelo período de funcionamento da casa. “*É uma*

terceirização...”, esclarece o informante, “...*uma parte vai prá casa...*”, referindo-se à *Twist's*, “... *e a outra é para ser dividida entre nós...*”, referindo-se aos outros dois seguranças do estacionamento.

Embora a situação destes também seja de subemprego, ocorre em condições melhores às dos garotos.

Marun, o proprietário, afirmou não ter interesse em ganhar dinheiro com o estacionamento, mas sim fornecer mais segurança para seus clientes, dividindo o arrecadado entre os demais seguranças.

Compartilhando deste espaço, nos arredores da *Twist's*, encontrei na barraca de cachorro quente da Tia¹³, algo interessante. A *Towner* de Cláudia e Paulo funciona, também, como ponto de encontro. Alguns dos clientes, ali encontrados, demonstram conhecerem-se por residirem na mesma cidade, e o círculo de amizade ali, constituir-se da expansão de um círculo antigo. Outras, no entanto, conheceram-se nas instalações da danceteria, mantendo o vínculo de amizade, depois, independente desta.

Foi possível identificar no contexto, pessoas chegando somente para comer um lanche, porém, outras paravam para conversar, encontrar amigos, Advindos de outros lugares, de outros estabelecimentos, para encontrarem-se com os demais, demonstram tratar-se de um lugar de encontro, um *point*, para utilizar a expressão deles. Conversando com Gentil, chefe de segurança da danceteria, obtive informações sobre tal comércio, o do cachorro quente: “*Um monte de gente aqui tem conta lá...*”, referindo-se aos funcionários da casa e a barraca de cachorro quente.

¹³ Tia do cachorro quente foi a expressão utilizada por Buiú, e que parece ser consenso entre os clientes da barraca. Os mais próximos dos proprietários, tratam-nos por seus nomes, demonstrando certa familiaridade.

“Ela fatura bem aí. Faça as contas: R\$ 2,50 do cachorro quente, R\$ 1,00 do refrigerante... ouvi dizer, dos meninos que freqüentam a barraca, que ela vende aproximadamente 300 a 400 lanches de Sexta e Domingo, e no Sábado chega a vender seiscentos... dá prá tirar uma boa grana ou não dá?”.

Foi possível identificar uma rede deste tipo de comércio informal na região. O número de *Towners* com a mesma função denuncia a situação. Mas há relação direta entre o lucro e o ponto, isto é, ainda que a Tia do cachorro quente fature razoavelmente bem, o mesmo não se aplica aos demais, talvez a grande maioria, pelas dificuldades em manter em dia as prestações do *Leasing*¹⁴.

Ao final do mês de Dezembro, e também no mês de janeiro, foi possível constatar, através da suspensão do funcionamento da danceteria, significativa diminuição do movimento no espaço descrito neste estudo, confirmando a relação entre as atividades descritas e sua relação com o estabelecimento estudado.

Assim evidencio o conjunto indissociável entre os sistemas de objetos e de ações, tal qual propõem Santos (*op. cit.*). Para o autor objetos seriam as formas e as ações estariam ligadas aos movimentos humanos, solidários e também contraditórios. A conjunção destes elabora o espaço, sendo lugar o ponto onde se reúnem os feixes destas relações. Mudando as ações, altera-se o espaço, deixando de existir o lugar.

¹⁴ Tipo de contrato utilizado para reger as relações entre as empresas que vendem os veículo e os compradores, sendo que estes só terão o direito sobre o bem ao final do pagamento das prestações previstas.

Sendo assim o espaço em sua relação com a sociedade, se dá através dos movimentos desta, atribuindo novas funções às formas, transformando a organização do espaço, criando novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para novos movimentos. Desta maneira e por adquirirem vida sempre renovada pelo movimento social, as formas podem participar de uma dialética com a própria sociedade fazendo parte da evolução do espaço.

Neste caso, literalmente evidenciado através da modificação na utilização do posto de gasolina (que não reúne mais aqueles grupos de jovens), na ação dos guardadores de carros mirins (não encontrados mais naquele local), o estacionamento, improvisado na frente do Teatro (já não é utilizado), a tia do cachorro quente, permanecendo aos sábados, mas já procurando outro ponto melhor, “...*porque este já era...*”, afirma. Nem mesmo o trânsito lento pôde ser verificado.

Certamente, quando em funcionamento, a *Twist's* impôs um trajeto para aqueles que buscando diversão, movimento, entre outras opções possíveis, saíam nas noites de final de semana em São Caetano do Sul.

Outra fase da pesquisa, ocorreu a partir da necessidade de ampliar o número de estabelecimentos incluídos nesta, como explicitado anteriormente. Iniciou-se em Janeiro de 1999 e a familiaridade com a utilização das técnicas, exercitado na construção anterior, permitiu um *olhar* mais atento às questões pertinentes ao estudo. Neste sentido houve facilidade na identificação dos pontos de referência e suas relações com os equipamentos de lazer e entretenimento na cidade.

Novamente o duplo movimento na elaboração dos trajetos se manifestou, bem como a dialética entre as formas e a sociedade participando na construção de outros espaços e lugares.

A elaboração cartográfica, as caminhadas e as observações foram novamente estratégias utilizadas, seguidas ainda das orientações de Magnani (*op. cit.*) anteriormente descritas. Ao buscar proximidade à antiga mancha de lazer da cidade, identifiquei como seus limites o quadrilátero formado pelas ruas, paralelas entre si, Amazonas e Roberto Simonsen e a Av. Goiás e a rua Serafim Constantino¹⁵.

Os limites estabelecidos abrigam durante o período noturno uma mancha de lazer, mas durante o dia predomina o referencial econômico/comercial. Trata-se de um centro comercial abrigando bancos, as lojas, *Shopping Center*, etc., é o *centro* da cidade. Este quadrilátero abriga ainda a estação Rodoviária, pontos de táxi, o Largo da Matriz, cartórios, parte das instalações da Prefeitura municipal, ou seja, instituições responsáveis direta pelo funcionamento da cidade.

Explorando tal mancha, no período noturno, onde as atividades de lazer predominam, observei a concentração de um grande número pessoas, predominantemente jovens, em intensa movimentação, seja para se dirigir de um espaço a outro, ou de um equipamento a outro, ou ainda, mesmo quando estão parados. Gesticulando, sentando e levantando, trocam de posição entre si, olham para um lado para o outro, ou seja, não ficam parados, querem agitar; mesmo quando o objetivo é caminhar e observar, nota-se a forte

¹⁵ Certamente há outros equipamentos de lazer fora dos limites descritos, não muito distante inclusive, mas estou tratando aqui na identificação de uma mancha a partir da concentração, buscando estabelecer limites, inclusive topográficos, que auxiliem na elaboração do estudo.

utilização do gesto, da expressão corporal como elemento importante na comunicação, no fazer perceber-se, no insinuar-se.

Foi possível, no contexto, identificar locais onde a concentração era maior, permitindo ainda notar, nestes, diferenças com relação às preferências, observada através do gosto musical (*Reggae, Surf Music, Funk, Rap, Dance, pagode, country*, entre outros), do vocabulário (utilização ou não de gírias), das roupas e acessórios (calças, *jeans* rasgados ou novos; ou bermudas das mais variadas marcas e cores; jaquetas, blusas, *blaisers*, camisas e camisetas, predominando esta última, com motivos de *surf* ou de determinada banda ou grupo musical, brincos, bonés, luvas, cabelos compridos, ou careca, entre outros possíveis), posturas (jeito de andar, sentar, gesticular), etc. Portanto, o lugar se marca pela formação de redes de sociabilidade que operam com determinados padrões de seletividade e *sofisticação*. Para participar do grupo precisa corresponder a determinadas expectativas, a uma certa imagem que cada um espera encontrar em si mesmo e no outro.

Forma-se aí uma identidade coletiva que se traduz na roupa, no comportamento, na escolha do vocabulário, etc. Os jovens constroem uma espécie de demarcação simbólica para cada grupo e desta forma afirmam suas diferenças socioculturais, (Cf. Frúgoli Júnior, 1995, p. 98).

Exemplificarei, utilizando referência concreta à dois importantes lugares identificados no quadrilátero em questão, para posteriormente ater-me ao circuito dançante, interesse central da pesquisa.

O primeiro, abrigando maior número de pessoas, localizado à direita da Av. Goiás, tendo como referência o sentido que permite o acesso à cidade de Santo André. Possui a dimensão de dois quarteirões, onde o primeiro é formado pelas ruas, paralelas entre si, Manoel coelho e Rio Grande do Sul e

abriga a Praça 1º de Maio e a Concha Acústica da Cidade, além de uma pequena central de telefonia. Composto ainda a paisagem temos o ponto de ônibus mais movimentado da cidade, dada a sua central localização. Seguindo, buscando orientação no sentido anteriormente citado, encontramos a praça dos Estudantes, segundo quarteirão do primeiro espaço a ser descrito. Situado entre as ruas Rio Grande do Sul e Goytacazes, tendo ao fundo o antigo prédio da prefeitura municipal da cidade, hoje, abrigando a Câmara Municipal, a Fundação Pró-Memória, e a Biblioteca.

Descrevi a calçada mais movimentada da cidade, na atualidade. Na rua Goytzcazes, localiza-se o Bar e Chopperia Mabalú e seu concorrente o Zangão. Duas chopperias conhecidas, ocupando a esquina do agito, formada pelas Av. Goiás e rua Goytzcazes, lateralmente às Praças dos Estudantes e 1º de Maio. Nesta mesma calçada, às margens da Avenida Goiás, temos ainda a Chopperia Intercontinental e a Chopperia Nº 1, outra duas grandes casas do gênero, também com grande frequência.

O espaço descrito e os equipamentos citados, atraem nas noites de quinta-feira em diante, até o domingo, incluindo o período da tarde deste, uma multidão de pessoas, em sua grande maioria jovens. Estes encontram facilidades no local, seja para estacionar seus veículos, seja pela proximidade aos bares e chopperias citados, dirigindo-se ao seu ponto de encontro, às praças, entre outros.

Ao anoitecer o espaço fica totalmente tomada, reunindo grupos de jovens *skatistas*, *rollers*, ciclistas, casais de namorados, enfim, aqueles que de maneira ou outra prezam pelos momentos de lazer na cidade, pautando sua opção no encontro, no contato com o outro, na estar junto, ou próximo.



Figura 04 – Trânsito e movimento na esquina da Av. Goiás com a Rua Goytacazes, num Sábado a noite.

Os frequentadores do local costumam estacionar seus carros de maneira a permitir a utilização de seu som, sendo esta uma forma de atrair atenção, manter a motivação, o lugar agitado.

Neste local encontramos “...os mauricinhos e as patricinhas da city...”, na visão de Geraldo (21 anos), um dos informantes abordado nas imediações. Tal consideração não descreve, integralmente, o grupo, mas orienta, no sentido de estabelecer dados iniciais para reconhecê-lo. Os frequentadores geralmente têm carro, telefone celular, por vezes utilizado para localizar ou ser localizado. A tônica encontrada nos modos de vestir responde ao

padrão *burguesinho Country*, ou seja, *jeans* de marcas famosas (*Fórum*, *Viv’Leroa*, *Zoomp*, *M. Officer*, etc.), camisas na mesma orientação, chapéus, cintos e botas para o público masculino, e o feminino além destes, outros acessórios peculiares ao gênero, não sendo difícil encontrar rapazes com *rabo de cavalo*¹⁶, ou brinco, orientados pela a moda. Como podemos observar nas próximas imagens.



Figura 05 – Equipamento de som adaptado à traseira do veículo.

¹⁶ Esta expressão é utilizada para descrever um modo de prender os cabelos.



Figura 06 – Jovens que prezam pelo estilo *Country*, na cidade de São Caetano do Sul

Sem dúvida é um local de paquera onde podemos identificar grupos de amigos (as) fazendo do lugar outro ponto de encontro na cidade. É como explicou Giovanna, (19 anos), outra informante, “...*mesmo sem combinar a gente vem prá ; porque a turma vai tá por aqui, e aqui a gente decidi prá onde vai, o que vai rolá*”. (sic).

O trânsito no local também sofre alterações, (Cf. figura 04), como descrito anteriormente quando a *Twist's* estava em foco. Com tendência à lentidão, relacionada aos mesmos objetivos anteriormente citados, ou seja, ver e ser visto, apreciar a paisagem, paquerar, ou ainda encontrar um amigo ou grupo de amigos. Aqui vale, também, as mesmas considerações para os *estados de espírito*, para as posturas ali evidenciadas.

Encontrei as mesmas nuances anteriormente descritas, aliás, encontrei parte das pessoas, dos grupos, que freqüentavam espaço da *Twist's*, as quais migraram após seu fechamento, para este *point*. O número de pessoas concentradas neste espaço, hoje, sem dúvida é maior que aquele relacionado à *Twist's*, principalmente aos domingos à tarde, muito possivelmente por aquela ter deixado de existir.

O segundo lugar, tem como referência o Bar e lanches Caravela, ou *Bar do China* como é mais conhecido; aliás, tenho dúvidas sobre alguém conhecê-lo pelo primeiro.

As instalações do *boteco*¹⁷ são extremamente simples. Um balcão central, formando um retângulo abriga a estrutura física e material, além dos funcionários necessários a seu funcionamento, com bancos ao seu redor.

Posicionado na esquina formada pelas ruas Baraldi e Goytacazes, é famoso pela batida de vinho com abacaxi, (espanhola), vendida em embalagem própria (litro de plástico descartável), geralmente transportada para fora do ambiente, e por preço modesto. Estes são motivos significativos para compreender o público freqüentador, pelo menos no período noturno.

O referido público, aproximadamente duzentas pessoas em média, costuma ocupar os espaços das calçadas e das ruas uma vez sendo o trânsito pequeno no local em função da sua centralidade, tanto na cidade quanto ao quadrilátero anteriormente descrito. Por volta das vinte e duas horas, um público composto geralmente por jovens provenientes das classes mais populares, buscam diversão em atividades simples como conversar, ouvir música, beber, paquerar.

¹⁷ Boteco ou botequim são expressões mais utilizadas para referir-se a este tipo de ambiente, tendo na simplicidade das instalações e na rede de sociabilidade, suas características fundamentais.

Marca característica do público é sua condição sócio-econômica, verificada a partir de elementos visíveis como, opções por determinado tipo de roupa (na verdade não sei se por opção, ou por sua falta; porém apesar das dificuldades existentes, estes demonstram criar, a partir de suas possibilidades concretas, um estilo), a forma de condução (geralmente ônibus ou trem, pois este local é próximo à estação ferroviária da cidade), o tipo de música (apesar de na atualidade esta afirmação ser difícil de ser sustentada, pois serve mais para identificar grupos, gostos, do que classes), *funk*, *rap*, *reaggae*, entre outros.

Estes jovens costumam chegar ao local em grupos, aparentando conhecerem-se, identificam-se, e rivalizam-se entre os grupos, não sendo raro o confronto.

A violência, verificada através do número de brigas ocorridas no *pedaço*, é mais uma característica do público freqüentador. Embora estas ocorram em outros espaços, a diferença está na constância, demonstrando certa relação com o estilo de vida. Para determinados grupos faz parte do programa o confronto, as brigas. Diversão e violência andam muito próximas, constituindo-se num mesmo espaço.

Estas ocorrências, acrescidas das dificuldades econômicas dos freqüentadores, dos proprietários, influenciaram na alteração do funcionamento do estabelecimento comercial descrito. Segundo palavras de um dos proprietários, o Sam, “...o momento é delicado, e não tá compensando ficar aberto até as quatro da manhã...”, como anteriormente, “... o risco aumentou e a gente não quer expor a família...”. Faz esta consideração pelo fato de trabalharem com ele, o irmão, seu sócio, além de

filhos e sobrinhos. Prosseguindo esclarece, “...e também nos últimos tempos, com as coisas difícil como estão ..., a garotada tem que fazer até vaquinha prá comprar um litro que custa R\$ 6,00...”, referindo-se à *espanhola* muito possivelmente motivo da frequência no local, e conclui

“... as vezes eles vão até a pé prá casa por causa disso ... pois é, não tem compensado, pois prá ir até as 4h a gente trabalha com 3 funcionários que são bico, o que encarece demais ... e os seguranças tão pedindo R\$ 40,00, cada um e são dois, por noite ... eu não ganho isto! ... é melhor fechar, não funcionar”.

Nestes dois exemplos utilizados, fica claro algo já mencionado por Magnani (1996) sobre a relação do antigo e do moderno, o velho e o novo, o tradicional e a vanguarda, a periferia e o centro, o rico e o pobre, o caro e o barato, partindo das possibilidades concretas de entretenimento e seu vínculo ao modo de vida (hábitos, crenças, valores, etc.) da população.

No caso em questão isto é explícito, impondo à cidade *linhas invisíveis* separando os grupos, demarcando territórios. Os componentes de cada grupo, por sua vez, parecem identificar estes limites. Reagem quando sentem-se invadidos. Invadem como forma de contestação, acentuando a tensão entre diversão e violência, neste centro urbano.

Aqui torna-se visível a permissibilidade paradoxal, explicitada por Zizek (1999, p. 8), onde, na sociedade contemporânea, aparentemente hedonista e permissiva mas na verdade saturada de normas e regulamentos, há

restrições ao cigarro, ao comer, regras contra o assédio sexual, porém, observa-se uma banalização da violência. Esclarece o autor:

“... você pode violar – não o decálogo, mas as regras rígidas da coexistência pacífica numa sociedade liberal tolerante; pode comer e beber o que quiser, pode dizer coisas que a correção política proíbe, pode até odiar, lutar, matar, e violentar. É ao oferecer esse tipo de pseudolibertação que o superego suplementa a textura explícita da lei simbólica social.

Observo ainda a multiplicidade de signos, podendo ser a origem territorial ou um estilo de vida, evidenciado através de roupas, gosto musical, alimentício, entre outros, servindo para o reconhecimento e organização das tribos. (Cf. Maffesoli, 1998, p. 255).

Fazendo referência às noções de espaço, território, urbanidade e localismo, este autor, ressalta sua importância no debate contemporâneo, evidenciando, ainda, que cada um desses espaços só têm sentido pela oportunidade que oferecem de serem vividos com o outro.

Maffesoli afirma aproximar suas idéias às evidenciadas no conceito de proxemia, tal qual o sentido proposto pela escola de *Palo Alto*, ou seja, tratando-se de “...pensar o consenso, o estar-junto, em suma, a harmonia (feita de amores e ódios), a partir do que experimenta-se de perto”.(op.cit., p. 262).

O autor, com o qual estamos dialogando, entende a importância destes locais estar relacionada diretamente às reuniões, ao reconhecimento, possível através do outro, e assim o (re)conhecer-se. Esses lugares, espaços de

sociabilidade “...repletos de afetos e de emoções comuns...”, são feitos por e para as tribos, podendo ser

“...o bar da esquina, o bar onde se joga nos cavalos, a pracinha do bairro, os bancos públicos dos calçadões (...) Sem esquecer, é claro, esses lugares específicos que poderão ser as salas de ginástica onde se constrói seu corpo em comum, as das permanências políticas, onde se elaboram o futuro coletivo da sociedade e as carreiras individuais, os locais das associações de utilidade pública (...). É em todos esses laboratórios que se elabora a misteriosa alquimia da socialidade ”. (op. cit., p.269)

Outra aproximação possível, tendo como referência as *linhas invisíveis* anteriormente mencionadas, diz respeito ao elucidado por Burke (1999, p. 05) sobre a comparação entre a mobilidade social das palavras e das pessoas. O autor fazendo analogia ao estudo de Mary Douglas¹⁸, demonstra os imigrantes serem vistos como pessoas fora de seu lugar ou território próprio. Atravessando as fronteiras transgridem os limites espaciais estabelecidos pelos estados-nações, tornam-se intrusos. Assim, por não deterem os signos próprios do lugar, ou do grupo, não são reconhecidos, portanto, não são aceitos; está instituída a relação de poder, de uso, de direito sobre o território, o lugar; cabe aos *nativos* a preservação deste, sendo admissível, inclusive, a utilização da violência para sua manutenção/conquista. Daí a metáfora utilizada por Burke,

¹⁸ Citada pelo autor, a antropóloga Inglesa, autora do estudo “*Purity and Danger*” de 1966, vincula a preocupação da pureza com a comunidade e, mais especificamente, com seus limites. A autora demonstra que sujeira é simplesmente matéria fora do lugar. Assim terra é limpa quando está no jardim, e sujeira quando encontrada na cozinha; a comida é limpa quando está na cozinha, mas torna-se sujeira no quarto, etc.

(onde intrusos são *sujeira*, uma vez relacionados à matéria fora do lugar, passível de purificação através da limpeza do *território*, do *lugar*), ser preciosa na orientação das reflexões propostas.

Vale frisar sobre a relação entre os espaços descritos ser dinâmica, interativa, no contexto da cidade. Nesta interação fica evidente a heterogeneidade cultural apontada por Velho & Viveiro de Castro (op. cit., p. 18), a partir da explicitação de interesses, nas contradições e nos conflitos (re)produzidos nestas interrelações.

Com o avançar da noite a *Atlanta* e o *Duboiê* entram em cena, como mais uma possibilidade de lazer e entretenimento. Localizadas na rua Manoel Coelho, juntamente com a *Twist's* e o *Country Bear* formam o circuito dançante de São Caetano do sul, constituindo-se interesse para este estudo.

A primeira, no estilo *Dance Club*, ocupa o último andar do Shopping Center da cidade. Já o *Duboiê*, na linha bar dançante, localiza-se no lado oposto ao shopping, na verdade um quarteirão abaixo tendo como referência o sentido da Av. Goiás para a rua Serafim Constantino.

Durante o dia, estas inserem-se no contexto como apenas mais um componente da paisagem. No entanto, com a chegada do final de semana, ao anoitecer, com a ampliação do movimento, aliás, já bem próximo à meia noite¹⁹, estas *casas* passam a ocupar lugar de destaque entre os equipamentos de lazer da cidade.

¹⁹ Para ser fiel aos termos utilizados no contexto. É fácil identificar, na fala das personagens, os termos início da noite ou quando a noite começa, no meio da noite, fim de noite, altas horas da noite, como forma de situar no período; observo que a referência é a partir do próprio período em questão, ligado assim à percepção do tempo de maneira cíclica, e não a forma linear, predominante na atualidade.

No caso do lazer dançante verifica-se estreita relação com o período noturno, pois, não encontra-se nenhum espaço oferecendo tal atividade em funcionamento durante o dia na cidade, ou ainda nos dias iniciais da semana.

Entre os estabelecimentos abordados por este estudo (ainda em funcionamento), somente o *Duboiê* tem suas atividades iniciadas no meio da semana, mais especificamente, às quintas-feiras.

Observa-se considerável aumento no fluxo de veículos, na rua Manoel Coelho, a partir do início do período de funcionamento dos estabelecimentos citados, influenciando, inclusive, no trânsito local. Além dos Freqüentadores, verifica-se a presença no trânsito de jovens que não têm intenção de adentrar o ambiente das casas noturnas, estão apenas de passagem pelo trajeto, registrando o movimento e, é claro, sua presença.

Interessante observar, novamente, questões relacionadas aos congestionamentos em diferentes horários e circunstâncias. No caso em questão, entrar no congestionamento é uma opção, pois o trajeto pode facilmente ser evitado, até mesmo pelas pessoas que estão se dirigindo às casas noturnas. Ao utilizarem os estacionamentos, privados²⁰, encontrados no quarteirão em questão, ou ainda o do próprio shopping, caso mais comum, as pessoas têm acesso às *casas* através deste, que tendo entrada tanto pela rua Manoel Coelho como pela rua Roberto Simonsem, permite o acesso a ambas. Como se trata de uma opção, a postura encontrada esta mais ligada à descontração, novamente estão presentes a paquera, o sorriso, o som alto gestos espalhafatosos, as brincadeiras.

²⁰ Neste caso observa-se significativa diferença com relação à *Twist's*, pois os atores sociais em questão são os seguranças; contratados, devidamente uniformizados (paletó e gravata) e equipados (walkie-talkie) são responsáveis em manter a ordem e garantir a integridade dos freqüentadores. Sais de cena, portanto, a figura do guardador de carros.

No contexto foi possível identificar maneiras distintas de apropriação e uso do carro. A primeira possibilidade remete a este como meio de transporte, extremamente valorizado na atualidade, principalmente nos centros urbanos modernizados, (Cf. Frúgoli Júnior, op. cit.); ou ainda enquanto *símbolo* (signo), *bem* que comunica e uma vez adquirido estaria, concomitantemente, adquirindo-se uma imagem. Saadeh (*apud* Perez 1999, p. 12) oferece importantes contribuições para análise da questão. O autor atribui ao carro o caráter de símbolo fálico, portanto “...*relacionado ao poder, ao sucesso, ao ter dinheiro e ser capaz de suprir necessidades*”. Assim, o veículo torna-se importante instrumento na atração da atenção, na atração sexual, talvez ambição maior dos sujeitos que compõem este estudo, e, segundo Goldeberg (*apud* Perez, op. cit., p. 1), isso se daria “...*por meio de registros subjetivos de força poder e pela capacidade de velocidade e potência, que pode muito bem estar relacionada à potência sexual*”.

Ainda com referência ao trajeto, vale frisar este considerar apenas o *Duboiê* e o *Country Beer*, pois as instalações da *Atlanta* fica no último andar do *Shopping Center*, como dito anteriormente, impossibilitando contato com seu o público, mesmo o visual. Porém as duas primeiras atraem grande número de pessoas, causando aglomeração na parte frontal, além da tradicional fila de acesso, ocorrência comum em casas noturnas, principalmente as da moda. Tal movimento quando comparado ao da *Twist's*, apresenta dimensões inferiores, ou seja, o estabelecimento fechado reunia não somente um maior número de carros, como também um maior número de pessoas transitando pelo espaço.

A dinâmica da cidade, com relação ao lazer noturno, envolve outras possibilidades não apresentadas em função da prioridade do estudo. Contudo

acredito ter mapeado pontos importantes, auxiliando na compreensão desta dinâmica por fornecer evidências, através da identificação do conjunto simbólico, das regras, utilizadas na elaboração destes espaços, bem como, em sua manutenção.

Esta incursão à cidade de São Caetano do Sul permitiu-me constatar sobre as alterações sofridas pelas práticas de sociabilidade neste centro urbano industrial. Mostrou-me um município integrado à cidade de São Paulo, via processo de conurbação, como exposto anteriormente, porém mantendo relações, valores, de uma cidade do interior e apresentando complexidade e mundo social extremamente rico para a reflexão das práticas urbanas, sobretudo às ligadas ao tempo livre, “...cujo significado, alcance, variedade e modalidades de utilização...”, constituem-se em temática privilegiada para pensar a dinâmica cultural.(Cf. Magnani,1995).

Encontrei a praça, com concha acústica substituindo o coreto, mas não o *footing* em volta deste, imagem característica de uma cidade do interior. Substituindo as cadeiras nas calçadas, outra característica das pequenas cidades, encontrei os carros estacionados, com suas portas abertas e o *som* tocado em alto e bom tom aproximando as pessoas.

Traços marcantes desta dinâmica referem-se ao tempo e aos objetivos destas práticas. Normalmente apresenta a duração de um encontro, onde marcar o ponto, ou ainda, estabelecer o programa apresenta-se como possibilidades. Explícita, contudo, a necessidade do estar-junto, da importância e valorização das práticas de sociabilidade, ao mesmo tempo esclarece sobre as transformações destas.

Assim, a *rua* transformou-se tanto em sua materialidade quanto em seus usos e significados, mas como observa Magnani (1995, p.13) a “...*experiência de rua, não obstante os conhecidos problemas dos grandes centros urbanos, não morreu: diversificou-se, assumiu novas modalidades, adaptou-se a novas circunstâncias, estabeleceu outros diálogos*”.

CAPÍTULO II

Por dentro do embalo

Neste capítulo apresentarei as *cartografias* elaboradas durante as observações realizadas no período de desenvolvimento da pesquisa. Vale lembrar que em sua construção procurei relacionar *objetos* e *ações*, (Cf. Santos, 1997), aproximando os atores aos espaços de suas ações. Assim, após relatar sobre o conjunto de ações identificando os estabelecimentos estudados no circuito dançante, apresentarei a descrição das casas noturnas pontuando seus espaços, sua decoração e seus equipamentos em seu dinâmico funcionamento, portanto durante a festa, registrando ainda as formas de ocupação, alguns interesses presentes e os significados atribuídos, para posteriormente promover algumas articulações entre elas.

Sobre a Fila

Ao percorrer os trajetos noturnos buscando uma aproximação ao objeto de estudo, bem como apreende-lo em sua dinâmica interação com a cidade, identifiquei um conjunto de ações através das quais este torna-se evidente. Refiro-me às filas, já apontadas no capítulo anterior.

Buscando aproximação aos estudos de Santos (1997), para quem o espaço seria o conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, identifiquei as instalações das casas noturnas como sendo os sistemas de objetos e as filas um dos sistemas de ações que compõem os espaços estudados, ambos responsáveis por sua visibilidade no contexto da cidade.

Em todos os estabelecimentos abordados, ou seja, a *Twist's*, o *Duboiê* e a *Atlanta*, as filas foram elementos sempre presentes e, como tal, ofereceram um universo de informações importantes para compreensão da manifestação estudada.

São vários, e diferentes, os motivos que levam a formação das filas.

Como trata-se de um espaço privado, ou seja, o acesso só é possível após a aquisição do ingresso, ou bilhete, e a realização da *revista*. Este é o motivo mais comum na constituição das filas, e o padrão encontrado na *Twist's* e na *Atlanta*. Já no *Duboiê* o sistema utilizado é outro, o acesso acontece após a posse do cartão de consumo. De qualquer maneira, as duas formas de procedimento causam lentidão, seja pela elaboração do troco ou pelo tempo necessário para personalizar o cartão.

Outro motivo observado, leva em conta o grau de *importância* que casa noturna detém no conjunto de opções de entretenimento naquele momento. Quanto maior a notoriedade do estabelecimento tanto maior sua procura e, conseqüentemente, maior a fila. Portanto, nas casa noturnas da moda, ou em evidência, a probabilidade de longas filas é maior.

Outro fator devendo ser considerado refere-se a existência de uma “*melhor hora para chegar*”, uma vez ninguém querer ser *arroz de festa*, ou seja, ninguém quer ser o primeiro a chegar. Assim, parece haver um acordo tácito para a determinação desta hora, e é incrível, repentinamente lá está ela, a fila.

Nos estabelecimentos estudados este horário é, aproximadamente, entre as vinte e três horas e vinte e três horas e trinta minutos. É notório pessoas chegando antes e depois deste horário, na questão estou referindo-me a maior incidência e a sua influência no fenômeno em discussão.

Abordando o assunto com um dos proprietários do *Duboiê*, o Sr. Vladimir Taricano, tomei contanto com outro conjunto de informações importantes na compreensão do problema. Dizia-me o entrevistado que há interesse dos estabelecimentos na existência das filas. Elas seriam utilizadas como um instrumento de *Marketing*, de promoção da *casa*, pois “*se tem fila é porque lugar deve ser bom*”, afirmava ele. Para o entrevistado este é um pensamento comum entre as pessoas que freqüentam estes estabelecimentos, devendo portanto ser utilizado em prol destes.

Referindo-se especificamente ao *Duboiê* o informante apresentou interessante estratégia, para promover uma melhor ocupação/aproveitamento tanto do espaço quanto das impressões de seu público, envolvendo a questão em pauta. Por volta das vinte e uma horas e trinta minutos, quando a *casa* abre, as pessoas teriam acesso a parte das instalações, ao espaço compreendido ao que ele chamou de choperia, e a partir de determinado horário, ou ainda pelo acúmulo de pessoas neste ambiente, possibilitar-se-ia o acesso aos demais espaços desta.

A intenção dos proprietários do *Duboiê* é a de transferir a fila para dentro do estabelecimento, “*pois enquanto aguardam a hora do show*”, ou ainda, o início do festa, seus clientes “*teriam a sua disposição o serviço de bar, um espaço confortável e seguro, além do entretenimento musical próprio daquele ambiente*”, explica Taricano.

É fato que o espaço acaba por atrair um grande número de pessoas, é notório também que a estratégia dos proprietários surtiu efeito, observado no número de pessoas que ocupam/procuram por este, mas o que não se concretizou foi a diminuição da fila do lado de fora, ou sua extinção como sugeriu o proprietária, o que constatei é sobre ela, existir, em determinados horários, mesmo após suas ações; a ocorrência é de aglomeração dentro e fora

do espaço citado, com o diferencial de os de dentro usufruírem dos benefícios descritos. Maiores detalhes sobre o *Duboiê* serão apresentados posteriormente.

A análise do fenômeno em foco pode ser realizada, também, da perspectiva de quem está envolvido. Assim, a permanência na fila depende de que fila se está falando. Há casos, como os registrados na matéria publicada pela Revista Veja (São Paulo), de 23 de agosto 1999, que a permanência nestas pode chegar a duas, até três horas, dependendo do dia, da *casa* e, é claro, da disposição de quem aguarda.

Na matéria em questão encontrei outros elementos importantes para a discussão. *Entre o agito da pista e o olho da rua*, como sugere o subtítulo, ocorrem uma grande quantidade de situações que incluem preconceitos, aborrecimento, passividade, abuso de poder, de força. Por outro lado, acrescento ser possível identificar conhecimentos e táticas utilizados pelo homem ordinário, para utilizar a expressão de Certeau (1994). Refiro-me ao *jeitinho*, “*libera que esse é meu camarada*”, ou ainda o “*esse é prá cervejinha*”, aliás muito comuns.

Em nome do padrão de qualidade da *casa* confere-se aos funcionários destas, sejam *host*, *hostess*, *doorman*, *doorwomam*¹, ou ainda, os juízes do estilo, (Cf. Calil, 1994), o direito de cometerem os maiores atos de discriminação que tive a oportunidade de presenciar. Em nome da referida qualidade, estes dificultam, por vezes proíbem, a entrada de quem não se pauta pelo referencial da moda para compor seu guarda roupas, independente dos motivos que os levam a isto. Também não é permitida a entrada em grupo. Chega-se ao absurdo de separar-se pequenos grupos, por exemplo, um grupo formado por três ou quatro pessoas, disponibilizam o acesso de apenas duas.

¹ Termos utilizados para referir-se aos recepcionistas (*host e hostess*), que na compreensão de Calil (1994) devem ser considerados também como anfitriões, e aos porteiros de entrada (*doorman e doorwomam*).

Em todos estes casos, a possibilidade de acesso ao “*agito da pista*” é dificultado, sendo a possibilidade de permanência no “*olho da rua*” a única saída, enfatiza a referida matéria. Como o lugar é concorrido, ou seja, o número de pessoas que procuram é maior do que o espaço comporta, as filas são inevitáveis, e é nesta circunstância que os abusos ocorrem. Barra-se pelo tipo de sapato, de blusa, de cabelo, de acompanhantes. Comete-se os mais variados atos de discriminação. Como existem juizes para o estilo, é perfeitamente possível chegar alguém e entrar imediatamente, não importando se alguém estava esperando a horas; só porque o juiz ou a juíza foi, ou não “*com a cara da pessoa*”. É absurdo, mas está registrado não periódico, encontrar a declaração de uma *hostess*, de uma *casa* famosa inclusive, afirmando: “*se eu não for com a cara não entra, e eu falo é uma vez só*”. Lamentável ainda encontrar atitudes como estas em nossos dias.

No caso específico deste estudo, ou seja, nos estabelecimentos em São Caetano do Sul, diferentemente das casa noturnas da cidade de São Paulo, os critérios para definir o acesso das pessoas ao seu interior são um pouco mais democráticos, na perspectiva de uma sociedade capitalista. Para determinar quem vai, ou não, entrar, o critério utilizado é o de chegada, e, é claro, o de aquisição do ingresso, pois como já vimos trata-se de um espaço privado. Enquanto houver espaço dentro das *casas* as pessoas, em posse de seus ingressos ou cartão de consumação, no caso do *Duboiê*, teriam acesso garantido.

Mesmo sendo mais democráticos e não ocorrendo fatos como os observados na cidade de São Paulo, é possível identificar, por vezes, situações que demonstram algum tipo de discriminação, seja no ato de barrar algum

interessado em acessar o ambiente, seja no favorecimento de conhecidos, burlando-se a espera na fila.

Ao focar as filas, ainda sob a ótica de quem as compõem, surge outras possibilidades de análise tendo as ações e os comportamentos como fonte de informações. É interessante observar que o estar na fila, por vezes, parece não incomodar muito. Estar na fila é compreendido pelas pessoas como parte da festa, do ritual. Assim, encontra-se também descontração, brincadeira, divertimento, paquera. Disse também porque irritação, briga, discussão, apresentam-se como possibilidades.

Portanto, as filas podem ser o recurso utilizado para identificar as casas noturnas contexto da cidade. Para localizar a *Twist's*, em seu horário de funcionamento, não era necessário a utilização detalhada de seu endereço, ou seja, o nome da rua, número, algumas referências. Bastava saber que ela ficava na Av. Goiás, pois ao se aproximar o movimento, e também a fila, denunciava o referido espaço. O mesmo ocorre com o *Duboiê*, estando na Rua Manoel Coelho identificar sua localização é tarefa extremamente simples. Para a *Atlanta* as circunstâncias são outras, pois localizando-se dentro do *shopping center*, como explicitado anteriormente, o acesso só é possível pelo estacionamento deste. Porém, basta aproximar-se de sua entrada e lá está ela.

Assim, a partir da existência das filas foi possível determinar no fluxo os fixos e suas constantes transformações; o primeiro é identificado como resultado direto, ou indireto, da ação e o segundo fixados ao solo, são artificiais. Se o fluxo atravessa, ou se instala, no fixo, modifica sua significação e valor, modificando-se conseqüentemente (Cf. Santos, 1997).

Enfocando a Twist's

A referida casa noturna tornou-se conhecida na região por promover festas animadíssimas reunindo muita “gente bonita”, algumas conhecidas e constantes nos embalos da região. Nestas costumava-se apresentar *Dj's* famosos², decorações temáticas variadas, com promoções convidativas e constantes sorteios de prêmios, tudo no melhor estilo *dancing*, como destacou Michel um dos promotores. Outra característica, apontada como importante por alguns de seus freqüentadores e ressaltado pelo promotor refere-se a

“..sua sintonia com tudo que há de mais moderno acontecendo, seja novas músicas, iluminação, telões, fitas, filmes, tudo que tem de novo no mercado, a Twist's mostra aqui ao mesmo tempo que em São Paulo”.

Fato importante na sociedade da comunicação.

No período de realização da pesquisa seu funcionamento era de quinta-feira à sábado, das vinte e duas horas às quatro horas e aos domingos, das dezenove horas às zero horas. Às quintas e sextas-feiras o público constituía-se, quase que exclusivamente, por jovens estudantes da região, uma vez esta concentrar um grande número de universidades e faculdades. Já aos sábados e domingos era acrescido por outros grupos advindos de locais mais distantes, como por exemplo, Ribeirão Pires, Suzano ou da capital. A ocorrência deve-se ao fato das facilidades encontradas aos finais de semana, como por

² Como é o caso de Ricardo Guedes conhecido no meio como um dos melhores tendo, inclusive, seu trabalho reconhecido e transformado em cd.

exemplo: menores dificuldades nos transportes, formação de grupos de interesse, a *folga* no domingo, entre outros apresentados.

Uma das entrevistadas, residente em Ribeirão Pires, em seu depoimento esclarece sobre os fatores mencionados.

“Olha, normalmente eu saio a noite assim mais de final de semana, as vezes de quinta ou quando tem algum feriado. E... sair a noite assim, a gente sai, vai para São Paulo, São Caetano, depende de quem vai e como a gente vai, de carro, de ônibus entendeu (...) normalmente o final de semana chega e ‘para onde a gente vai hoje?’ ou então ‘vamos para tal lugar?’, ‘vamos para o Country Beer, vamos para Twist’s, vamos para São Paulo’, a gente vai para o lugar, a gente não vai para encontrar lá, as vezes vai para algum lugar para encontrar determinada pessoa, determinadas pessoas que estão lá mas normalmente a gente tá em turma....”, (LRN).

Outro fator importante é sobre a presença do *Dj Ricardo Guedes* tanto no sábado como no domingo, como destacado anteriormente.

A área construída desta casa noturna é de aproximadamente quatrocentos e cinquenta m², e tem capacidade para acomodar aproximadamente mil e duzentas pessoas, segundo Marun, um dos proprietários. O ambiente é composto por dois pisos, e no conjunto a marca característica são os vários desníveis possibilitando diferentes ângulos para ver e ser visto.

Entre o primeiro e o segundo andar a forma lembra um mezanino, pois o piso superior existe somente nos contornos da pista, localizada no

térreo. Assim, quem está posicionado no segundo piso tem a possibilidade de uma visão completa da pista e de outros espaços do nível inferior. Somando os desníveis existentes entre o espaço onde localizam-se as mesas e o da pista, mais, aquele entre o bar e o contorno da pista, as escadas, tanto as da pista como as de acesso ao piso superior, encontramos as características anteriormente assinaladas.

Falando-me sobre a concepção do estabelecimento e um pouco de seu histórico, Marun afirmou ser a *Twist's*

“...a primeira casa da cidade a ser construída com a finalidade de ser uma danceteria, e só depois de cinco anos é que resolvemos fazer sua primeira reforma. Foi quando investimos na mudança do estilo da decoração. Fizemos este mosaico nas paredes; se você observar bem eles são diferentes um dos outros, não uma pintura simples, foi feito um a um, é um trabalho artesanal, levou tempo e custou dinheiro... Também o bar mudou, não sei se você se lembra mas havia um balcão que as pessoas ficavam em volta, isso nós tiramos, dava muito problema, reclamação... o bar de cima também mudamos, para acompanhar o estilo do de baixo. Ficamos fechados durante oito meses para a realização da reforma, foi a primeira desde a inauguração, mas mudamos muito.”

É possível confirmar as declarações do entrevistado ao observarmos o conjunto, instalações/decoração, e neste a atenção dispensada à pista. Com uma área de cinquenta m², aproximadamente, apresentando um desnível de um metro em relação ao solo, constituía-se noutro mezanino. Na forma de um

octaedro, apresentava em quatro de seus lados corrimãos, utilizados como proteção, divisão do ambiente e elemento estético. Em material metálico, com aproximados cento e vinte centímetros de altura, tinha a cor dourada e a forma cilíndrica. Os outros quatro abrigavam as escadas de acesso, com quatro degraus cada uma. Assim, mesmo para as pessoas do piso inferior a visão da pista era ampla, dificultada as vezes pelo grande número de pessoas no ambiente.

Ao adentrar o estabelecimento avista-se imediatamente a pista, e é em função desta que a *casa* estruturava-se.

Recorrendo à memória, uma vez a entrevista ter sido realizada fora dos domínios da casa noturna, como registrado anteriormente, MA fez considerações esclarecedoras sobre os espaços e a dinâmica em foco.

“...a pista era um lugar não muito assim... não enorme entendeu, uma pista pequena mas que era legal por não ser tão grande assim, enchia rapidinho, entendeu, não ficava vazia.... eu lembro de um telão que tinha...Tinha algumas escadas, o piso de cima, onde o pessoal ficava olhando, conversando era um pouco acima da pista, isso também era bem legal”.

Ainda sobre a pista, notei algo interessante sobre sua ocupação. Ao iniciar o período de funcionamento da danceteria, tendo suas portas abertas, o fluxo de pessoas aumentava lentamente com o som já rolando e geralmente com uma iluminação mantendo boa visibilidade, afim de possibilitar os deslocamentos sem maiores dificuldades.

Entrando, as pessoas costumavam circular a pista, algumas dirigiam-se à chapelaria, outras encaminham-se para o primeiro *drink*. O ritual parecia repetir-se dia após dia, e sem muitas alterações.

Atentos a tudo e a todos procuravam registrar cada movimento, cada detalhe; quem entrava, quem já estava, quem veio com quem ou quem estava com quem. Pareciam crer estarem sendo observados, isto determinava uma maior atenção aos próprios movimentos, aos deslocamentos, e uma preocupação com o outro. Somente após o contingente de pessoas ser razoável e o “*lugar de sempre*”, o espaço de encontro da turma, ocupado é que esta tensão começava a diminuir. Sendo a primeira vez o período de reconhecimento era mais longo, e um dos motivos prováveis era a dimensão da *casa*. Nestes casos o “*melhor lugar*” era definido somente após referido *exercício*. Não muito raro ocorrerem várias tentativas antes de se determinar o “*lugar ideal*”. Identifiquei também algumas disputas por determinados espaços. Presenciei uma discussão na qual um grupo mais assíduo estava reivindicando o direito ao “*seu espaço*”, ocasionalmente ocupado por um outro. O fato gerou conflito só contornado após a ação dos seguranças, mesmo assim o mal estar permaneceu durante um certo tempo.

Com o número de pessoas aumentando no interior do estabelecimento, os espaços laterais a pista são logo tomados, mas ninguém ousa ocupa-la. As músicas vão rolando, “...*geralmente um pop nacional, um funkzinho, uma baladinha, uma coisinha leve, pra não assustar...*”, explica Michel sobre a composição da primeira seleção musical; e a pista vazia. Até que de repente, e geralmente o número de pessoas no ambiente já é grande, alguém toma a iniciativa e desce as escadas e aí pronto, a pista é totalmente tomada, é como se todos aguardassem a um sinal, um comando. Não é difícil, também, a iniciativa não partir de um única pessoa, mas de um grupo.

Pronto, iniciou-se o agito. A atmosfera transforma-se, a predominância é dos risos, da alegria, a preocupação com o outro diminui, na verdade transforma-se. Agora o outro parece não incomodar, ao contrário, desperta interesse, atrai, mudou o parâmetro e a busca neste momento é pela identificação, procura-se pelos pares.

O ritmo das músicas vai aumentando e as mais conhecidas passam a ocupar lugar de destaque.

É quando o *Dj* abre o microfone cumprimenta a galera, agradece a presença, apresenta algumas das atrações (rol de músicas, vídeos, pessoas, etc.), e lança logo “...*aquele som que todos estavam aguardando...*”, e claro sob os efeitos mágicos da iluminação.

“*A partir de agora a ordem é **agitar...***” anunciava o *Dj*. Os efeitos da música parecia agir sobre todos, e não somente sobre aqueles que estavam na pista, mas principalmente sobre eles. Tudo se acelerava, os deslocamentos, os movimentos, os gestos, os olhares. Muita música, muita gente bonita, muita paquera. Todo mundo procurando alguma coisa, afinal era sábado à noite, e todos queriam *zoar*.

Tendo por referência a porta de entrada do estabelecimento, logo à esquerda encontramos a chapelaria³ e à direita a cabina de som, de onde o *Dj* comanda a festa, segundo as palavras de Guedes. Esta última é tida por Marun como o “*xodó da casa. É o espaço mais importante que temos aqui*”, o comentário demonstra o apego que o proprietário tem pelo espaço.

O equipamento sonoro inclui, além das caixas acústicas, dois *pick-ups* para vinil, duplo *tape-deck*, toca-discos para cd, fone de ouvido, vídeo cassete, monitores de vídeo e controle do telão. Estes geralmente sobre

³ Local utilizado para guardar bolsas, blusas, etc., que não apresentam necessidade de uso dentro do ambiente. Afim de evitar perdas, ou furtos, muitos dos frequentadores optam por este tipo de serviço.

controle e responsabilidade do *Dj*. Neste mesmo espaço, ocupando parte da mesa anteriormente descrita, encontram-se os equipamentos de controle da iluminação. Esta é composta por luzes estroboscópicas, ultra violetas, *spot-lights* coloridos, canhões de *laser*. Quem opera este equipamento mais a máquina de gelo seco é o iluminador, que geralmente é alguém de confiança do *Dj*, aliás sempre indicado por ele. Isto ocorre pela necessidade da sintonia entre a música e a iluminação, entre o *Dj* e o *Lj*, como também é chamado.

No auge da festa observá-los em ação é oportunidade para apreciar um verdadeiro espetáculo. Luzes, fumaça, efeitos sonoros; suas ações parecem promover catarse no público. Gritos, euforia, vibração, concentração e muita movimentação é a tônica da pista no auge da festa. São verdadeiros *Xamãs* urbanos exercitando suas mágicas.

À frente da cabina encontra-se a pista, separando-as há um corredor de uns cento e vinte cm de largura, com desnível de uns quarenta centímetros, de maneira a possibilitar uma visão ampla do espaço tanto ao *Dj* como ao *Lj*.

Logo na entrada da casa noturna, nas proximidades da cabina de som, identifiquei um grupo de jovens composto pelos promotores, responsáveis tanto pela divulgação quanto pela organização das festas e eventos especiais, alguns convidados e alguns dos frequentadores mais assíduos. O vínculo de amizade entre eles, os *Dj's* e o próprio Marun é visível. Estes demonstravam-se extremamente satisfeitos por esta condição de proximidade, beneficiando-se da situação através do acesso a convites para festas, cortesias, entre outras.

Foi convivendo mais próximo a este grupo, no início das observações, que presenciei um diálogo muito interessante entre duas garotas. Uma delas querendo saber sobre as horas dirige-se a outra e pergunta: “*Que horas são?*” “*São... uma e quarenta*”, responde a outra, “*...que loucura...*” exclama a segunda após ter respondido à primeira. Na verdade o relógio dela estava

parado e já era quase três horas da manhã. Rapidamente perceberam tratar-se de um engano, não era possível ser aquela hora, puseram-se a rir. “*Este é o relógio que eu pedi a Deus*”, afirmou a primeira. Este diálogo mostra de maneira profunda a noção de tempo que prevalece na atualidade, ou seja a do tempo linear, do tempo que passa e não volta mais, do tempo que não se pode desperdiçar. Não obstante, através da ironia das garotas identifico certo descontentamento com a maneira de como o tempo tem sido regido nesta sociedade; ou seria o contrário? De qualquer forma, creio que a noção dominante foi contestada nesta rápida dramatização.

Foi possível identificar, noutros momentos, posicionamentos correlatos ao apresentado. Por exemplo: presenciei uma conversa entre dois rapazes onde um deles ponderava sobre o horário e as responsabilidades na manhã seguinte; o outro mostrava-se indignado com a situação “*...agora que tá ficando legal a gente vai embora...*”; outra situação presenciada ocorreu após o *Dj* anunciar a última música da noite, “*..que droga já acabou!*”, exclamou uma garota próxima à cabina. São situações onde a intencionalidade de prolongar os momentos de diversão são notórios, e a partir destas houve alguns momentos onde esboçaram-se críticas a sociedade vigente. Porém cabe ressaltar estes serem fatos isolados.

Dentre os jovens que compunham o grupo anteriormente identificado, uma garota chamou minha atenção, seu nome era Raquel. Frequentadora assídua e amiga da *galera*, foi responsável por minha aproximação àquele grupo, apresentando-me a boa parte das pessoas que o compunha. Aliás, foi bem interessante a forma como a conheci. Estava eu com meu caderno de campo dedicando-me a anotar minhas observações quando a garota, atenta ao movimento e curiosa em relação à minha situação, buscou aproximar-se e com

sutileza iniciou um diálogo, “*O que é que você tanto escreve? Você não dança não? Não vem aqui para se divertir?*”

Logo de início tantas questões. Interessada e, pelo que parece, sentindo-se estimulada em conhecer mais sobre meu trabalho e o assunto, dedicou-me bastante atenção e não poupou esforços para auxiliar-me na empreitada, e sempre que possível promovia novas questões.

Nesta mesma noite em que conheci Raquel, Marun apresentou-me Michel, iluminador do Guedes naquele momento mas também exercia a função de *Dj* no início do baile e na sexta-feira. Ele, tal qual a garota, dispensou-me muita atenção, inclusive foi o responsável pelo reconhecimento dos espaços da *casa*, apresentando-me ainda aos funcionários e a alguns dos freqüentadores. Vale ressaltar ter sido uma das pessoas a demonstrar grande interesse por meu estudo, afirmando ser este, também, uma forma de desmistificar a profissão de *Dj*, talvez contribuir para diminuir alguns preconceitos que afligem quem *trabalha na noite*. Na verdade, apontou-me algumas questões que, sinceramente, não tinha cogitado.

Em frente a cabina de som, do lado oposto, encontra-se o bar, a direita o caixa, um pouco mais a direita o banheiro masculino. Pelo lado esquerdo encontramos o banheiro feminino. Este espaço, o do bar e suas adjacências, recebe uma atenção diferenciada. A iluminação e o posicionamento dos seguranças denunciam o fato. Trata-se reconhecidamente de um lugar de menor tolerância, sujeito a discussões, e quando não, brigas. Ainda nas proximidades deste, entre o bar e o banheiro feminino, encontrei um grupo de jovens freqüentadores afirmando com veemência ser aquele o melhor lugar da *casa*, e justificavam: “*Todas passam por aqui. Não precisa grande esforço pra pegar um drink ... tô de frente pra pista ... qué mais o quê*”.(sic).

A partir destas referências é possível estabelecer, portanto, o lado direito e o esquerdo do estabelecimento, tendo como referência inicial a cabina de som. E não é a toa esta opção, dada a importância atribuída ao Dj e à música neste local.

Em ambos os lados encontramos conjuntos de mesas e cadeiras, mais especificamente oito mesas com quatro cadeiras cada, sendo que há, ainda, um sofá de alvenaria, imediato à parede, com estofado macio, aconchegante, seguindo o padrão da decoração, inclusive nas cores do mosaico. Geralmente, quem ocupava as mesas o fazia de maneira a possibilitar a utilização dos sofás, permitindo que aqueles ocupando-os participassem da mesa.

Há, ainda, um nível superior com as mesmas características descritas anteriormente, excetuando-se o posicionamento da cabina, que neste piso é ocupado pelo camarote, com utilização restrita a convidados e geralmente em grandes eventos. O acesso era pelas escadas, uma ao lado da chapelaria, logo na entrada do estabelecimento à esquerda e outra à direita do banheiro masculino. O espaço do piso superior era mais amplo e abrigava outros conjuntos de mesas e cadeiras, seguindo a linha descrita anteriormente. O bar e os banheiros, encontram-se em simetria aos do piso inferior.

Sendo um espaço com distância razoável da pista costumava ser freqüentado por pessoas cujas intenções não estavam muito ligadas ao dançar. Tive a oportunidade de conhecer alguns que afirmavam nunca ter pisado a pista.

“Não eu não sou muito chegado, sou muito duro. Eu venho aqui mais é prá encontrar a galera. No domingo a turma toda

vem prá cá (...) Até que eu danço mas aqui em cima mesmo (risos)...” (W).

Recorrendo novamente às lembranças de MA poderemos identificar novas considerações esclarecendo sobre a dinâmica no estabelecimento e a interessante percepção da entrevistada sobre esta.

“Lembro ... lembro assim, tinha alguns sofás bem confortável, tinha o barzinho em baixo, tinha o bar de cima que era legal ficar nessa... nesse trânsito de cima para baixo. Eram bons pontos de paquera. Era ... era legal também porque era um lugar que tinha a pista mas também tinha lugar para você sentar, para você ficar mais a vontade, tinha as mesinhas também.(...) Isso fazia o lugar agradável...primeiro amizade entendeu, círculo de amigos, depois assim o próprio lugar mesmo, a decoração..”(sic).

Nas palavras da entrevistada observo além da descrição uma atribuição de significados, uma valorização dos espaços, bem como estratégias para sua utilização, de acordo com interesses próprios. Tônica encontrada em outros depoimentos.

Aqui busco aproximação com as considerações de Calil (1994) para referendar minha posição com relação a *Twist's*. Para a autora, quanto mais divisões mais rica em espaço é a área da danceteria. Corredores, passagens, escadas, mezaninos são importantes por possibilitarem uma visão ampla do espaço, das pessoas, a partir de outro local. Possibilitam outro tipo de situação, diferente da pista e do bar por exemplo, criando tipos específicos de

sociabilidade. A importâncias destes lugares reside na possibilidade que eles oferecem para o olhar, para o encontro, ou para fugir deles, dependendo da situação.

Portanto, sinto-me a vontade para afirmar sobre a *Twist's* apresentar-se como um espaço privilegiado para o desenvolvimento da sociabilidade, para o registro da diversidade de personagens, valores, hábitos, comportamentos, interesses, e conseqüentemente para a realização deste estudo.

Enfocando o Duboiê

Como ressaltado anteriormente, o *Duboiê* caracteriza-se pelo estilo bar dançante, ou seja, apresenta infra-estrutura e serviço encontrados em bares, ou seja, mesas e cadeiras, serviço de garçons, cardápio variado, incluindo pizzas fritas e lanches, etc., abrigando ainda pista de dança e palco, sendo este último utilizado pelas diversas bandas que semanalmente ocupam-se do *show*, uma vez a *casa* privilegiar a música ao vivo.

Seu período de funcionamento é de quinta a sábado, das vinte e uma horas até o último cliente, mais ou menos até cinco horas da manhã, e aos domingos das vinte horas até o último cliente, portanto até duas horas da manhã aproximadamente..

Ainda que ofereça “*um som mais comercial*”, como destacou Taricano um dos proprietários, percebe-se forte relacionamento com o *Rock and Roll* seja através das bandas, pela presença dos *Dj's* da 89 FM, ou ainda pelas características de seus frequentadores.

Abordando algumas *cenar juvenis* e suas influências sobre a cultura urbana e a possibilidade de um novo discurso da juventude, Abramo (1994) constatou ser o ABC paulista uma região que na década de setenta concentrava grande número de espaços visando atender um “*...público jovem de classe popular que ‘curtia’ rock...*”.

Na atualidade certamente o número de espaços já não é tão grande, muito provavelmente em função da diversidade de gêneros e a influência do modismo, mas é óbvio ser o *Duboiê* um remanescente daquele período com a peculiaridade de não receber apenas jovens das classes populares, como ressaltou a autora em seus estudos, pois foi possível identificar nos espaços do estabelecimento pessoas de diferentes segmentos sócio-econômicos, sendo

isto, inclusive, motivo de alegria para os proprietários. As palavras de Marcelo, outro proprietário, são esclarecedoras.

“O Duboiê não é uma casa cara mas em compensação também não é uma casa popular... A gente não tem, eu não considero, pelo que eu vejo em outras casas, até de amigos mesmo, eu considero que eu não sou uma casa muito cara a nível de preço de bebida por ser casa noturna; mas ao mesmo tempo não é uma casa popular que a pessoa consegue com dez reais passar a noite bebendo, a noite inteira. Então classe social eu particularmente acho difícil definir, eu acho bem difícil definir, hoje em dia porque você vê a gente tem algumas promoções de quinta a domingo de mulher não pagar até certa hora e tal, que eu vejo muita gente chegando, muitas mulheres chegando por causa da promoção, mesmo sabendo que ela tem uma vida estável, entendeu, pessoa, profissional liberal, o pessoal sempre que você faz uma promoção eles se aproveitam dessa promoção. Então quer dizer é difícil assim você falar “não aquela pessoa é de uma classe assim, aquela pessoa ... diferenciada, é um público bonito, é um público mais velho, aqui é um público bonito, você vê que as pessoas vem bem vestida, não é um salão, é uma casa bem... não vou dizer refinada mas não é uma casa também marginal, por ser casa noturna e tal”. (sic)

O estilo da *casa* foi construído durante os seus dezenove anos de existência e através de várias reformas, entre grandes e pequenas modificações. Taricano reconhece sobre a *casa* ter fortalecido-se,

principalmente, nos últimos oito anos solidificando-se enquanto importante espaço de entretenimento na cidade.

A fachada do estabelecimento em apreço logo denuncia, tratar-se de um local onde a atenção aos detalhes, o bom gosto, e os investimentos foram, e continuam sendo, prioridades para os proprietários. Composta por seis pórticos, na cor amarela, tem na iluminação um de seus destaques. Concebida para iluminar além das instalações, o passeio e parte da rua não promove qualquer incômodo àqueles que ocupam estes espaços, ou mesmo para os transeuntes. Outro destaque fica por conta do belo jardim de rusgos, logo abaixo dos vidros separando os ambientes interno e externo, enriquecendo a paisagem.

O primeiro contato, já nos domínios da casa noturna, é com os seguranças. São deles a responsabilidade de proteção, manutenção da ordem e realização da *revista*, conduta já explicitada anteriormente. Não obstante, o primeiro contato pode ser com um dos proprietários, uma vez estes estando sempre presentes durante o período de funcionamento.

Diferentemente dos outros espaços estudados a realização da *revista*, no *Duboiê*, envolve a utilização de um equipamento eletrônico, um detetor de metais. Portanto, sem contato físico entre os seguranças e os clientes, e o constrangimento que por vezes este acarreta. Também é função dos seguranças organizar a fila nas proximidades da porta de acesso e orientar os clientes à passarem pelo balcão da recepcionista, esta responsável pela personalização do cartão de consumo e as orientações necessárias para sua correta utilização.

Já neste primeiro contato é possível identificar formas de sociabilidade, vínculos, patentes no relacionamento entre funcionários e clientes. O sorriso é uma constante, o cumprimento, através de um aperto de mãos ou um simples

“oi como é que vai”, entre outras demonstrações de afetividade, comprovam o fato.

No *Duboiê* isto não é acaso, é regra, e valorizada pelos proprietários funcionários. É o que podemos observar nas palavras de Marcelo:

“Olha eu acho que, para ser rápido, simples e objetivo o que a gente tem, pelo menos da minha parte e eu tenho certeza que do meu sócio também, a idéia que a gente tem é de ter um lugar agradável que a pessoa venha para poder se divertir, poder curtir, dar uma desafogada de problema e tal... vir dançar, agitar, sem ter muita preocupação com o ambiente e tal, porque a gente já tem um ambiente limpo, entendeu, então a pessoa sabe que aqui ela vai encontrar um lugar calmo, tranqüilo, um lugar que ela tem bastante conhecidos, ela sempre vai ver algumas caras conhecidas ... ou aquele cara eu já vi, aquela turma tá sempre naquele lugar e tal. Então a gente tenta manter isso, esse contato até a presença sempre de um dos donos e tal, a gente preza por isso porque cria uma... cria um vínculo com a pessoa. Então a gente procura ter esse ambiente, procura ter esse contato direto com o público, sempre tem um aqui resolvendo diretamente qualquer problema que apareça para ter justamente esse ambiente meio.. eu não posso falar familiar... para ter esse estreitamento, essa linha bem fina entre cliente e o pessoal da casa, para ter uma amizade mesmo, é o que a gente tenta, a gente procura fazer aqui”.

O afirmado pelo proprietário foi identificado, também, nos relatos de alguns dos clientes entrevistados. Indagada sobre a questão, CS afirma:

“Eu acho legal, assim o pessoal que trabalha aqui atende a gente muito bem, eu vou no bar, assim os caras estão sempre sorrindo eu gosto disso, isso eu acho que é uma coisa muito importante (...) você vem num lugar o cara te atende bem você vem e continua tomando seus drinks, seu refrigerante, vai lá, isso influencia, é marketing vamos dizer assim. (...) Isso é bom, e tipo, o pessoal da segurança eles são legais assim, têm um cara que eu conheço. (...) Eles não fazem cara feia, não te esnobam, nada, nem quando você está andando, está dançando eles estão andando no meio não te atropelam nem nada, a não ser que tenha confusão se têm confusão eles não vão ‘dá licença’, eles saem correndo para cuidar disso entendeu, mas eu acho isso muito legal, eles tratam a gente muito bem”.

Outro conjunto de informações sobre a questão levantei, junto aos funcionários, conversando sobre trabalho e lazer, notei sobre estes acumularem normalmente dois empregos. Trabalhavam em outros locais durante o dia e, de quinta-feira à domingo acumulavam um segundo emprego, no *Duboiê*. Mesmo compreendendo o trabalho no *Duboiê* como *bico* os entrevistados demonstraram maior interesse pelo trabalho ali realizado.

Com intuito de ampliar o contingente de informações sobre relação trabalho e lazer, mantive diálogos com os demais funcionários sempre procurando evidenciar diferenças de comportamentos, situações, atitudes,

enfoques, tendo como pano de fundo a percepção destes sobre sua relação com os clientes, os patrões e, é claro, com as atividades que realizavam.

Correlacionando sua experiência trabalhando em dois lugares distintos, um deles o *Duboiê*, mas exercendo a mesma função, MNS buscou esclarecer sobre as diferenças por ela encontrada, afirmou:

“Têm, têm muita diferença porque durante o dia você arca com mais responsabilidade, sua posição é totalmente diferente, têm que ser uma pessoa mais séria, têm que mudar.. porque a noite você dá risada, você zoa com o pessoal também, as vezes você sai daqui e vai lá para dentro, têm um pessoalzinho dançando “Oh! vem cá”, te chama, você vai, dança um pouquinho ali, conversa. Durante o dia não, durante o dia já é uma posição mais séria, você está ali para trabalhar e atender o cliente e nada mais (...) o pessoal que trabalha aqui, a equipe de trabalho é muito legal tá, os donos daqui também são pessoas maravilhosas eles não te tratam como funcionários e donos, é tudo entre amigos se você precisa de alguma coisa pode conversar com algum deles, tudo. Então é muito legal aqui o Duboiê sim, é uma casa muito legal.”

Identifica-se nas palavras da entrevistada razões para a cortesia, para o sorriso constante. Certamente o ambiente de trabalho, construído a partir de alguns valores mais humanos como destacado pela funcionária e por Marcelo, apresenta-se com enorme valor.

Conversando com outro funcionário ainda sobre a temática levantei as seguintes informações:

“Ah! Têm diferença, porque o auxiliar de escritório você está preso ali no serviço então você têm que cuidar daquilo que você está fazendo, aqui também você é preso nesse segundo serviço, a gente também... mas é um lazer diferente, você houve a música, você faz várias amizades, eu conheci muita gente até agora nesse segundo serviço, muita gente boa ...” (JAC).

Procurando aprofundar a questão busquei conhecer sobre as opções de lazer deles, e a resposta do informante deixou-me intrigado. Dizia ele:

“Ultimamente lazer com esse segundo serviço fica difícil então quando aparece é coisa prolongada, principalmente carnaval, semana santa e tudo a gente pode sair e como diz o outro lá dar um pulo, dá uma matadinha, no serviço; e pode ir num casamento no sábado, depois volta a trabalhar, essa é a vidinha da gente”.

Fiquei intrigado, e continuei investigando e no conjunto as respostas apresentavam conteúdo similar: dois empregos, necessidade de *bico* para complementar a renda familiar, falta de acesso ao lazer, entre outras dificuldades do cotidiano. Vejamos as palavras de mais um entrevistado ratificando sobre o registrado.

“Lazer, olha trabalhando de final de semana cara é difícil... é porque de quinta vira segunda-feira, segunda-feira vira sábado então fica uma... porque para curtir uma noite de semana mesmo têm que ter dinheiro, não é, os melhores dias para sair segunda, terça e quarta, agora quinta-feira também. Então já não têm

lazer nenhum, nenhum, nenhum. Mesmo de semana aqui... as vezes têm um churrasco para ir mas é muito difícil".(WR).

Foi possível identificar entre os funcionários o afirmado por Antunes (1999) sobre as diminuições dos direitos trabalhistas, diminuição dos salários, necessidade de complemento salarial através de outras atividades após o período de trabalho, entre outras perdas acumuladas pela “*classe-que-vive-do-trabalho*”. Ainda assim, apesar destas dificuldades apresentadas encontrei entre estas evidências de maior identificação com o *bico*, do que com o trabalho formal; muito provavelmente pelas circunstância em que as tarefas são realizadas.

Continuando nossa incursão pela casa noturna, após a *revista* e já de posse do cartão de consumo o cliente tem acesso à choperia, um espaço de aproximadamente cem metros quadrados, abrigando doze mesas redondas com quatro cadeiras cada, acomoda aproximadamente cinquenta pessoas.

Figura 07 – Espaço da Choperia, *Duboiê*.



Tendo como referência a porta de entrada temos à direita o balcão, em marfim, tal qual as mesas e cadeiras, onde localiza-se a bomba de *chope*, sendo possível o acesso aos mais variados *drinks*. A decoração reúne alguns quadros, abajur, relógios de parede, itens demonstrando ao mesmo tempo simplicidade e refinamento. No teto ventiladores, adequados para os dias mais quentes ou ainda quando a ocupação aproxima-se do seu limite.

Referindo-se aos *drinks* e bebidas Marcelo relata sobre o bar oferecer vinhos, coquetéis, cerveja, chope, batidas e caipirinha, *whisky*, etc..

Em função de sua estrutura foi este espaço que privilegiei para a realização das entrevistas.

O espaço é utilizado para o encontro, o diálogo, o namoro e o descanso também, mais para o final da noite, momentos mais descontraídos quando “*dar uma descansadinha*” é necessário.

Do lado esquerdo, em oposição ao bar, encontra-se um pequeno palco estrategicamente colocado, segundo Taricano, para acolher a dupla *The Colt* responsável pela animação do ambiente. A dupla tem no repertório *clássicos* do *Rock and Roll*, tais como Beatles, Simom e Garfunkel, James Taylor, entre outros.

“A Intenção é de um som ambiente, ao vivo, possibilitando ao mesmo tempo entretenimento musical e espaço para o encontro, a conversa, enquanto aguarde-se a possibilidade de acesso ao outro ambiente do estabelecimento”, explica Taricano.

O mesmo esclarece sobre a idéia do espaço surgir a partir de sua experiência, e de seus sócios, na vida noturna. Dentre os motivos de sua existência e forma de utilização ele esclarece que:

“Não é muito bom para a casa que as pessoas tenham acesso quando ele está vazia, ou com um número muito reduzido de pessoas. Causa um certo desconforto, o espaço muito grande e poucas pessoas, dá um ar de desanimado, pode produzir uma sensação de descontentamento com a casa, o que em termos de negócio seria muito ruim, pode parecer que a casa não é boa. E tem mais, não tendo o que fazer ou com quem conversar, as passariam a prestar mais atenção aos detalhes, poderiam ver alguns pequenos problemas, que sempre existem, mas que é bom ninguém saber, e tem aquele ditado ‘quem procura acha’, não é mesmo”.

Resumindo, o espaço da choperia é utilizado como um primeiro local de contato com a *casa*, uma forma encontrada por seus proprietários para minimizar o efeito da fila sobre seus clientes oferecendo-lhes um lugar agradável tendo a sua disposição o serviço de bar e música ambiente, além, é claro, de ser um local de encontro, de diversão, *“enquanto aguardam o início do show”*.

Entre esta e as demais instalações do estabelecimento, ou seja, a pista, o palco, os outros bares, etc., há o espaço dos caixas, abrigando também a chapelaria. Segundo Marcelo este local tem importantes funções, vejamos seus comentários a respeito:

“Então quer dizer aquela linha do caixa a gente teve obrigação de colocar, de ter um tratamento acústico diferenciado ali, primeiro para não integrar o som daqui de dentro com o lá de fora, a gente teve essa preocupação e segundo também porque o

local que a pessoa pára para pagar, quer dizer de repente é um local que tem por obrigatoriedade ser mais calmo, a pessoa chegar, parar, pegar a carteira dela, ela poder ouvir o que a menina falou, se ela tiver dúvida ‘opa, pera aí minha conta deu quanto, porquê?’, aí a menina vai ter que responder para ele ‘não seu cartão deu tanto porque o senhor consumiu tanto e tal’, entendeu.(sic).



Figura 08 – Caixa e chapalaria, *Duboiê*.

Como a imagem registra, trata-se de um local com tratamento acústico, onde a constituição das paredes, do teto e das portas, são apropriadas para isolar os diferentes ambientes, uma vez estes oferecerem possibilidades

musicais distintas, além de facilitar o trabalho dos caixas permitindo-lhes uma maior concentração e conseqüentemente melhor atendimento ao público.

Algumas das entrevistas realizei neste espaço, principalmente aquelas cujos entrevistados foram abordados na pista, nos corredores ou nos bares do espaço mais interno da *casa*. A intenção era não dificultar sua realização, bem como realiza-la num local cuja acústica não oferecesse problema. Assim, observava as pessoas no contexto, buscava uma aproximação gradativa, dividindo o espaço, procurando um contato visual, um cruzar de olhares, para então apresentar-me, conversar sobre questões próprias da dinâmica, sobre minha pesquisa e aí então gentilmente fazer o convite para uma participação mais efetiva a partir da realização da gravação de uma entrevista.

A área interna da *casa* tem aproximadamente oitocentos metros quadrados, onde estão dispostas quarenta e três mesas, abrigando ainda, uma pista de dança, um palco, dois bares, um reservado e dois banheiros. Comporta, em sua lotação máxima, aproximadamente oitocentas pessoas.

Uma vez ultrapassada a porta separando os ambientes do caixa e da área central do estabelecimento, tem-se á direita um bar, de dois existentes no recinto, cujo balcão segue os contornos da parede, apresentando aproximados cento e cinquenta cm de altura. Seguindo o padrão em marfim, observado em toda casa, tem sua pilastras formas geométricas distintas, enriquecendo a decoração. Ao fundo prateleiras espelhadas exibem grande quantidade de bebidas, para os mais diferentes gostos. O espaço interno foi elaborado em detalhes afim de facilitar o trânsito, uma vez acomodar três *barmans*, e o trabalho destes. Contém todos os equipamentos necessários ao seu bom funcionamento, como pode ser observado na próxima imagem:

Figura 09 – Parte das dependências do bar e os *barmans*, no *Duboiê*.



Os espaços próximos ao bar costumam ser ocupados por pessoas que mantêm o hábito de beber, aficionados pelo balcão, pessoas que não dispõem de mesas pretendendo retirar sua bebida e outros preferindo certa distância da pista ou mesmo um espaço para o bate-papo.

No caso desta casa noturna, em função das atrações musicais, todos os espaços aos arredores do palco, inclusive os dos bares, são locais de onde pode-se ver o show; uns com maior visibilidade outros com menor. Mas é notório uma dinâmica própria neste espaço.

A próxima imagem registra, além das dimensões e a estrutura do bar, um momento característico daquele espaço, ou seja, trânsito, pessoas

conversando, outras solicitando uma bebida e as mais próximas ao limite da pista dançando. Vejamos:



Figura 10 – Dinâmica nas proximidades do bar, *Duboiê*.

Felipe, ex-funcionário da *casa*, aonde exercia a função de segurança, afirmando ser um simpatizante do espaço continua frequentando-o. Baseado em sua experiência de mais dez anos na “*vida noturna*” tem uma impressão particular sobre os espaços em questão. Utilizando da estratégia de se pensar o espaço com um todo, crê ser o espaço da pista mais tolerável que o do bar, e explica:

“...é diferente de você tá aqui no bar e de repente um cara começa a pular e esbarra em você com um copo de bebida na mão, aí já vai ter problema, aí já seria diferente”.

Portanto, para ele o bar é um espaço devendo ter uma atenção especial por parte dos seguranças, afim de evitar prováveis desentendimentos e conflitos.

Ultrapassando a porta de entrada imediatamente à esquerda temos um espaço pequeno, entre esta e a parede, na qual encontramos a porta de acesso ao escritório e outras áreas de serviço.

Adentrando um pouco mais temos à frente e à direita um conjunto de mesas e a entrada da pista de dança. Com aproximados duzentos metros quadrados esta última é circundada por uma grade de madeira acompanhando o estilo das demais instalações. O teto sobre a pista aloca *spot-lights* coloridos, luz negra, globos, tudo na medida exata demonstrando concepção apurada na composição.

Também fazendo limite com a pista, encontra-se o palco, com a dimensão de aproximadamente quarenta metros quadrados e 50 centímetros de altura, acomoda os equipamentos e instrumentos peculiares a uma banda, ou seja, bateria, teclados, microfones, caixas acústicas, etc. Nas laterais do palco, entre este e os bares, uma vez encontrarmos um de cada lado, existe um pequeno espaço, geralmente ocupado por pessoas demonstrando maior proximidade das bandas, e no caso do espaço do lado direito é geralmente ocupado por um grupo de jovens, assíduas principalmente às quintas-feiras. (ver fig. número 13).

Conversando com Marcelo descobri haver outros grupos como estes, “*mais fiéis*”, segundo ele existem alguns que acompanham as bandas, indo ao *Duboiê*, portanto, somente quando da apresentação destas.

Esta movimentação em torno das bandas criou uma zona de solidariedade e atividades próprias articulando o grupo em torno de objetivos comuns, é o caso, por exemplo, de um grupo que acompanha a Banda Áries. As garotas me disseram receber *e-mails* da banda divulgando *shows*, notícias, ou simplesmente bater papo. Sempre que possível elas utilizam camisetas da banda, no carro usam adesivos, “*prá ajudar a divulgar o trabalho deles que é muito bom*”, afirmou uma delas.

A dinâmica de ocupação dos espaços internos é da periferia para o centro, uma vez as intenções iniciais serem ligadas à ocupação das mesas, “*do lugar de sempre*”, ou simplesmente dar uma volta “*para ver quem está na área*”, e ser visto é claro.

Sendo o *show* o ponto culminante a ocupação da pista é lenta e gradativa.

Alexandre, ou simplesmente Alex, o *Dj* da *casa* divide a responsabilidade pelo agito com as bandas, e reconhece

“...o carro chefe é a banda, a gente já trabalha há 19 anos com som ao vivo, então tem muita gente que vem ver a banda, eu faço os intervalos só que eu tenho a obrigação de deixar a galera animada. Aí as vezes acontece de muitas vezes o cara vir e a banda não animar e aí a hora que eu começo a tocar anima, pode ser o contrário também a banda animar para caramba e o meu som ficar... só que aqui como o publico é muito eclético vem gente que gosta de rock, gosta de nacional, flashback, Axé, então meu depois que você fez a fita vai a noite inteira até o final”.

Especificamente sobre a ocupação da pista, lenta e gradual, Alex crê ser em função do

“... receio das pessoas... eu não sei, acho que de repente você ser o primeiro, tá todo mundo sentado que nem é o caso aqui, chega todo mundo senta e aí de repente você fica na pista, só você agitando, fica um negócio meio vazio, então eu acho que...meu é esquisito, dançando sozinho; as vezes o pessoal tem um pouco de receio de entrar na pista, eu também quando eu saio e vou em alguma casa noturna eu fico meio... a hora que eu vejo que o pessoal tá entrando aí eu entro, é normal isso, em tudo quanto é lugar”.

Depois de ocupada as formas de dançar, relacionar-se com o espaço, o outro e a música varia em função do estilo musical. O *Dj* tendo uma ampla visão da pista apresenta condições especiais para analisar o fenômeno, com maior propriedade inclusive, até mesmo pela constância com que a observa. Solicitei ao Alex seu parecer sobre o assunto; perguntei-lhe sobre a possibilidade de relacionar estilo musical e modo de dançar, ele respondeu:

“Dá, ah! porque é assim eu vejo essas músicas do Axé aí, essa coreografia igual, tem dois lados, pode ser bom porque por você não ter que fazer o teu, criar o teu é mais fácil de aprender mas por outro lado também pode ser um saco, para você que tá vendo sempre, eu to sempre dando as mesmas músicas que toca no rádio e... Mesma coreografia, é o seguinte quem sabe dançar

coreografia, geralmente, noventa por cento são as mulheres, que sabem certinho e tal, aí de vez em quando você um cara dançando na coreografia certinho, deve ser cara que faz 'lambaaeróbica', essas coisas...".

Como ressaltou o próprio *Dj*, é dele a responsabilidade de preparar a pista, as pessoas, para o *show*, pois este é o ponto culminante da noite; para tal realização utiliza-se de seleções musicais envolvendo o

"...rock and roll, você sabe, rock and roll é uma linguagem universal, então é difícil você ter uma pessoa que não curta pelo menos uma música, um rock entendeu, um rock das antigas ou até uma coisa nova, então meu você vê os caras as vezes se matando aí, fica pedindo umas músicas sabe..".

Sobre a dinâmica da pista na hora em que a banda está tocando, na hora do *show* são várias as formas de participação, de expressão. A tônica é de gestos expansivos, movidos por uma energia explosiva, muitas vezes contido por circunstância do espaço. Os movimentos geralmente são verticalizados, pernas e braços se agitando para cima e para baixo. Não há volteios, rodopios, piruetas, gestos mais graciosos; na verdade quase não se sai do lugar, o movimento não contém deslocamento. Não se dança aos pares, pessoas dançam sozinhas, porém não é raro se dançar para o outro, de frente olho no olho, cantando junto, buscando a mesma frequência, é possível também movimentação em grupo, abraçados, pulando cantando junto com a banda interagindo junto a esta.

Os músicos exercem influência direta sobre a movimentação do público, através de seus gestos, seus deslocamentos incitam a platéia. No caso do *Duboiê* isto é tudo muito controlado, por vários fatores, o tipo de *rock*, as bandas, o espaço, e é claro, a acordo com os proprietários, que como ressaltado anteriormente privilegiam um som “*mais comercial*” .

Recorri novamente a Alex afim de conhecer sua opinião sobre a dinâmica; sua impressão geral e de pessoas sempre:

“Dançando e pulando, entendeu, depende da velocidade da música o cara pula, o cara se esgoela aí, o cara canta junto pra caramba, entendeu, e é um show não é meu, diante de um show, ainda mais que as bandas que a gente tem aqui é bem selecionado, o pessoal toca legalzinho, direitinho, é como se o cara tivesse num show lá de uma banda legal de rock o cara fica pulando, grita, esses negócios, terminou, aplausos para caramba.”

Como gênero musical o *rock and roll*, no dizer de Abramo (op.cit., p. 96), se estabelece como uma estrutura circular, de repetição da base musical e das atitudes corporais, por isso é imediatamente reconhecível, reproduzível.

Ainda tendo a pista como referência, a sua esquerda encontra-se a cabina de som do *Dj*, de onde Alex controla os equipamentos de som,(*pick-ups*, *decks*, toca-discos cd, mesa de som), inclusive do palco. “*A iluminação é totalmente computadorizada, sendo que se você modifica o programa altera a iluminação de todo o ambiente...*”, explicou Taricano. Palco, cabina do *disk-jockey* e pista funcionam em interação, pois ver o *show*, dançar, ouvir música, entre outros, apresentaram-se como principais interesses dos frequentadores.

Para desenvolver algumas idéias referente à temática separei algumas imagens e trechos de entrevistas, nas quais procurei registrar sobre os principais interesses, atrativos desta casa noturna, Vejamos:

“Ah! eu gosto muito daqui, aqui não é lugar comum, assim... um barzinho que têm uma pista de dança, eu acho legal também que têm banda ao vivo, a maioria dos lugares não têm é só música eletrônica e tal, aqui têm banda ao vivo. O pessoal é... assim você, não arranja encrenca, têm muito lugar que o pessoal arranja muita encrenca, quer sair na porrada. Eu acho que aqui não, o pessoal é mais na paz”. (CS).



Figura 11 – Banda Áries, no *Duboiê*.

Sobre os principais interesses dos clientes e os atrativos da *casa*, a percepção de um dos funcionários aponta para a tônica encontrada nas entrevistas, correspondendo ainda com evidenciado nas observações. Na visão deste o principal atrativo, e conseqüente interesse é :

“O estilo de música, isso, porque que nem tem essa banda Áries que quando é o dia deles tocarem aqui a casa praticamente lota porque o pessoal adora essa banda, tudo. O estilo de música, rock, depois nos intervalos tem dance, tem um pouco de Axé, então isso atrai bastante o pessoal porque é uma coisa variada, não é um estilo de musica só”. (MNS).

Este dado é reafirmado nas declarações de AJ, a qual ressalta seu interesse pela dança e valoriza outros elementos presentes no espaço do *Duboiê*. Afirma a entrevistada,

“Olha eu gosto do tipo de música que toca, eu gosto das pessoas que vêm, eu acho um pessoal bonito, um pessoal descolado e eu gosto do lugar, eu acho um ambiente bem sadio, muito legal mesmo. (...), geralmente eu saio para dançar, isso aí é de praxe, toda semana... se tem uma semana que eu passe sem dançar não é uma semana”. (AJ).



Figura 12 – Visão da pista em um momento dançante, *Duboiê*.

É necessário uma observação sobre a imagem acima, esta registra uma dinâmica encontrada após o *show*, portanto num momento aonde a concentração de pessoas na pista é bem menor, possibilitando outras formas de ocupação do espaço e até mesmo deslocamentos, o que não era possível no momento anterior.

Outro depoimento reforçando o interesse sobre o gênero musical valorizado pelo estabelecimento é o de FC, ressaltando um outro conjunto de informações ligadas a sua percepção e sensação durante o *show*, dados importantes na constituição deste estudo. Diz a entrevistada sobre o que valoriza na *casa*:

“O estilo musical, entendeu, porque eu gosto de rock só que não gosto daquele rock pesado e aqui não é o que rola, é aquele rock

gostoso, aquela música gostosa de você se soltar, entendeu, você colocar todo o seu estresse para fora, você se libertar assim um pouco da vida, da rotina, você conseguir se divertir, isso que me atrai muito aqui”.
(FC)



Figura 13 – A expressão ao som do *Rock and Roll*, no *Duboiê*.

A imagem acima, é o registro de um momento significativo na dinâmica do ambiente estudado. Retrato o envolvimento com a música, com o dançar, a movimentação, o cantor junto. Os olhos fechados da garota de camiseta cinza com detalhes em preto, bem como toda a expressividade de seu corpo, não foi uma circunstância do momento da foto, ao contrário, é a sua forma de demonstrar seu envolvimento com a música, “*seu jeito de curtir*”.

A imagem destaca ainda, parte da decoração, a propagando do evento, dirigido pela 89 FM. Um último comentário com relação a esta é sobre este grupo de garotas ser identificadas na página cento e dois, é o mesmo grupo registrado na imagem número dez, em outro momento, demonstrando haver relação entre os diferentes tipos de envolvimento, de conduta com as circunstâncias em que estas ocorrem.

O espaço da pista possibilita o contato, a proximidade. É onde torna-se possível a paquera, o diálogo através do movimento, das trocas de olhares, das insinuações.

Neste contexto a paquera, apesar de não ter aparecido com tanta veemência nos discursos, aparece com um dos interesse envolvendo a manifestação estudada, constatado em vários momentos das observações. Também os proprietários e funcionários concordam com este argumento, aliás para os primeiros, este seria o principal objetivo de quem sai à noite; Taricano chega a ser radical: “*Na noite, quem não é caça é caçador*”.

Outro proprietário, Marcelo, concordando com seu sócio sobre o interesse da paquera registra ainda mais dois níveis de interesses envolvendo o *Duboiê*. Utilizarei toda resposta do entrevistado, pois apesar de longa é importante, por ressaltar os interesses e as situações peculiares, bem como caracterizar parte de seu público. Sobre o conjunto por ele identificado diz,

“... um é caça, gente que procura mesmo a paquera, namoro, eu tenho muito cliente mulher, homem que vem só por causa disso mesmo, eu tenho algumas clientes até com uma idade mais avançada, coroa que vem e que gosta de menininho novo e tal, eu tenho algumas que falam para mim, falam assim ‘eu gosto de vir aqui porque eu gosto de menino novo, não adianta, eu não

quero compromisso eu quero menininho novo e tal’, quer dizer é uma coisa que por mais que pareça vulgar não é não, elas são gente de boa índole e tal mas elas gostam de vir para paquerar, namorar (...) pessoas que vem para dançar porque o nosso bar é dançante, quer dizer a gente tem... a gente é voltado por aquele motivo que eu te falei de não segmentado, de não ser uma casa só de rock, só de samba, só de country, por tocar todos os estilos eu tenho um público muito grande que vem aqui porque gosta de dançar, tem meninas que vêm, tem rapazes que vêm que gostam mesmo de dançar, eles entram na pista e ficam à noite inteira dançando, eles saem com a camiseta molhada, cabelo... mas eles dançam até o final. E tem o pessoal que vem... eu tenho uma fatia muito grande que vem, que não é da noite, que não sai à noite mas que vem por causa de um aniversário, de alguma coisa, de alguma festa, entendeu, porque eu tenho uma promoção de aniversário eu não sei se já te passaram...”.

Assim entra em cena mais um espaço da casa, trata-se do reservado. É um local utilizado, basicamente, para pessoas comerem uma vez que a casa serve lanches, pizza frita, etc.; “...se o cliente não quer comer no meio da agitação então entra lá no reservado, come tranquilo”, observa Marcelo, e ele mesmo complementa sobre outras formas de uso do lugar: “...é um lugar também para se namorar, o pessoal costuma ir para lá e tal (...) aqui é um lugar de paquera e quando alguém precisa conversar com mais calma e tal, acaba indo para lá....”.

A imagem abaixo, registrada do palco, enfatiza a dinâmica do ambiente antes do *show*, permitindo ainda localizar, ao fundo e ao centro, a cabina do *Dj* e um pouco mais à direita o espaço do *reservado*, espaço mencionado a pouco. Detalhes da decoração, as pilastras, parte da iluminação da pista também são identificáveis.

Com relação ao público é possível notar sobre a predominância no vestir, tanto para os rapazes, camiseta e *jeans* acompanhado por um *doc side*, ou tênis, quanto para as meninas, onde as blusas com alças, *bustiê* ou *top*, formando conjunto com saias, mini-saias ou mesmo com uma calça *jeans*, completa o quadro.



Figura 14 - Espaço interno, *Duboiê*.

Para finalizar a incursão pelo ambiente apresentarei mais três imagens, a primeira registrando a dinâmica nos espaços próximos ao segundo bar e as entradas dos dois banheiros, onde um segurança garante a ordem (Fig. Número 15), a segunda retrata o espaço da pista durante o *show*, aonde dados como ocupação do espaço, tipo de movimentação, interação com a banda o com o outro pode ser constatado, (Fig. Número 16), e a última destaca um jovem em plena participação no *show*, aliás ele mesmo parte deste e conjuntamente com os demais são responsáveis pelo clima descontraído, alegre e divertido tão valorizado por todos.

Figura 15 – Espaço interno, *Duboiê*.



Figura 16 – Dinâmica da pista na hora do *show*, *Duboiê*.



Figura 17 – Dinâmica da pista na hora do *show*, *Duboiê*.



Enfocando a Atlanta

A casa noturna em destaque, no gênero *dance club* como explicitado anteriormente, apresenta algumas diferenças em seu traço constitutivo promovendo a necessidade de uma reflexão sobre este *enquadramento* inicial.

Se o traço predominante de um *dance club* refere-se à sua característica de espaço dançante, podemos afirmar sobre esta pertencer ao gênero, porém se tomarmos outro traço característico no qual a música utilizada nestes espaços é considerada “*atordoante e alucinógena*”, (Cf. Calil, 1994), a aproximação não seria apropriada. O motivo é simples, apesar de sua infra-estrutura, pista de dança com as últimas novidades sonoras, de iluminação, a presença do *Dj*, *do Lj*, bares, tipos de festas promovidas, etc., o perfil musical predominante é o da “*música mais comercial*”, como ressaltou Taricano, sócio-proprietário.

Vale registrar que houve, por parte dos proprietários, uma tentativa de aproximação com a “*cultura clubber*”, termo utilizado por Taricano, porém “*o público da região não aceitou muito bem o estilo*”, concluiu. Outro proprietário, Marco Galo, afirmou sobre a proposta de implementação do estilo *lounge*⁴ estar ligada a tentativa de difusão do estilo na região, pois, segundo ele, “*pagode, axé e dance tá tocando em todo quanto é posto de gasolina*”. O empresário procurava, então, “*trazer para a cidade o que tem de mais novo no mercado, em termos de concepção de espaço...*”.

⁴ Segundo Calil (op. cit., p.376), o referido estilo é oriundo da Inglaterra, onde por imposição da vigilância sanitária as casas noturnas deveriam privilegiar espaços de descanso, com oferecimento abundante de água. Esclarece a autora que o fato tem ligação com os altos índices de consumo de drogas lisérgicas, ácido e *ecstasy*, pelos jovens londrinos sendo sua principal reação inicial a sede e as contrações musculares. Daí o ambiente *Lounge* privilegiar espaços para reencostar-se, grandes áreas abertas com acesso fácil à bebedouros e vários bares.

Para tal realização os proprietários buscaram parceria com o grupo que detinha os direitos sobre a *Zoster*⁵, acreditando ser seu período de existência na região, no mesmo local inclusive, um bom indício. Para a composição do ambiente contrataram o mesmo decorador que concebeu as primeiras casas paulistas do gênero, *Love* e *Love Lounge*.

Como reconheceu Taricano “*não foi uma boa idéia*”, identificando o fator de erro ligado a não terem considerado “*as características da região, a cultura das pessoas*”. O empresário identifica São Caetano como uma cidade pequena onde “*as pessoas que não se conhecem se reconhecem*”. “*De domingo, por exemplo, muitas vezes são os pais que trazem os filhos até a porta da casa, e muitas vezes vêm buscar*” (sic), aludindo à estas circunstâncias dificuldade de transgressão, característica que identificou como marcante na manifestação anterior. Estes comentários do proprietário foram os argumentos principais de sua tese de não haver possibilidade da aceitação de seu público “*dessa coisa de música eletrônica, consumo de droga, apelo sexual, seja para um lado ou para o outro*”, referindo-se ao *heterossexualismo* e *homossexualismo*. A experiência de Taricano na vida noturna lhe proporciona acesso ao conjunto de informações sobre a, chamada, “*cultura clubber*”, induzindo-lhe a estas conclusões, aliás demonstrando equilíbrio na análise sobre o gênero.

A referida experiência, da *Zoster*, durou aproximadamente três meses até os proprietários resolverem modificar a *linha* e privilegiar um estilo musical mais comercial. Esta iniciativa aproximou-os do trabalho desenvolvido pela *Atlanta* na cidade de Atibaia, de propriedade e direção dos

⁵ Casa noturna no estilo *underground*, divulgado pela mídia como *Dark*, que compôs sua estrutura baseada noutra casa, no mesmo gênero, de muita repercussão em São Paulo chamada Madame Satã. Durante o início da década de noventa atraiu um público razoável, “*mais por ser coisa nova na região*”, comentou Taricano.

irmãos Laerte e Luiz Sampere, na qual privilegia-se a música dançante “*mais comercial*”, residindo aí o elo de interesse entre os empresários.

Inaugurada em 24 de maio de 1999, a *Atlanta* atingiria em um mês aquilo que a *Zoster* realizou apenas na inauguração, ou seja, reunir mais de mil pessoas em suas instalações.

Depois de oito meses de funcionamento a *casa* registra números surpreendentes de frequência, aos sábados recebe aproximadamente novecentas pessoas e no domingo aproxima-se da marca de mil e seiscentas, garantindo o sucesso da *casa* “*enquanto estilo e investimento*”, comenta Taricano.

Localizada no último andar do *shopping center* da cidade, (Cf. Figura 18) como ressaltado anteriormente, é composta por três distintos pavimentos cada qual oferecendo atrativos distintos. Após passar pela *revista*, (Figura 19), realizada na porta de acesso, tem-se contato com o caixa devendo ser adquirido o ingresso, ou, nos dias cobrados apenas os valores da consumação mínima a aquisição das fichas de consumo. Após a realização da operação, e depois de vencer os sete lances de escadas com seis degraus cada, ou a realização do referido percurso através do elevador, é acessado o primeiro pavimento. Com aproximadamente seiscentos metros quadrados é composto pela chapelaria, e mais um caixa logo na entrada à esquerda, (Figura 20), e à direita uma porta isolando este ambiente do outro, o interior da *casa* propriamente dito. Para atender os clientes intencionados em guardar suas blusas, bolsas, entre outras, ou ainda adquirirem novas fichas de consumo, a casa mantém no referido espaço entre um e três funcionários, número que depende do movimento.

Aos domingos, em função do enorme movimento, a verificação dos documentos e o recolhimento dos ingressos são realizados neste espaço, afim

de dinamizar o fluxo de pessoas entre a porta de acesso, próxima ao estacionamento, e o interior da *casa*.



Figura 18 – Formação da fila de entrada, *Atlanta*.

Figura 19 – Revista, *Atlanta*.



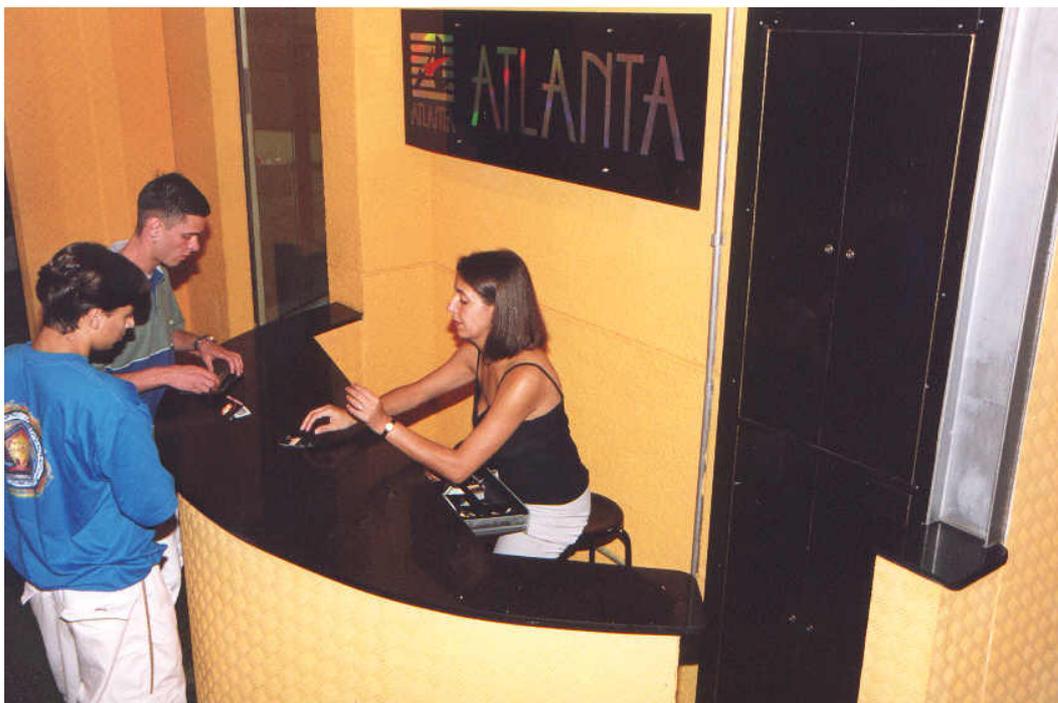


Figura 20 – Aquisição do ingresso, *Atlanta*.

Figura 21 – Chapelaria e Caixa, *Atlanta*.



Ultrapassando a referida porta, o contato é com o ambiente do bar, localizado logo à frente desta e circundado por mesas e cadeiras, portanto, ocupando um espaço central neste ambiente. Sob um fundo preto, as prateleiras exibem garrafas das bebidas mais sofisticadas disponíveis. Tal qual a constituição do balcão o espaço interno aonde atuam *barmans* também é ovalado sendo possível o trânsito de um lado para o outro. Afim de facilitar o trabalho os equipamentos necessários à sua realização, *freezers*, liquidificadores, espremedores de frutas, facas, porta gelo, copos para *drinks*, canudos, guardanapos, pias, mesas, etc., são encontrados em ambos os lados.

A decoração deste ambiente remete a algo futurista, onde o metálico e o prateado, encontrados tanto na tubulação do ar condicionado como na proteção das instalações elétricas, destacam-se sobre as cores preto e azul, predominantes. Conjuntos de mesas e cadeiras, pretas em metal com formas arredondadas, ocupam os espaços laterais formando um corredor entre estas e o balcão, combinando linhas retas e curvas.

Espaço de encontro, os grupos, as pessoas que o ocupam têm objetivos específicos: aquisição da bebida, encontro, bate-papo ou estão simplesmente de passagem; esta, porém, geralmente ocorre sob um ritmo mais lento que o exercido no cotidiano pois ali é necessário procurar, observar, apreciar, se o intuito é encontrar. Em ambas as laterais do bar há corredores conduzindo à pista de dança, uma vez ser este o espaço privilegiado da *casa*, pelo menos é a principal referência obtida através das entrevistas.

Seguindo no trajeto em direção ao “*espaço do agito*”, no corredor pelo lado direito há um mezanino ocupado por outro conjunto de mesas e cadeiras. Seus dois degraus, com aproximados dez centímetros cada, proporcionam ângulos diferentes para ver e ser visto, bem como, outras alternativas de ocupação do espaço. Interessante a concepção deste espaço, ocupando um

lugar de destaque no corredor permitindo a seus ocupantes uma ampla visão dos transeuntes, ficando em destaque também para estes.

O corredor do lado esquerdo é ocupado por três conjuntos de mesas e cadeiras, ficando parcialmente encoberto e com pequena movimentação costuma ser ocupado por aqueles procurando certa privacidade, como casais por exemplo, ou ainda por aqueles pretendendo descansar. Nos dias de maior movimento, como a *casa* fica totalmente tomada e a circulação é difícil, este local costuma ser ocupado por jovens que valorizam mais o bate-papo do que a pista, bem comum neste estabelecimento.

Figura 22 – Jovens Batendo-papo, no *Atlanta*.



Um exemplo ligado a interesses distintos aos predominantes na atividade, identifiquei no depoimento de AS; quando questionei sobre o que ele procurava naquele lugar, respondeu:

“O que eu procuro, ah! me divertir, mulher, mulherada, é o principal (...) tem vez que encontra cara, tem vez que não, tem que vez que você fica na paquera de longe, sorrisinho daqui e ali e não passa disso, mas a diversão é de lei, divertido sempre é...”

Buscando conhecer mais sobre os interesses e motivações dos frequentadores do *Atlanta* foi solicitado a AMF um posicionamento sobre seus interesses, e ele apresentou-os da seguinte maneira:

“Olha... primeiro, primeiro pela minha faixa etária eu já procuro um lugar que seja mais tranquilo, tranquilo não é, hoje no caso eu vim aqui porque tem um aniversário e tal, mas eu também eu me surpreendi porque não é aquela coisa de danceteria pesada, maçante, tem local para você conversar, bater um papo. Outra coisa seria o estacionamento, o estacionamento com segurança, te deixa mais tranquilo você colocar o carro aqui dentro tranquilo porque esquece do carro, essa preocupação..., e que mais que se procura... aí é você ter no caso ter um ambiente que você possa fazer amizade e tal, como eu não conheço eu vim a primeira vez aqui eu tô meio assim deslocado mas você procura um contato, aquele contato que todo... paquera... você vê que tem muita gente bonita e tal, ter gente bonita é muito importante”.

Os depoimentos apontam dados interessantes interferindo na opção pelo local. Houve referência à estrutura e à frequência relacionando-as diretamente aos principais interesses, porém a dança, ou o dançar, sequer foi mencionado. Tal qual estes dois relatos outros foram levantados e através destes podemos compreender a valorização das *casas* oferecendo espaços diferenciados, possibilitando distintas formas de sociabilidade, como já apontou Calil (1994), porém vale ressaltar ser a música e a dança o principal atrativo identificado no conjunto das informações recolhidas.

Prosseguindo em minha incursão pelo ambiente do *club*, observei que ligando os dois corredores laterais havia um outro ligando-os, uma passagem de um lado a outro. Um dos vários *cantos* existentes na *casa*, geralmente utilizados para o namoro, para curtir a dois, ou simplesmente um

“...canto para uns amassos, principalmente quando tá rolando um som romântico, aí a luz fica escurinha... aí o bicho pega meu..(risos)...” (AS).

Imediato ao corredor descrito temos as escadas de acesso aos ambientes externos, e nestes espaços a cor predominante é a bege. Dois lances de escada e encontra-se o “*bar de fora*”, nomeado por Boni, o gerente da *casa*. Segundo ele este espaço só é disponibilizado quando o número de pessoas exige, ou ainda nas noites muito quente. A área deste espaço é de aproximadamente cinquenta m²; mais a esquerda outro lance de escada possibilita o acesso ao terraço. Este com aproximados quatrocentos m² tem um espaço central livre, com o piso quadriculado em azul e preto e o seu entorno ocupado por um conjunto de trinta mesas, em material metálico de cor preta com formas arredondadas. Deste espaço tem-se uma visão ampla da cidade. “*Lugar ideal*

prá levar uma gatinha em noite de lua cheia”, afirma Rodrigo, um dos Dj’s. De volta ao itinerário, já nas proximidades da pista, no final do corredor próximo ao início do balcão do bar, encontrei um *puff* enorme, daqueles característicos das casas *lounge*, um remanescente do período da *Zoster*. Como este encontrei outros pela *casa*, “*a galera curti, e usa prá tudo, prá dormir, prá descansar, prá namorar...*”, comenta Boni. Na parede, na qual aquele encontra-se recostado, duas grandes janelas, redondas, oferecem a vista da noite, e parte do estacionamento e da cidade, dependendo do romantismo de que olha. Como estas há outras, uma forma de explorar a localização da casa noturna, muito valorizada aliás.

Figura 23 – Momentos de descontração no *puff*, *Atlanta*.



Após o “*início da noite*”, estes espaços vão sendo disponibilizados conforme o acúmulo de pessoas. Sendo uma *casa* de razoável dimensão, a fim de promover uma ocupação gradativa e com isso diminuir a sensação ruim causada pelo espaço grande e vazio, além de não permitir a observação detalhada sobre as instalações, sempre apresentando um “*probleminha aqui, outro ali*”, conforme destacou Taricano. Assim, a pista fica isolada do espaço do bar por uma cortina vermelha e a presença de um segurança, e o piso superior tem seu acesso bloqueado por uma corrente posicionada nos degraus iniciais da escada

Os proprietários buscaram adequar a experiência obtida no *Duboiê* à esta nova *casa*, e o resultado tem sido positivo. Taricano tem razão sobre as impressões do público em locais muito amplos com número reduzidos de pessoas. O jeito tímido de se deslocar pelo espaço, a busca pelos cantos, pelo outro, pelo grupo, comprovam a tese do proprietário.

Entre o momento em que a *casa* abre para o funcionamento e o início da festa os últimos detalhes são repassados, a iluminação, os vídeos, o som, etc. Normalmente o momento da abertura da pista coincide com o início do trabalho do *Dj*, causando um certo alvoroço, uma busca desordenada por aquele espaço.

Com relação a elaboração das seleções musicais, a sua preparação, Rodrigo Di Palli, o *Dj*, esclarece:

“Preparar a noite..., preparar assim... numas, agora que eu já sei aqui por exemplo o que a galera gosta já tem meio na cabeça o que vai tocar, já fica meio tranqüilo. Mas quando você chega numa casa que não conhece ninguém, isso e aquilo, que eu já fiz um monte disso em um monte de festa que eu fui fazer tanto

interior como em outro estado fora de São Paulo, a gente não sabe o que vai tocar, tem que chegá na hora e tem que levar um monte de coisa separada, você chega ali ah! vou tocar isso aqui, então é isso aqui, eu vou tocar aquilo ali, entendeu, então tem que pegar na hora. Mas aqui numa casa noturna é mais fácil para você, você sabe o que a galera curte, você vai entrando com umas outras diferentes no meio do sucesso para ver se vai embora, se não for você já corta e não toca mais ou vai tentando, entendeu, mas não é difícil. Depois que uma casa noturna fica legal aí fica fácil, entendeu, mas têm que estar antenado em tudo, eu acho que não pode perder o negócio de sair à noite eu não posso perder nunca” (sic).

O *Dj* recorre ao seu relacionamento com a pista, e sua condição de “*antenado*” na moda e nas últimas novidades do mercado, para indicar os ingredientes para o sucesso na “*condução da noite*”. Este pode ser constatado já no primeiro contato dele com o público, pois ao abrir-se as cortinas vermelhas Rodrigo entra em cena, num clima espetacular, “*detonando, arrepiando logo, pois aí a galera que vem aqui prá isso valoriza logo, curti... saca...*”.

Adentrando a pista, cuja dimensão é próxima aos quatrocentos metros quadrados, tem-se imediata visão da cabina do *Dj*, localizada no outro extremo tem destaque pela altura, à cerca de dois metros, pela estrutura e pelos equipamentos que comporta. O espaço desta é de aproximadamente oito metros quadrados, divididos entre o iluminador, o *Dj*, é claro, e alguns convidados, às vezes alguns dos proprietários também procuram uma visão da

pista daquela posição. Na *Atlanta*, o telão fica sobre a cabina, portanto o público sempre está voltado para seu lado, salvo algumas exceções.

Em ambos os lados encontram-se dois degraus, com uns quarenta centímetros de altura cada. Lugar concorrido por oferecer uma boa visão do todo e, é óbvio, uma condição de destaque no ambiente.

Alguns grupos, mais assíduos, exercitam suas coreografias como se participassem do *show* não em uma condição comum, como os demais, mas como destaque, tal qual a sua posição nas escadas.

Pela condição privilegiada o espaço também é ocupado pelos seguranças, geralmente quatro, dois de cada lado. Munidos de equipamentos eletrônicos para comunicação, a qualquer indício de conflito sua ação é rápida e contundente.

Digno de destaque é a composição do teto. Com um fundo fosco, provocando a sensação de não se conseguir determinar a profundidade, abriga vários globos, de dimensões distintas, uns mais altos outros mais baixos acentuam a sensação descrita. Para completar o conjunto, construindo uma imagem futurista, o espaço reúne canhões de luzes, de lasers, luzes estroboscópicas, *spot-lights* coloridos, que somados com as tubulações do ar condicionados mais as proteções das instalações elétricas e a máquina de fumaça, todas em prateado, completam o quadro.

As laterais são de vidros, blindados é óbvio, porém entre este e o espaço de permanência do público há uma proteção metálica e sobre os vidros uma cortina, em material sintético na cor preta mas com elementos vazados permitindo visualizar-se o outro lado, com menor intensidade, mas possível. *“Medidas de segurança, na verdade só para evitar que os engraçadinhos fiquem fazendo pressão contra o vidro”*, comentou um dos seguranças.

Codorna, como é conhecido o iluminador, é o responsável pela elaboração dos programas de luzes e efeitos, como por exemplo a máquina que solta uma fumaça, que “*não é tóxica, tem em vários sabores, e o preferido da galera é o ‘Tutti Fruti’*”, ressalta Codorna.

Sobre seu trabalho afirma a necessidade de entrosamento com do *Dj*, conhecimento dos programas, bem como conhecimento técnico para eleboralos, e “*sensibilidade para colocar tudo em ação*”, conclui.

A imagem abaixo é um registro de Codorna e Rodrigo em ação, logo no início de um baile.



Figura 24 – Codorna e Rodrigo, no *Atlanta*.

Rodrigo ao referir-se ao seu trabalho, no momento de interação com o público descreve um conjunto de conhecimentos, de capacidades que um

profissional, bom. Deve procurar pôr em prática. Ressalta a necessidade de um “*feeling*”, sobre uma capacidade de descobrir “*o que o povo quer ouvir*”.

Em suas palavras:

“Você tem que saber o que o povo quer ouvir, você vai sentido, você tocando a música, mesmo que você não conhece a galera você vai sentido até você chegar numa praia que... porra acho que eu caí na praia certa...”

Rodrigo, ao seu modo, retrata momentos de sintonia com o público, de comunhão, o que para ele é o máximo, o que o fez deixar de trabalhar na Nestlé, aonde “*ganhava até que legal*”.

“Uma vez encontrado a praia certa a gente se entende, o que eles querem ouvir, e o que eu quero sentir..., tesão em ver a pista na loucura. Quando está o gás total, isso acontece, de repente você tá tocando... por isso aqui é uma casa que toca tudo, entendeu, você tá tocando um axézão que o pessoal tá cansado de ouvir no rádio, Vampiro por exemplo mas aqui é loucura, loucura, todo mundo com a mão assim aqui em baixo, com a mão pulando e dançando, você sente a galera, sente a galera dando risada e gritando. Essa reação que você vai sentido, que faz vibrar, que...”

Segundo o entrevistado o público estabelece, indiretamente, a composição das seleções musicais através do seu posicionamento. Se tocando determinada a agitação é geral, ela provavelmente será repetida até que entusiasmo diminua, se não houver resposta adequada, não toca mais. Em sua

opinião o contrário também é possível, em função das músicas traçarem um perfil do público, e exemplifica:

“Aqui na Atlanta, por exemplo, o pessoal gosta de axé, rap de boy, música que toca nas rádios, tipo Charles Brown Jr, por exemplo. Então quem são, são jovens, estudantes, pessoal daqui da região mesmo, molecada gente boa entendeu. Porque se o cara curte techno pesado aí é outra coisa, aí é nego da noite mesmo, é caro do babado forte, aí é Sampa, aqui não tem....”.

Na figura que segue é apresentada uma visão panorâmica do espaço da pista onde é possível, ainda, constatar sobre sua constituição e ocupação. Nota-se nas laterais os desníveis mencionados anteriormente e, nestes, os atentos seguranças *“preservando o bom ambiente, um ambiente sadio”*.

Como a imagem foi registrada do palco, é possível identificar sobre a disposição dos jovens, de frente para a cabina, e sua movimentação peculiar.

Figura 25 – Visão panorâmica da pista, *Atlanta*.



A tônica desta movimentação é a de gestos conduzidos, movimentos repetitivos, agitando-se braços e pernas para baixo e para cima. “*Quando a seleção é axé, a coreografia acompanha o kit*”, ressaltou Codorna.



Figura 26 – Dinâmica no corredor, *Atlanta*.

As coreografias de axé, termo utilizado pela maioria dos entrevistados, ensejam duas questões que devem ser pontuadas. A primeira refere-se à possibilidade de repetição constante e ausência de criatividade por parte de quem dança, meros executores, uma vez sua elaboração pertencer aos bailarinos dos grupos musicais. Por outro, o mesmo fator, das coreografias já prontas, é visto como um elemento facilitador uma vez as pessoas poderem aprender as coreografias de várias formas. Referindo-se a estas LMN, destacou aquelas que em sua opinião são mais prováveis no cotidiano, enfatizou a partir de sua própria experiência, relatou:

“... eu faço academia já há um bom tempo então para mim é fácil eu já conheço as coreografias.., Axé é assim, é um estilo que cada música tem um tipo de coreografia que....ah você pode pegá as coreografias com o pessoal da lambaeróbica também, e na pista também com quem já sabe...é muito legal, quando eu estou dançando eu sinto prazer, eu estou fazendo uma coisa que eu gosto... então ensinar o outro é muito gostoso também, é uma forma de curtir...”.

Além, das possibilidades enfatizadas pela informante outro fator utilizado na argumentação leva em conta a maior dinâmica das coreografias, com movimentos ocupando melhor o espaço, os deslocamentos, outros gestos que não são do dia a dia; um detalhe também ressaltado positivamente leva em conta a similaridade entre a letra e o movimento sendo este um fator de facilitação, pois *“aprendendo um você tá aprendendo o outro também...”*, esclarece LMN.

Sobre a referência constante à sensualidade KCRS não vê com maus olhos, pensa ser um exercício importante,

“...essa coisa de mexer o quadril e tal, não vejo nada demais, a maldade tá é na cabeça das pessoas... eu faço e acho legal outras pessoas fazerem, é muito legal ver os meninos fazerem, hoje não tem mais aquela coisa ‘rebolar é coisa de menina’ entendeu... você vê, na TV todos os grupos fazem e tão fazendo o maior sucesso, por quê? Porque no fundo todo mundo gosta... é isso aí...”.

Alguns pontos destacados pelos entrevistados foram evidenciados nas observações, constando inclusive das imagens anteriormente utilizadas, por exemplo, sobre algumas pessoas procurando realizar as coreografias em conjunto, buscando aprender umas com as outras, uma exploração dos deslocamentos, entre outros.

Uma vez iniciado o baile a dinâmica de ocupação da pista leva em conta as músicas, a condução do *Dj*, o horário, os níveis de cansaço dos dançarinos, todos permeados pelos interesses em paquerar, estar com alguém. O cantar as músicas conhecidas, dançar “*todos os estilos*”, divertir-se também são marcas significativas.

Principalmente na pista o flerte, a paquera são evidenciados. Num clima de alegria e descontração a abordagem passa despercebida, ou melhor não fica tão em evidencia.. A proximidade, o contato, a movimentação própria do espaço são os elementos valorizados como facilitadores na realização da aproximação e da abordagem, “...*e outra todo mundo vem com o mesmo objetivo...*”, ressalta AS.

Esta interação da pista acaba por influir na ocupação dos outros espaços, promovendo uma articulação entre estes pautada nas necessidades criadas na dinâmica relação entre os sujeitos, na sua inter-relação por assim dizer. Assim, é possível observar um convite à um *drink* , uma parada para descansar, ou a busca por um lugar mais calmo.

As articulações

Neste momento torna-se necessário analisar como os estabelecimentos estudados articulam-se em sua dinâmica existência. Assim, procurei nestes espaços, nos objetos e ações (Cf. Santos 1997), uma linha permitindo traçar suas similaridades e distinções. No conjunto identifiquei nas referências música e dança, por ser através destas que as casas noturnas montam sua estrutura e o principal interesse encontrado no conjunto das entrevistas, o ponto de partida.

Como ressaltou Abramo (1994) boa parte das diversões dos jovens articulam-se em torno da música, no caso em questão da música e da dança, sendo através destas que as casas noturnas constituem-se. Outro aspecto importante sobre sua constituição, para melhor compreendermos sua *vitalidade* e valorização na atualidade, refere-se ao processo de socialização próprios da reestruturação urbana deste século que, “*criando a vida segregada*”, na era industrial acentuou-se com a considerável diminuição da importância de antigos centros de referência públicas, como as praças e as ruas por exemplo, transportando parte das “*experiências públicas*” para os bares, cafés noturnos, livrarias, cinemas, *shopping centers*, os quais devem ser compreendidos como forjadores “*de novos padrões culturais públicos de relações*”.(Cf. Frúgoli Jr., 1995).

Fato que vem ocorrendo desde o início do século, como registrou Jacoby (*apud*, Frúgoli Jr., 1995, p. 17), ampliado na sociedade contemporânea “*pela lógica de mercado*” e fatores como a necessidade de segurança, controle e seletividade.

Portanto, os espaços privados, interessando ao estudo aqueles compondo o circuito dançante de São Caetano do Sul, seriam portadores da “*experiência de rua*”, referida por Magnani (1995), ou “*pública*” afirmada por Frúgoli Jr. (*op.cit.*), criando um rico *diálogo* com a cultura, a cidade e a sociedade.

A busca por estes espaços ocorre, inicialmente, a partir da procura por diversão, pela festa, e a experiência e contato produzido por estes. Em vários momentos deste trabalho referi-me a dinâmica encontrada nos estabelecimentos abordados como festivos, sendo necessário algumas considerações sobre o conceito.

Como registrado anteriormente, a cidade em questão foi abordada em sua complexidade sendo necessário portanto, como ressaltou Vianna (1997, p. 65), levar em consideração, para aplicar o referido conceito aos bailes como é o objetivo deste, que São Caetano do Sul é uma cidade onde coexistem inúmeros grupos que têm estilos de vida, aqui entendidos “*como um modo compartilhado de usufruir o lazer e o consumo*” (Cf. Abramo, 1994, p. 148), e visões de mundo completamente diferentes uns dos outros, podendo gerar conflitos, ou acordos momentâneos mas nunca estabilidade ou consenso.

Assim, a festa pode ser entendida como um território com a potencialidade para a construção da identidade enquanto grupo, reafirmando valores comuns ou elaborando coletivamente novos valores, incluindo a contestação ou transgressão das normas que organizam a vida social e cultural desse grupo.

Ela pode apresentar-se, também, apenas como simples diversão, sem qualquer utilidade além de divertir, fazendo o homem “*esquecer o mundo real*”, pois este precisaria esquece-lo, de vez em quando, para reabastecer-se de energia e voltar a submergir na “*vida séria*”. (Cf. Vianna, *op.cit.*, p. 68).

A busca pela festa, ou mais precisamente pelas casas noturnas com esta intenção foi registrada no conjunto das entrevistas. Dialogando com FC sobre a questão, ela mencionou viver

“... um dia a dia cheio di preocupações ... di atribuições ... di responsabilidade, e quando vc sai prá ter o seu lazer vc vai se desligar disso, então não importa qual seja essa forma, desde que vc tá fazendo isso tá fazendo seu lazer ... vc tá ... é ... voltando seu pensamento prá aqui, as coisas que estão aqui ... é ... tendo alguma troca de alguma energia positiva né, das pessoas que têm, e isso é muito importante né ... , então eu acho que é a liberdade da rotina...”. (sic).

A ruptura com o cotidiano e a menção a “*energia restabeecedora*” são registradas nas declarações da entrevistada; estas ocorreriam em função do contato com o espaço, por ser descontraído, passando a sensação de liberdade que ela identifica da seguinte forma:

”... a sensação de liberdade..., assim de eu podê tá aqui conversando sem tá preocupada com mais nada, daqui a pouco dá uma volta, dança, voltá, podê ter liberdade dentro do espaço, olhá as pessoas se olhada mais sem uma preocupação ... com o corpo em aparência ... quando vc tá na empresa ... eu acho assim empresa é um ... tem uma coisa haver com a coisa presa de uma certa forma, mas eu acho que é uma palavra muito forte ... porque por exemplo a atividade que eu tenho hoje dentro da minha profissão é uma atividade que eu gosto muito ... eu não me

sinto presa a ela, eu tenho prazer no que eu faço ... só que o fato de fazer aquilo todo dia como obrigação, como responsabilidade ... sobre aquilo ... é ... exige uma tensão, uma atenção muito grande, uma concentração ... então isso por um período muito grande sem momentos de lazer, de festa, momentos de descontração ... acaba gerando um cansaço, acaba gerando ... a perda de um, a perda disso acaba não fazendo tão bem; então preso não é no sentido negativo, mas é no sentido mesmo di ... di ... di vc tem o seu dia a dia ... seja ele bom ou não, se a pessoa tá fazendo bem né ... aí uma maneira legal, mais você precisa de alguma coisa que quebre isso pra realmente complementá e equilibrar as duas coisas...”. (sic).

As intenções de KCRS são bem próximas às apresentadas anteriormente, sendo que ela destaca ainda os motivos determinantes na escolha do dia de realização, ou da busca da festa, da diversão. Afirma ela:

“Para mim eu só saio de sábado porque eu trabalho durante a semana então não tem como, domingo eu descanso e por isso eu aproveito que eu vou descansar amanhã para sair no sábado, para me divertir, para me distrair, para esquecer um pouco os problemas...”.

Mas a festa, de que estou falando, pode não ser nada disso, pode não haver, necessariamente um objetivo ou a busca de algum resultado, mas indivíduos reunidos somente pela satisfação de estarem juntos, portanto o

lúdico da circunstância nada teria a ver com finalidade, utilidade. (Cf. Maffesoli, 1998).

Tal situação é identificada nas declarações de LRN, a qual valoriza estar com o “*peçoal*” independente do que vão fazer, privilegiando a sociabilidade, que para Simmel, (*apud* Vianna, 1997, p. 69), “...*é a forma lúdica de ‘socioção’, completamente desinteressada, a forma pura, sem conteúdo*”. Vejamos as palavras da colaboradora:

“Não, não, o peçoal, normalmente... o final de semana chega e “para onde a gente vai hoje?” ou então “vamos para tal lugar?”, a gente vai para o lugar, a gente não vai para encontrar lá, as vezes vai para algum lugar para encontrar determinada pessoa, determinadas pessoas que estão lá mas normalmente a gente tá em turma e nós... ‘para onde a gente ia hoje?’, ‘vamos para o Country Beer, vamos para Twist’s, vamos para São Paulo’, aí... (...) É uma consequência, aí normalmente vai ou o quê que vocês estão querendo ouvir hoje, o meu peçoal gosta muito de country mas eu tenho um outro peçoal que gosta mais de techno, pop, então é assim a gente divide um pouco na sexta a gente vai country e no sábado a gente vai em techno, pop. Então a gente faz um pouco para agradar as duas partes”.

É nítida a valorização de uma “*alma coletiva*”, do querer viver algo compartilhado, (Cf. Maffesoli, *op.cit*), apresentando-se como uma matriz englobando e animando o conjunto da vida cotidiana, demonstrando dimensões afetivas e sensíveis nas relações e desenvolvimento do grupo.

Ainda sobre a festa, Vianna (*op.cit*, p. 57-8), recorrendo a Duvignaud, aponta-a não como uma regeneração ou uma reafirmação da ordem social, mas a ruptura, a total anarquia. Destaca o poder subversivo da festa, não confinando-o a uma cultura, mas perpassando-o por todas como um grande “*ato destruidor*”. Para ele, a festa tornaria evidente a capacidade “...*que têm todos os grupos humanos de se libertarem de si mesmos e de enfrentarem uma diferença radical no encontro com o universo sem leis nem forma que é a natureza na sua inocente simplicidade*”. Uma capacidade que, segundo o autor, estaria “...*sendo vencida pela produção econômica e o crescimento industrial*”.

Por mais contraditórias que pareçam estas observações, foram identificadas na manifestação estudada em maior ou menor intensidade mas sempre presentes.

A figura central na elaboração, ou mesmo na realização, das festas nas casas noturnas é o *Dj*, e é ele também o responsável pelo controle de sua intensidade, administrando as batidas por minuto (bpm) de cada música crescendo e decrescendo de acordo com o momento e a intenção.

Alexandre, o *Dj* do Duboiê, declarou não haver uma forma pré-estabelecida determinando um padrão na concepção da noite, tal qual Rodrigo do *Atlanta* e Michel da *Twist's*, crê ser o diferencial o *feeling* do profissional, portanto, próprio de cada um. Referindo-se à sua maneira de conduzir a noite explica:

“Começa de noite, maresia, rola um som maneiro até meia-noite, meia-noite e meia, aí é o pico mesmo, legal, é da 1 até as 3 e algumas vezes das ... por exemplo aqui quando a banda para de tocar 4 horas da manhã já é hora de tá fechando a casa, às

vezes fica aquele pessoal no final que é melhor que no começo, entendeu, esse pico da 1 as 3 horas é pauleira porque o cara já tá, imagina, já tá chapado aí você coloca, começa a colocar umas coisas antigas, arrepiando, umas vezes esse pedaço final as vezes é melhor do que o começo...”

Observa-se que no início da noite o som mais lento é valorizado e no decorrer da atividade a intensidade das bpm vão sendo aumentadas paulatinamente para, aproximando-se do auge da festa, ou “*pico*”, ou ainda “*quando a noite realmente começa*”, utilizar as músicas de maior sucesso, mais atuais e mais intensas, para após duas ou três horas, dependendo da *casa*, diminuir paulatinamente as bpm para finalizar. Este foi o padrão encontrado em todos os estabelecimentos, ainda que os *Dj*'s insistissem não haver padrão. Consenso também entre eles é sobre a centralidade de sua figura no sucesso, ou não, da casa noturna. Sobre a questão Rodrigo afirmou o seguinte:

“...a galera assim, marca assim se não tiver agitado o pessoal olha e de repente vê que você tá .. a milhão o pessoal vai por você, porque o DJ na verdade é o coração da casa. Tem a promoção e tem o DJ, que na verdade o DJ é a estrela da noite, é o coração, o que ele faz ali o pessoal vai curtir”.

A forma carinhosa de se dirigir ao *Dj* “*no mundo noturno*” é *Grand Master*, dependendo de como este conduz a pista. Esta era a forma como as pessoas dirigiam-se à Guedes, por exemplo, identificando-o “*como o melhor da noite*”. De fato sua forma de conduzir impressionava. O diferencial estava em como selecionava as músicas, demonstrando enorme conhecimento do

estilo e de sua produção musical, como utilizava os *scratches*, (o arranhão da agulha sobre o vinil em sentido contrário), os efeitos, como realizava as viradas, (passagem de uma música para outra sem alterar as bpm, ou a transição lenta de bpm sem despertar a atenção da pista), tudo em sintonia com a iluminação produzindo, como disse antes, uma catarse coletiva. Na verdade não posso afirmar que as pessoas ali entravam em transe, mas existiam momentos em que todos pareciam fora de si.

Este contato com a pista, com a música e a dança foi responsável por promover as referidas sensações de “*reabastecimento energético*”. Em vários depoimentos houve referência a esta situação como produtora de liberdade, onde esta se manifestaria, e constante, também, a associação do prazer a este contato, a este exercício.

Dizendo-se extremamente atraída pela dança, pelo dançar, AJ ressalta a relação entre estes e a liberdade. Em suas palavras:

“Ah! Dança é minha vida, a coisa que eu mais amo na minha vida é dançar, eu acho que dançando você... faz bem para o corpo, faz bem para a mente, eu acho que para mim dançar é uma forma de esquecer todos os problemas, sabe... liberar (...) eu acho que é poder justamente dançar, você vai libera, você pode dançar do jeito que você quiser, da forma que você quiser, eu acho que é uma forma de ter liberdade”.

No *Duboiê*, havia, também, o clima de espetáculo, de *show* ao vivo produzindo uma movimentação que lhe é peculiar. Menos dançante, mais contemplativa, aonde o cantar junto e uma ligeira movimentação, geralmente

verticalizadas com braços e pernas movendo-se para cima e para baixo, é predominante

“Como que eu vou descrever o prazer... (risos),... prazer é uma sensação ah! sei lá, não aqui mas quando eu vou assim no show por exemplo, o cara tá tocando na tua frente assim, você vê na maior, voa entendeu.... você sabe, eu fico assim na maior... não sei explicar... Ah! você fica nervosa, assim, você chora, não sei, dá uma emoção assim, felicidade, assim... sei lá....assim sabe, tipo eu gosto de rock eu vou em show assim mas não para dançar, para olhar a banda, para conhecer banda nova, tem muita banda nova que é legal, coisas assim...”

As formas de conduzir dos *Dj's*, as características musicais associadas as estruturas espaciais, sobre tudo da pista, influenciam na formação do público, mas ao procurar descreve-los percebi não ser possível estabelecer um padrão, contudo, notei uma certa constância, possibilitando-me apreender algumas características básicas.

A *Twist's*, por suas características já descritas, atraía um público jovem, geralmente cursando a universidade, ou ainda vestibulandos e recém egressos, ligado a *dance music*, ao *techno*, ritmos mais dançantes oriundos do movimento das pistas da *disco* dos anos setenta, importante destacar a presença, em menor número, dos *cybermanos*, jovens de segmentos sócio econômicos mais baixos ligados a manifestação dançante (Cf. Palomino, 1999). O grupo predominante era aquele cujo segmento sócio econômico de origem permitia o consumo de *drinks* mais caros, como *whisky* ou coquetéis por exemplo, um modo de vestir acompanhando a moda, aonde a presença das

grifes era uma constante, e parte deste, tinha acesso, também, às drogas, geralmente as mais caras como cocaína e *ecstasy* por exemplo, ingredientes na composição do estilo.

É conhecida, e já foi abordada em outros trabalhos (Calil, 1994; Abramo, 1994; Palomino, 1999), a relação entre consumo de drogas e diversão noturna, ou melhor, diversão dançantes noturnas. No conjunto das pesquisas citadas é consenso sobre a incidência no consumo ser significativamente distinta da encontrada em outros países aonde a manifestação em apreço também ocorre, como por exemplo na Inglaterra.

Mas a idéia predominante, senso comum, é a de grande parte das pessoas ligadas a cultura *club*, para usar um termo mais atual, ser ligada ao consumo de droga, *desvios* sexuais, entre outros. Tal qual os trabalhos anteriormente citados, verifiquei, na dinâmica das casas noturnas estudadas, isto de fato não ocorrer. Há sim consumo de droga, porém não com a intensidade suposta, os números não diferem significativamente dos encontrados em setores da sociedade, como os registrados nas indústrias por exemplo, sendo, também, o álcool a droga mais utilizada.

O consumo de drogas, portanto, não foi encontrado em dimensão exagerada, mas foi encontrado, e quando o consumo não ocorria fora dos limites destas o local ideal para sua realização era o banheiro, e aqui entra em cena um espaço interessante das casas noturnas.

Por ser compreendido como espaço de contravenção alguns proprietários mantêm funcionários em seu interior, afim de exercer um maior controle sobre as situações inusitadas que ali ocorrem, sob o discurso de manter o ambiente asseado. Conversando com os responsáveis detectei outras formas de *contravenção* e situações próprias ao ambiente.

Dona Maria, funcionária do *Atlanta* afirma ser aquele o espaço aonde “*as meninas*” vão normalmente para “*fazer as necessidades e retocar a maquilagem*”, relatou sobre os assuntos predominantes serem os namorados ou paqueras, sobre a *casa* “*se é boa ou ruim ou o que mais gostam*”, as músicas, e a “*roupa das outras, vi que elas falam muito sobre isso*”. Um caso interessante destacado pela funcionária foi sobre ter surpreendido “*casal lá dentro do boxe*”. Também registrou ter surpreendido duas garotas consumindo drogas.

Para seu João, também funcionário do *Atlanta*, além da função de limpar, “*manter tudo arrumadinho e seco*” cabe a ele vigiar. Destacou três situações em que foi obrigado a solicitar a intervenção dos seguranças: a primeira ocorreu quando presenciou o início de uma briga, somente controlada após ação dos seguranças; a segunda refere-se ao consumo de drogas, não muito comum, mas já ocorreu; e a última após surpreender dois jovens transando dentro de um dos boxes do banheiro, e para sua surpresa, e desconsolo, dois rapazes.

Na *Twist's* registrou-se casos similares, sendo destaque o surto de um jovem que pôs-se a quebrar tudo, só sendo controlado pela ação, enérgica, dos seguranças.

Sobre o assunto, as transgressões, as brigas e a depredação, Marcelo, proprietário do *Duboiê*, fez a seguinte declaração:

“É, aqui meu banheiro nunca me deu esse tipo de problema mas eu concordo que é uma peça importante para isso e para nós pode parecer engraçado mas ele serve, o banheiro, as pessoas do banheiro servem como um... uma captação de... como se diz, eles captam muito a insatisfação ou a satisfação do cliente. É

impressionante porque se a pessoa tá brava com alguma coisa, se ela não gosta de alguma coisa ela chega no banheiro ela fala ou ela fala olhando para o espelho, ou ela fala para o amigo mas ela fala ‘pô fui mal tratado assim’ ou ‘nossa você viu que legal a banda tal’ é um... a gente tem assim como via de regra sempre perguntar... (pausa) a gente tem meio como via de regra sempre estar perguntando para eles, para as pessoas que trabalham no banheiro ‘e aí o que as pessoal falou, falou alguma coisa, não falou e tal, reclamaram da banda, não reclamaram?’ , quando a banda é nova, entendeu”.

O entrevistado levanta outra possibilidade de utilização para o espaço, ou seja, sendo um local de expressão dos sentimentos, das sensações, da demonstração da aprovação ou reprovação dos serviços da casa, pode ser utilizado na captação de informações que resultem no aprimoramento da *casa*.

No *Duboiê*, o público é constituído em grande parte por jovens, detendo características similares às encontradas no estabelecimento enfocado anteriormente, distinguindo-se apenas no gosto pelo estilo musical, nesta *casa* voltado ao *rock and roll*, como anteriormente explicitado.

Quem auxiliou-me a identificar parte deste público, traçando, inclusive, um perfil no qual relacionou-se roupa, estilo musical, *estilo de vida*, foi CS, que em seu depoimento afirmou:

“...assim têm as meninas mais arrumadinhas, os menininhos mais arrumadinhos, ficam numa mesinha ou então ficam em volta porque as vezes acaba, porque têm muita mesa reservada. Então quando eles não estão na mesa reservada eles ficam de pé

(...) têm muito cara que vem sozinho que fica só de olho para ver que mina que ele vai catar, você identifica assim, você vê pelo estilo de roupa porque é engraçado que jovem parece que gosta de andar de uniforme. Você vê que o estilo, os caras de rock andam sempre com camiseta de banda, calça preta, cabelo comprido e solto.”

Indaguei-a sobre a possibilidade de em função do observado descrever algumas características e gostos, e ela respondeu prontamente:

“Dá..., o tipo de música com o tipo de roupa. Que nem eu assim, de couro, cabelo comprido, solto, só que eu estou de cabelo preso, gosto de rock , já os rapazes rockeiros, assim muito jeans preto, camiseta de banda, menino só anda de jeans e camiseta de banda e tênis, porque aí fica a vontade entendeu mas é lógico que você vai assim você quer ver um cara mais arrumadinho, mais assim pressão vamos dizer (...) pressão, ah! é assim uma jaqueta de couro, barba feita, um gelzinho no cabelo arrumadinho, isso influi muito.(...) os caras do reggae. Cabelo tudo... nossa, parece que eles não lavam. Têm uns caras que faz o ‘hasta’, ‘hasta’ é legal mas também não lava, têm uns caras que não penteia o cabelo; ... calça bem largona, camiseta bem largona assim, aqueles ‘cânion’ que é super confortável, eu gosto disso. (...) Ah! Patricinha, com certeza, onde você vai tem, é polo, você vê na roupa delas têm pólo é patricinha, ou o cabelinho tudo escovinha, tudo aqueles que parece aquelas peruquinha assim de Barbie, geralmente loura, muita patrícia

loura.(...) Os boys, a mesma coisa tudo engomadinho, aquela calça Levis, um 'side walk', ou então cabelo comprido mas com topete que deixa aquela coisa grandona tipo Elvis assim mas sem as costeletas, sempre, sempre."

Embora a citação seja um pouco longa, resolvi utiliza-la na íntegra por entender que ela é esclarecedora sobre o assunto, e muito divertido ver os comentários da garota, aliás vale destacar que toda entrevista teve esse tom, divertido e descontraído, foi muito bom conversar com ela.

Outro comentário importante sobre o público do *Duboiê*, identificando-o como "*mais velho*", foi a de Marcelo, já registrado no momento em que destaquei a *casa*.

A predominância encontrada no *Atlanta* difere pouco do *Duboiê* excetuando-se pela faixa etária, nesta significativamente menor, também já apresentada.

Portanto a constituição do público, nos estabelecimentos estudados, compõem-se, quase que em sua totalidade, por jovens. Estou utilizando este conceito baseado nas referências apresentadas pela UNESCO, para qual a juventude compreende, em geral, o grupo de idade entre 15 e 25 anos. Embora essa limitação de idade atenda em parte aos meus objetivos, deve-se registrar que a situação social, econômica e psicológica dos jovens é tão diversa que torna-se difícil formular uma definição completa de juventude. (Cf. Orsini, 1977).

Conversando sobre seu conceito de juventude, MA expressa seu pensamento da seguinte forma:

“Olha eu acho assim que juventude é você é... sei lá não ser desanimado, acabado, sempre assim com aquela cara de emburrado. E de repente eu tenho 33 anos, não me acho velha de jeito nenhum, tenho o maior pique para qualquer coisa, se falar para mim vamos correr, vamos fazer isso, vamos não sei aonde, vamos conhecer tal lugar, eu tenho a maior disposição, para qualquer coisa. Aquela pessoa que de repente qualquer assunto que você conversa com ela, mesmo que de repente ela acha assim não tô muito por dentro, não acho muito legal, mas assim aquela pessoa que te dá atenção que de repente vai opinar entendeu... tem gente de 50, 60 anos e é muito agradável, é gostoso de conversar entendeu, parece que você está conversando com um garotão mesmo...”

Para MA, a juventude estaria ligada a um posicionamento perante a vida, uma forma de ser e de agir, mas ressalta não ser qualquer ação, ser principalmente aquelas ligadas à vitalidade, ao “*pique*”.

Não diferindo muito da percepção de MA sobre a questão JAG, apresenta um outro conjunto de informações, diz ele:

“Ser jovem... é ter capacidade de realizar as coisas assim... de fazer o que você é a fins, de... é isso porque ser jovem é você fazer o que você quer a hora que você quer, sem restrição física, psicológica e... também é isso”

Pequena diferença encontrei na concepção apresentada por DDB. Ela utiliza os mesmos princípios apresentados por seus antecessores, com o

diferencial de que nestas realizações uma maior parte da população seja beneficiada, apresenta preocupações mais amplas que o próprio prazer pessoal. Afirma:

“Juventude é ter idéias novas e fazer planos para o futuro, não só para sim mesmo, planos particulares mas para o mundo que você vai ver e quem sabe construir isso com outras pessoas. Hoje por exemplo, essa questão da ecologia, os jovens estão fazendo esportes radicais e aprendendo a lidar com a natureza, isso faz com que ele pense nos outros, nos seus filhos, tipo ‘comé que vai ser o mar quando meus filhos tiverem idade prá nadar’, por exemplo...”

Um dado observado junto ao público dos estabelecimentos estudados, refere-se a constante preocupação com a roupa e a aparência. Mello e Souza, (*apud* Abramo, *op.cit.*, p. 71-2), constatou ser a vestimenta uma evidência, à primeira vista, a todos os observadores, “...uma indicação de nosso padrão pecuniário...”, sendo, portanto, importante por apresentar sinais visíveis, nos espaços de circulação, do lugar que se ocupa na estrutura social.

A autora destaca a facilidade que a vestimenta apresenta para a articulação das estratégias de mobilidade entre grupos, através das possibilidades que apresenta como instrumento de simulação de *status* social diferente, afinal esta exige investimentos relativamente menores em comparação com outros elementos sinalizadores de *status*, além disso por sua eficácia nos espaços de exposição pública, onde geralmente ocorre o encontro de distintos segmentos sócio-econômicos.

Para Villaça (1998) a ato de vestir, não se limita a função de proteção, pudor ou adereço, ato de diferenciação constitui-se num ato de significar. A autora relata, sobre a roupa construir “*habitus*” pessoais que articulam relações entre o corpo particular e o seu meio, o espaço que o corpo ocupa, formas de negociação que dependem das “*técnicas corporais*” e modos de auto-apresentação. Assim, para ela, o sistema de vestuário mais os treinamentos corporais auxiliariam na formação deste “*habitus*” da organização de um espaço social regido por transgressões e proibições mais ou menos definidas. Portanto, os corpos modelados pelas tecnologias de movimento, ou constrangimento, “...e as técnicas de ‘*fashioning*’ o corpo constituem a primeira e mais visível forma denotativa de aculturação, expondo códigos de conduta e construindo uma cara, uma identidade, mais que marcando um corpo ‘*natural*’ ou ‘*real*’”.(op.cit., p. 108-9).

Mais que considerar a moda, ou ato de vestir-se, no sentido de consumo é possível pensa-la enquanto sistema abrigando outras formas de troca simbólicas e econômicas, (Cf. Craik *apud* Villaça, *op.cit.*, p. 109), expressando idéias, desejos, e crenças em circulação na sociedade numa dinâmica envolvendo questões ligadas a individualidade, identidade de gênero, multiculturalismo. (Cf. Wilson, *apud* Villaça, *op.cit.*, p. 109).

Portanto, a moda pode ser entendida como uma estratégia corporal na obtenção de maior expressividade, propiciando movimentos de simulação e dissimulação potencializando o poder do corpo de comunicar.

É importante notar que a diversão, a roupa o consumo articulam um universo interligado, sendo importante centro de referência os estabelecimentos estudos pela importância adquirida por estes na produção *da experiência de rua*. São fenômenos que se desenrolam justamente no cruzamento dos campos do lazer, do consumo da mídia, da criação cultural e

lidam com uma série de questões relativas às necessidades juvenis desse momento.

A dinâmica de funcionamento dos estabelecimentos apresentam grande similaridade no tocante à sua ocupação espacial. O *footing* característico das praças encontra-se presente, uma das características da experiência de rua incorporada. A convivência em grupo, quase uma multidão por assim dizer, valoriza a experiência do espaço compartilhado, além de desenvolver os efeitos da *proxemia*, ou seja, um processo de valorização da comunicação, enfatizando a participação neste, assim concebida a comunicação não seria o que indivíduo comunica, tornando-se um elemento que a compõem ele participa dela. (Cf. Maffesoli, 1998).

Como destaca Villaça (op.cit., p. 76) os corpos são objetos marcados pelas normas culturais e a suas articulações, de sua maior ou menor proximidade, possibilita a compreensão da organização social. A autora ressalta sobre a valorização, nas sociedades ocidentais, do olhar em detrimento aos demais sentidos e em especial o toque, pois a ênfase na distancia nas relações interpessoais testemunham o fato. Ela entende que muitas regras de *proxemia* podem ser interpretadas como ritos de evitamentos e exemplifica relatando sobre a utilização do metrô que mesmo em momentos de grande utilização há regras adequados ao contato, para tocar o outro.

Nos domínios das casas noturnas a situação não é diferente, apesar de todo essa mitologia de liberação do corpo este espaço não demonstrou significativa alteração nos ritos de interação. O que foi possível identificar foi existir uma maior tolerância aos contatos inoportunos nos espaços da pista, porém o mesmo não ocorre no bar, por exemplo, onde uma simples distração pode gerar um conflito.

É neste contexto que a experiência de liberdade é vivenciada pelos jovens urbanos. E as considerações KCRS demonstram as dificuldades encontradas na atualidade, não só para a experiência como também para a compreensão da abrangência desta, pois sem uma a outra padece. A entrevistada faz as seguintes ponderações:

“ah!.. assim as pessoas confundem um pouco liberdade porque você nunca tá livre para nada, as vezes você tá livre para uma coisa mas você acaba se prendendo a outras coisas, outras responsabilidades então você nunca é totalmente livre, eu acho isso. No lazer ah! eu acho que é você poder sair, chegar na hora que você quer, fazer o que você quer, com quem você quer e na hora que você quer”.

Mas a tônica encontrada nas entrevistada sobre a percepção e compreensão sobre a liberdade difere significativamente da apresentada, diz respeito às escolhas individuais, à diminuição do controle dos pais, “*dos outros*” ou da sociedade sobre o indivíduo. Ser livre seria ter a oportunidade de participar, cada vez mais, do mercado. Assim, seria a liberdade para escolher a roupa, o lugar para dançar, o novo carro, o lugar onde vai passar as próximas férias, a universidade onde vai estudar, ou seja opções no domínio do privado, pois no domínio público, como já ressaltado, desvanece. Assim, a liberdade seria o poder cada vez maior de decidir sobre assuntos privados relevantes somente para o indivíduo.

É o que podemos observar nos depoimentos que seguem:

“bom liberdade eu tenho porque eu moro sozinha já faz um tempo então quando eu morava com os meus pais eu sempre falava eu quero ter liberdade ... Ninguém me vigiando, danço, chego em casa a hora que eu quero, adoro me divertir, arrumo uns gatinhos de vez em quando..”.(AJ).

“Ah! liberdade ela é fundamental não é porque hoje se você for fazer uma coisa se sentir preso ou acuado você não tá fazendo nada com gosto, eu penso assim. Lógico, fica até mais fácil você poder se divertir, poder se soltar, você mostrar o outro lado, ver como é que é. Eu já tive desde de 16 anos, comecei a sair e chegar a hora que eu quisesse, eu sempre fui autônomo... Normal, o que eu vejo na liberdade é isso aí tipo assim de ninguém ficar no seu pé tipo querendo cobrar alguma coisa...”.
(AMF).

“A liberdade é você poder ir no lugar e você poder ser você sem você vestir uma máscara para a sociedade falando “ah! não eu vou... ”, nesse grupo eu sou assim no outro grupo eu sou de um outro jeito, então você vai num lugar para ser você mesmo, para você não ter que se moldar ao ambiente, entendeu. Frequentar um ambiente em que eu posso me sentir bem sem que eu possa perturbar os outros e sem que os outros me perturbem...”(CEB).

Últimas Considerações

As questões norteadoras deste estudo foram apresentadas e discutidas ao longo da construção do texto, o qual apresenta, ainda, minhas considerações sobre estas, resultantes do processo de pesquisa. Não obstante, alguns apontamentos finais se fazem necessários.

Ao investigar os espaços das discotecas, na cidade de São Caetano do Sul, procurando conhecer sobre como as pessoas percebem, experienciam e se relacionam, notei a importância destas na constituição e funcionamento da cidade, e vice-versa. Refiro-me aos aspectos legais, político-administrativos e, fundamentalmente, aos aspectos sociais, econômicos, culturais, arquitetônicos, religiosos e educacionais. É por meio destas atividades que, ao longo da história, se dá à construção do “jeito urbano de ser” dos cidadãos do ABC paulista.

Identifiquei, ainda, que é no seio da Cidade que se expressam, desenvolvem, criam, aparecem, explodem e declinam atividades e criações. Ela é o *locus* da existência do trabalho, do lazer, da religião, da família, dos sindicatos e da escola, onde floresce, ou desvanece, a civilização e a democracia no mundo contemporâneo.

No caso da Cidade estudada observei, ainda, uma tendência ao desprestígio dos espaços eminentemente públicos, como praças, jardins ou a própria rua. Diminuição, ou quase extinção, daquelas atividades de sociabilidade, pautadas na gratuidade e na valorização da convivência comum, como, por exemplo, o passeio na praça, às cadeiras na calçada, as brincadeiras de ruas, entre outras. Claro que isto se deve a atual dinâmica pela qual passa esse conglomerado urbano. Porém, julgo que estas mudanças apontam,

fundamentalmente, para a mercantilização das práticas de lazer, tão recorrente na atualidade. Há, em função do exposto, uma valorização, uma busca, pelos espaços privados, em detrimento aos públicos, sob a alegação dos “*perigos*” que estes últimos oferecem.

Estes fatos terminam por dificultar, ou mesmo subtrair, a possibilidade da importante vivência da *experiência de rua*, da *experiência pública*, gerando a evitação dos contatos face-a-face, da vivência compartilhada, do “*estar-junto*”, por meio dos quais tornamo-nos progressivamente membros de nossa cultura, acessando importantes e distintos códigos necessários a esta construção. Esse conjunto definido de normas, direitos, deveres, costumes, comportamento e expectativas que, inicialmente, podem ser caracterizados como pertencentes ao domínio público, em parte se realocaram nos espaços dos bares, cafés noturnos, *shopping center*, entre outros espaços de sociabilidade, promovendo alterações nos padrões culturais públicos de relações.

Desta forma, entendo que as casas noturnas evidenciam a oposição, público/privado no lazer, movimento que registra significativa restrição ao acesso à música e a dança e aos “*bailes de fim de semana*”, principais atrativos na diversão dos jovens, atingindo uma parcela razoável da população juvenil que busca nestes eventos uma forma de entretenimento e lazer. No entanto, vale ressaltar que o acesso às dependências das casas noturnas engendra um amplo conjunto regras, uma das quais diz respeito à cobrança do ingresso, o que acaba por gerar uma série de *táticas* e *estratégias* demonstrando uma certa resistência ao efeito acima citado, atos que acabam por esboçar uma rede de relações que não se pautam tão somente na busca do lucro.

Por outro lado é impossível negar a influência da mídia, do consumo, da criação cultural, destes fenômenos que acabam por ditar as modas e os modelos, a *casa* ideal, etc., valores que acabam por influenciar as escolhas, traduzidas nas roupas e no modo de se vestir, no vocabulário, nos comportamentos, na *casa* mais freqüentada.

Os espaços internos das casas noturnas apresentam as mesmas possibilidades de análises, pois passam pelo mesmo critério de constituição, ou seja, há uma lógica em sua ocupação/utilização que é possível compreender. Nas casas noturnas é possível identificar o espaço de maior tolerância, qual seja, a pista; neste o contato físico é compreendido como circunstancial, não desrespeitoso, efeito causado pelo dançar, pelo estar próximo. No entanto, foi possível registrar momentos de conflito e agressividade originados na pista. Há, também, o espaço privado, o banheiro, as dependências dos camarotes e salas *Vips*, cuja ocupação segue a mesma lógica do cotidiano. O bar pode ser compreendido como local de encontro, de domínio masculino, mas não limitado a estes. Há, ainda os espaços corredores, que abrigam o *footing*, dos cantos, das escadas e dos mezaninos, espaços ocupados quando a intenção é ver ou ser visto, para se encontrar ou se esconder, dependendo do momento e da circunstância.

É neste contexto que as noções de juventude, liberdade e prazer acabam por serem resignificados, como discutido anteriormente, e que me levou a considera-las como míticas, entendendo mito não em seu sentido vulgar, referindo-se não a ficção, engano ou falsidade geralmente utilizados pelo senso comum, mas como modo de falar, ver e sentir dimensões da realidade atribuindo-lhes significado e consistência, dimensões inatingíveis

racionalmente, pois apresentam-se como expressões simbólicas, por imagens e valores, expressões estas carregadas de conotações.

Ao invés de compreensão sobre a juventude, a liberdade e o prazer o que obtive de meus entrevistados foi à forma pela qual eles percebem estes conceitos no seu dia-a-dia, em suas relações, ou seja, sua percepção subjetiva sobre estes, apontando um nível elevado de desinformação sobre os conceitos. Claro que a construção desta subjetividade se dá de maneira objetiva, ou melhor, por meio das relações que estes mantêm com a sociedade em que vivem.

Esta forma de ver, sentir e falar sobre a juventude, a liberdade e o prazer, esta maneira de se relacionar *no* e *com* os espaços das casas noturnas acabam por influenciar a percepção/compreensão do fenômeno lazer, por parte dos entrevistados. Desta forma, é compreensível que este fenômeno seja compreendido como, quase que exclusivamente, evasão da realidade. Como espaço onde se pode viver as fantasias, onde “*podemos ser alguém*”. A pista oferece minutos de glória. Via de regra, a felicidade obtida é a *felicidade imaginada*, por isso passageira, restrita ao momento. Essa forma de utilização do tempo livre, nascida da submissão à disciplina do mercado, ainda que apresente vestígios de resistência, não se pode esperar que seja um *espaço* para o homem quebrar as barreiras da alienação, ou seja, que este se apresente como espaço privilegiado para o desenvolvimento pessoal e social. Porém, entendo que enquanto espaço de entretenimento tem oportunizado a, importante, experiência coletiva, onde os símbolos, normas e vivências permitem reconhecer e ser reconhecido, elementos tão importantes na constituição da identidade. Espaço que apresenta as mesmas condições da

vida comum, onde podemos encontrar os distintos interesses, as contradições, os conflitos reproduzindo as relações e processos sociais mais amplos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *CENAS JUVENIS: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda., 1994.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP, Papirus, 1994.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 6ª Ed. – São Paulo : Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999 a.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo : Boitempo Editorial, 1999 b.
- BETTI, Mauro. *Educação Física, Esporte e Cidadania*. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.20, nº 2 e 3. Santa Catarina, 1999.
- BAULDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa, Edições 70, 1976.
- BRAMANTE, Antônio Carlos. *Estamos vivendo uma civilização do lazer?* In: *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 4 (04) 1990.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante*. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense 1988.
- BRUHNS, Heloísa Turini. *Metodologia da Pesquisa na área de estudo do lazer: análise de um conteúdo programático*. Motrivivência, Santa Catarina, ano 5 nº 8, p. 47 -56, dezembro de 1994.
- BRUHNS, Heloísa Turini (org). *Introdução aos Estudos do Lazer*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- BRUYNE, Paul de e outros. *Dinâmica da Pesquisa em Ciência Sociais: os polos da prática metodológica*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A. 1977.

CALIL, Marinês Antunes. *A aventura do Estilo: um pequeno estudo dos “fashion clubs” do gênero “Dance Music” na cidade de São Paulo*. São Paulo – SP Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1994.

_____: *O retrato do Nation Disco Club: os Neodândis no final dos anos 80*. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor & TORRES, Lilian de Luca. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. P. 196-229.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. *Educação para o Lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

CAMPBELL, Joseph. *Para viver os mitos*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda. 1972.

CERTEAU, Michael de. *A Invenção do Cotidiano, 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes 1994.

CRIPPA, Adolpho. *Mito e Cultura*. São Paulo: Editora Convívio, 1975.

DA MATTA, Roberto. *O que faz o Brasil Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____: *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5^a. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DAOLIO, Jocimar. *Da Cultura do Corpo*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DEMO, Pedro. *Introdução à Metodologia da Ciência*. 2^a Ed. São Paulo: Atlas, 1987.

DORFLES, Gillo. *Novos Ritos Novos Mitos*. Lisboa: Edições 70, s/d.

DURHAM, Eunice Ribeiro.. *A Dinâmica Cultural na Sociedade Moderna*. In: *Ensaio de Opinião 2+2*. Rio de Janeiro: Ed. Inúbia, 1977.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1963.

_____: *Mitos, Sonhos e Mistérios*. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____: *Aspectos do Mito*. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____: *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercury, 1992.

_____: *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. - (Tópicos).

FEATHERSTONE, Mike. *O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento*. Tradução por Deborah Stuchi. In: *Textos didáticos*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Estadual de Campinas, v. 1, n. 13, p. 49-71, mar. 1994.

_____: *O Desmanche da Cultura: Globalização, Pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel : SESC, 1997. – (Coleção Megalópolis).

_____. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. Tradução por Júlio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995. Tradução de: *Consumer culture & postmodernism*.

FROMM, Erich. *O Medo à Liberdade*. 14ª. Ed. Rio de Janeiro – RJ: Editora Guanabara Koogan S.A., 1983.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. *São Paulo: espaços públicos e interação social*. São Paulo: Marco Zero, 1995.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan, 1989.

GRAZIA, Sebastian de. *Tiempo, trabalho y ocio*. Tradução por Consuelo Vazquez de Parga. Madrid: Tecnos, 1966. Tradução de: *Of time work and leisure*.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. 6ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HESSEN, Johannes. Teoria do Conhecimento. 6ª Ed. Coimbra, Portugal: Editor, Sucessor-Ceira, 1973.

JOVANOVIC, Aleksandar. *Hoje, cidade abriga gigantes da economia e lidera Ranking*. In: Raízes, Ano IX - Edição Especial. São Caetano do Sul – SP : Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 3ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 1991.

LEME, Dulce M.P.C. *Metodologia em Ciências Sociais*. In: Marcellino, N.C. (org.) Introdução às Ciências Sociais. 4 Ed. Campinas, Papirus, 1991, pp. 97-102.

LODUCA, Wilson.. *São Caetano: de várzeas alagadiças a “Príncipe dos Municípios”*. São Paulo : Hucitec – São Caetano do Sul : Prefeitura de São Caetano do Sul, 1999.

LUCCIONI, Gennie. *Introdução*, In: Barthes, Roland, *Atualidade do Mito*, São Paulo: Duas Cidades, 1977.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____: *O tempo das tribos*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor & TORRES, Lilian de Luca, orgs. *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1996.

_____: *FESTA NO PEDAÇO: cultura popular e lazer na cidade*. 2ª. Ed. – São Paulo: Hucitec / UNESP, 1998.

_____: *A rua e a evolução da sociabilidade*. São Paulo, Cadernos de História de São Paulo, nº 2, Museu Paulista, 1995.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do Lazer: uma introdução*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996. - (Coleção educação física e esportes).

_____: *Lazer e Humanização*. 2ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Fazer Lazer).

_____: *Lazer e Educação*. 2ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 1990 b.

_____: *Lazer um novo tempo*. Reflexão, Campinas - SP, nº 27, p. 77-91, Set./Dez. 1983.

MARQUÊS, Isabel. *A Dança no contexto: uma proposta para educação contemporânea*. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1996. Tese de doutorado. : Faculdade de Educação - USP, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *PESQUISA SOCIAL: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.

MORAES, Regis de, org.. *As Razões do Mito*. Campinas, SP: Papirus, 1988.

MORIN, Edgar, *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990.

OLIVEIRA, Paulo de Salles *O lúdico na vida cotidiana*. In: BRUHNS, Heloísa Turini (Org.). *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997. p. 11-32.

ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade: A França no século XIX*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

PARKER, Richard G. *Corpo, Prazeres e Paixões :A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

RAGO, Margareth. *Globalização e Imaginário Sexual, ou Denise está chamando*. In Revista Entretexos Entresexos – Campinas – SP. Universidade Estadual de

Campinas, Faculdade de Educação, Grupo e Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana, 1998.

_____: *Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar: Brasil 1890-1930*. 3ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

RODRIGUES, José Carlos. *O Corpo Liberado?* In: STROZENBERG, Ilana. De Corpo e Alma. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, Editora Espaço e Tempo, 1987.

RODRIGUES DA SILVA, Carlos Benedito. *Da Terra das Primaveras à Ilha do Amor: Reggae, Lazer e Identidade em São Luiz do Maranhão*. Campinas -SP - Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 1991.

ROMEIRO, Maria do Carmo. *O desafio de uma cidade*. In: São Caetano em revista. São Caetano do Sul – SP : Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1997.

ROSA, Maria Cristina. *Caixão e bandalheira: carnaval em Ouro Preto*. Campinas –SP Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1998.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de, org. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

_____: *O PRAZER JUSTIFICADO: História e Lazer (São Paulo, 1969/1979)*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____: *O espaço do cidadão*. 4ª edição, São Paulo: Nobel, 1998. - (Coleção espaços).

_____: *Metamorfoses do espaço habitado*. 5ª edição, São Paulo: Hucitec, 1998.

_____: *Por uma economia política da cidade: O caso de São Paulo*. São Paulo: Hucitec / Educ, 1994.

SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Série novas direções).

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução de José Isabel Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997. Tradução de Flesh and stone.

SERRANA, Maria de Toledo & BRUHNS, Heloísa Turini, orgs.. *Viagens à Natureza: Turismo, cultura e ambiente*. Campinas, SP. Papirus, 1997. (Coleção Turismo).

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*, 18 ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1992.

UVINHA, Ricardo Ricci. *Lazer na Adolescência: uma análise sobre os skatistas do ABC paulista*. Campinas –SP Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1997.

HÚNGARO, Susana Regina Vaz. *HISTÓRIA, MEMÓRIA, FICÇÃO: Um estudo comparado de “Memórias do Cárcere” e “O ano da morte de Ricardo Reis”*. São Paulo – Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, Faculdade de Letras, 1998.

VEBLEN, Thorstein. *Teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*. 2ª ed., São Paulo: Nova Cultural, 1987.

VELHO, Gilberto & CASTRO, E. B. Viveiros. *O conceito de cultura e o Estudo de Sociedades complexa: uma perspectiva antropológicas*. In: *Revista Artefato*. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Cultura, nº 1, 1978.

VIANNA, Hermano. *O mundo FUNK carioca*. 2^a. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

VILLAÇA, Nízia e GÓES, Fred. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro : Rocco, 1998.

Zapparoli, Alecsandra e MARTHE, Marcelo. *Entre o agito da pista e o olho da rua..*. In: Veja. São Paulo, Ed. Abril, 23/ 8/1999. –

REVISTAS, JORNAIS E OUTROS

BLANCO, Alessandra. *As Novas noites da disco*. In: *Caderno Mais!* – Jornal Folha de São Paulo 19/06/1998.

BURKE, Peter. *A contaminação da Pureza*. In: *Caderno Mais!* – Jornal Folha de São Paulo 30/05/1999.

CARVALHO, José Murilo de. *A liberdade dos pós-modernos*. In: *Caderno Mais!* – Jornal Folha de São Paulo 30/05/1999.

FIDELIS, Lara e LIMA, Daniel. *Explode a indústria do Entretenimento*. Livre Mercado, São Paulo, Edição nº 96, março de 1998. Entrevista.

KURZ, Robert. *A expropriação do tempo*. In: *Caderno Mais!* – Jornal Folha de São Paulo 03/01/1999.

PEREZ, Luís. *‘Carrão’ é objeto de atração sexual, dizem especialistas*. In: Classificados, Veículo 1 – Jornal Folha de São Paulo 29/08/1999.

ZIZEK, Slavoj. *O superego pós-moderno*. In: *Caderno Mais!* – Jornal Folha de São Paulo 23/05/1999.